



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE
LINHA DE PESQUISA 2: EDUCAÇÃO, INTERCULTURALIDADE E
DESENVOLVIMENTO HUMANO NA AMAZÔNIA.**

BRUNA CRISTINA SOARES PINHEIRO

**TECENDO SABERES ANCESTRAIS PELAS RAÍZES AMAZÔNICAS: UMA
NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA DE VIDA E DOCÊNCIA**

**MANAUS- AM
2025**

BRUNA CRISTINA SOARES PINHEIRO

**TECENDO SABERES ANCESTRAIS PELAS RAÍZES AMAZÔNICAS: UMA
NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA DE VIDA E DOCÊNCIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas, na linha de pesquisa: Educação, Interculturalidade e Desenvolvimento Humano na Amazônia, como requisito para a obtenção de título de mestre em educação, sob orientação do Prof. Dr. João Luiz da Costa Barros.

**MANAUS- AM
2025**

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

P654t Pinheiro, Bruna Cristina Soares
Tecendo saberes ancestrais pelas raízes amazônicas: uma narrativa (auto)biográfica de vida e docência / Bruna Cristina Soares Pinheiro. - 2024.
117 f. : il., p&b. ; 31 cm.

Orientador(a): João Luiz da Costa Barros.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Amazonas, Programa de Pós-Graduação em Educação, Manaus, 2024.

1. Educação Física. 2. Narrativas (auto)biográfica. 3. Identidade Docente. 4. Materiais pedagógicos da Amazônia. 5. Ensino. I. Barros, João Luiz da Costa. II. Universidade Federal do Amazonas. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título

TERMO DE APROVAÇÃO
BRUNA CRISTINA SOARES PINHEIRO

**TECENDO SABERES ANCESTRAIS PELAS RAÍZES AMAZÔNICAS: UMA
NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA DE VIDA E DOCÊNCIA.**

BANCA EXAMINADORA

Profº. Dr. João Luiz da Costa Barros - Presidente
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Profº. Dr. José Damião Trindade da Rocha
Membro externo PGEDA

Profº. Dra. Elizandra Rego de Vasconcelos
Membro interno PPGE

Prefº. Dra. Iolete Ribeiro da Silva
Membro interno PPGE

Prefº. Dra. Meire Terezinha Silva Botelho de Oliveira
Membro externo UEA

AGRADECIMENTOS

No coração da Amazônia, onde o tempo é medido pelo ciclo das águas e o conhecimento flui como os rios que nos dão a vida, expresso minha mais profunda gratidão a todos que fizeram parte desta jornada. Este trabalho não é apenas um requisito acadêmico, mas um ato de honra à minha ancestralidade e um reflexo do chão que piso.

Agradeço, em primeiro lugar a Deus que me presenteou com a floresta-mãe, onde por meio dela me ensinou a resiliência em suas árvores gigantescas e a sabedoria no silêncio de seus igapós. A Deus que criou a maior biblioteca viva, dedico o esforço de cada página escrita. Aos meus ancestrais, indígenas, negros, ribeirinhos, caboclos e a todos os povos que aqui fincaram suas raízes, minha reverência. Seus saberes, passados de geração em geração no fio do tucum, na fibra do cipó titica e no ecoar das vidas desta floresta, foram a seiva que nutriu esta pesquisa.

Ao meu orientador, Professor Dr. João Luiz da Costa Barros, minha gratidão pela bússola segura em meio às correntezas acadêmicas. Sua orientação foi como a estrela-guia para o canoeiro, mostrando o norte e permitindo que eu remasse com minha própria força e descobrisse meus próprios caminhos. Ao co-orientador Víctor José Machado de Oliveira, muito obrigada pelas orientações certamente foram significativas para tecermos fio a fio desta pesquisa.

À Universidade Federal do Amazonas, ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE com excelentíssimos Professores que contribuíram certamente na construção desta pesquisa e aos programas de financiamento e apoio pesquisa, CAPES, CNPq e FAPEAM, pelo suporte institucional e financeiro, que tornou possível a materialização deste sonho. Ao grupo de pesquisa GEPEFRI conduzido pelo meu orientador e aos membros pesquisadores, gratidão a todos, cada contribuição que fez do conhecimento aqui produzido retorne como fruto bom para nossa gente e nossa terra.

Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos aos membros da banca examinadora pela dedicação, atenção e contribuições valiosas durante a avaliação deste trabalho. Suas críticas construtivas e reflexões profundas enriqueceram minha pesquisa e me motivaram a aprimorar ainda mais meu percurso acadêmico. Agradeço pelo tempo despendido e pelo compromisso com a qualidade do ensino e da pesquisa, que foram fundamentais para eu chegar até aqui. Espero que esta pesquisa possa

contribuir de forma significativa para o campo da Educação Física na Amazônia, inspirando novas reflexões e práticas.

Aos amigos que a vida e a universidade me presentearam em especial ao Professor Vanderlan Santos Mota, gratidão pelas conversas, os cafés compartilhados e os encontros do grupo de estudo e por me apresentar o IRLA, tenha certeza do meu coração grato, estes encontros se transformaram em laços tão fortes quanto a fibra da juta.

Aos professores e colegas desta jornada de vida e acadêmica, pelas trocas valiosas, pelos debates que alargaram meus horizontes e pelas palavras que, como sementes, germinaram em novas ideias.

Por fim, agradeço aos rios que me atravessam e à força que emana deste chão sagrado, que este trabalho seja como uma canoa que leva adiante um olhar carinhoso a formação docente na Amazônia e o respeito pela nossa cultura, a valorização do nosso povo e a defesa incansável da nossa Amazônia.

Obrigada!

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Maria da Conceição Cascaes Soares e Sebastião Rodrigues Pinheiro (*in memorian*), que com o suor de seu trabalho e a força de suas palavras de incentivo, me ensinaram a nunca desistir. À minha avó, Creusa Lopes Cascaes (*in memorian*), contadora de histórias e guardiã das memórias e saberes, cujas bênçãos foram o amuleto que me protegeu. Aos meus irmãos e irmã muito obrigada.

À minha família, meu porto seguro, meu alicerce, minha esposa Erika Lima Rodrigues pela torcida e pelo ombro amigo nas horas de cansaço, você é o meu lar, meu refúgio de afeto e força. Obrigada por ler, ouvir e, muitas vezes, apenas por estar aqui, calando meu medo e celebrando minhas pequenas vitórias. Você foi o pão que me ajudou a carregar o peso desta caminhada, agradeço imensamente por fazer parte desta conquista que também é sua, amo você. A minha filha Lara Kássia, pelos debates e questionamentos reflexivos desta grande e desafiadora vida.

Ao mesmo tempo, dedico às inúmeras cientistas cujos nomes foram subtraídos da história da ciência.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Eu com 5 anos de idade brincando de festival folclórico	13
Figura 2– Tessituras pelas mãos da autora	22
Figura 3– Mapa de Localização do Município de Boa vista do Ramos.	46
Figura 4–paisagem da praça São Sebastião em Boa Vista do Ramos -Am.....	47
Figura 5- Localização geográfica do município de Maués/AM.....	51
Figura 6– Imagem da Praia da Ponta da Maresia no município de Maués –Am.....	52
Figura 7- Localização Geográfica do município de Parintins.	55
Figura 8- Imagem da área urbana do município de Parintins	55
Figura 9– O Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia.....	57
Figura 10- I Laboratório de práticas motoras e esportivas em 2012 no ICSEZ.....	57
Figura 11– EMEI Casulo Menino Jesus em 2018.....	64
Figura 12- Alunos representando a etnia Bororo.....	74
Figura 13- Mapa geográfico de Manaus.	76
Figura 14- Produção de implementos pedagógicos.	80
Figura 15– Aula de Educação no ensino Fundamental, utilizando o material confeccionado.....	84
Figura 16- Bilboquê	87
Figura 17– Vai e Vem	89
Figura 18– Pinos de boliche	90
Figura 19 - Dado	92
Figura 20– Cones.	94
Figura 21– Pratos de agilidade.	96
Figura 22– Escada de agilidade.....	98
Figura 23– Percurso realizado para colheita de insumos da floresta amazônica.....	102
Figura 24– Fibras de Cipó títica, preparados para tessituras.....	102
Figura 25– Material sendo confeccionado com insumos da floresta amazônica (chapéu chinês).	103
Figura 26- Participação no XXIII Seminário Interdisciplinar de Pesquisa e Pós- Graduação em Educação.....	110

RESUMO

O presente estudo está no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas, na linha de pesquisa 2 – Educação, Interculturalidade e Desenvolvimento Humano na Amazônia, emerge a partir da problemática da escassez de material pedagógico nas aulas de Educação Física e, neste sentido, a questão-central da pesquisa é: como a narrativa (auto)biográfica de ser professora no contexto amazônico, na construção de materiais pedagógicos oriundos da natureza, podemos contribuir na formação da identidade docente? Neste viés, o objetivo desta pesquisa é compreender a narrativa (auto)biográfica no percurso da história de vida e da formação no campo investigativo, bem como no processo de constituição docente no contexto vivido, tendo como foco a construção de material lúdico pedagógico, oriundos do bioma amazônico na perspectiva da sustentabilidade cultural e ecológica. A pesquisa tem como base teórica, Bourdieu (1983-2011), Bispo dos Santos (2023), Krenak (2022), Nóvoa (1995), Pimenta e Ghedin (2002), Josso (2004), Dominicé (1988), Passeggi (2011), Souza (2004), Moreira (2016), Daolio (2007), entre outros renomados teóricos que abarcam esta reflexão. Trata-se de uma pesquisa do tipo descritiva e exploratória, de abordagem qualitativa, a qual revelam as vivências e experiências de vida para a formação da identidade docente, utilizando o método de abordagem (auto) biográfica como um dispositivo de pesquisa e formação, quanto a técnica utilizada foi do “inventário de si”. Como resultados, destacamos que a narrativa de vida e a docência por meio da (auto)biografia emergem não como elementos separados, mas como fios entrelaçados que, juntos, formam a base sobre a qual o ser professor se constitui e se reinventa continuamente. A trajetória da professora, com suas vivências, valores e saberes, funciona como um alicerce que informa e dá sentido à sua práxis pedagógicas, na qual constrói materiais com matéria prima da floresta. As narrativas descrevem as experiências vividas e compartilhadas no percurso de vida e docência da professora/pesquisadora, visto o impressionante valor dos materiais pedagógicos produzidos de insumos amazônicos para a Educação Física nos múltiplos vínculos estabelecidos no contexto escolar. Esses materiais surgem a partir da cultura dos povos amazônidas, dos saberes da floresta, no resgate das tradições carregadas pelos nossos antepassados, num movimento de rememorar a história de vida e da docência tecidas nas relações sociais vividas no campo educacional, na própria comunidade da qual fiz parte, na produção da profissão docente em Educação Física.

Palavras- chaves: Educação Física; Narrativas (auto)biográfica; Identidade Docente; Materiais pedagógicos da Amazônia; Ensino.

ABSTRACT

This study is part of the Postgraduate Program in Education at the Federal University of Amazonas, within research line 2 – Education, Interculturality and Human Development in the Amazon. It emerges from the problem of the scarcity of teaching materials in Physical Education classes and, in this sense, the central question of the research is: how can the (auto)biographical narrative of being a teacher in the Amazonian context, in the construction of teaching materials originating from nature, contribute to the formation of teacher identity? In this vein, the objective of this research is to understand the (auto)biographical narrative in the course of life history and training in the investigative field, as well as in the process of teacher constitution in the lived context, focusing on the construction of playful pedagogical material originating from the Amazonian biome from the perspective of cultural and ecological sustainability. This research is based on the theoretical frameworks of Bourdieu (1983-2011), Bispo dos Santos (2023), Krenak (2022), Nóvoa (1995), Pimenta and Ghedin (2002), Josso (2004), Dominicé (1988), Passeggi (2011), Souza (2004), Moreira (2016), Daolio (2007), among other renowned theorists who encompass this reflection. It is a descriptive and exploratory study with a qualitative approach, revealing life experiences and events in the formation of teacher identity, using the (auto)biographical approach as a research and training tool, employing the "self-inventory" technique. As a result, we highlight that life narrative and teaching through (auto)biography emerge not as separate elements, but as intertwined threads that, together, form the basis upon which being a teacher is constituted and continually reinvented. The teacher's trajectory, with her experiences, values, and knowledge, functions as a foundation that informs and gives meaning to her pedagogical praxis, in which she constructs materials with raw materials from the forest. The narratives describe the experiences lived and shared in the life and teaching journey of the teacher/researcher, given the impressive value of the pedagogical materials produced from Amazonian resources for Physical Education in the multiple connections established within the school context. These materials emerge from the culture of the Amazonian peoples, from the knowledge of the forest, in the recovery of traditions carried by our ancestors, in a movement to remember the history of life and teaching woven into the social relations experienced in the educational field, in the very community to which I belonged, in the production of the teaching profession in Physical Education.

Keywords: Physical Education; (Auto)biographical Narratives; Teaching identity Pedagogical materials from the Amazon; Teaching.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO: ASSIM COMO OS RIOS, DESAGUAMOS PARA NOVOS HORIZONTES E CONTAMOS NOSSAS HISTÓRIAS.....	12
Nascente que emerge da fonte.....	12
INTRODUÇÃO - DA NASCENTE AOS FLUXOS E AFLUENTES	16
1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: NO ATELIÊ DE TESSITURAS: ORGANIZANDO OS CIPÓS	25
1.1 Fio-conceito de <i>hábitus</i> cultural.....	25
1.2 Fio-conceito da identidade docente	29
1.3 Fio-conceito da Educação Física cultural.....	34
2. PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS: NO ATELIÊ DE TESSITURAS: TECENDO OS CIPÓS	38
2.1 De fio a fio para tecer uma narrativa (auto)biográfica.....	38
2.2 Entre fios e emaranhados tecemos o inventário de si.....	39
3. NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS: TRAJETÓRIAS E VIVÊNCIAS NAS TESSITURAS DAS RAÍZES AMAZÔNICAS	41
3.1 Nos rios, nas árvores e no canto dos pássaros aprendi a viver	41
3.2 Do brincar no terreiro à escolha da profissão Professora de Educação Física	46
3.3 A formação docente em Educação Física na ilha Tupinambarana	54
3.4 Navegando pelos rios da docência	64
3.5 Atracando a canoa no porto da capital	76
4. DA CONFECÇÃO DOS MATERIAIS PEDAGÓGICOS AO RECURSO EDUCACIONAL: ATELIÊ DAS RAÍZES AMAZÔNICAS.....	86
4.1 Do ateliê a práxis docente	86
4.2 A floresta o nosso armazém.....	101
4.3 Os legados do recurso educacional.....	103
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: RIOS VOADORES A INFINITUDE DAS ÁGUAS ..	107
REFERÊNCIAS	111

APRESENTAÇÃO: ASSIM COMO OS RIOS, DESAGUAMOS PARA NOVOS HORIZONTES E CONTAMOS NOSSAS HISTÓRIAS.

Nascente que emerge da fonte.

Sou Bruna Cristina Soares Pinheiro, quarta filha de Maria da Conceição Cascaes Soares, uma técnica de enfermagem, ribeirinha¹ boa-vistense amazônida. Minha mãe concluiu a educação básica na fase adulta e adentrou no ensino tecnológico, a partir do qual firmou sua profissão. Atualmente, é funcionária pública aposentada, na qual contribuiu mais de 30 anos na área da saúde, no município de Boa Vista do Ramos. Meu pai, Sebastião Rodrigues Pinheiro, um fotógrafo que por necessidade e curiosidade tornou-se também mecânico e eletricitista, trabalhou em oficina própria para auxiliar com a renda familiar. Um homem com deficiência física que buscava em seu trabalho árduo, nunca deixar faltar nada aos filhos, principalmente, o acesso à educação, diferente da sua realidade, onde cursou apenas até o 4º do Ensino Fundamental, e mesmo, com pouco acesso ao chão da escola aprendeu muito com a vida.

No município de Boa Vista do Ramos, interior do Amazonas, minha infância retrata a vida ribeirinha do amazonense. Fui uma criança que teve acesso a brincadeiras tradicionais, aos banhos de rio, navegar de canoa, pescar, brincar nas árvores e terreiros². Nossa casa era de madeira com teto de palha e, vez ou outra, tínhamos que abrir palha para cobri-la, pois, o tempo e a seca do verão escaldante do Norte ressecavam nosso teto, e o ato de cobrir uma casa era em nosso pequeno município era uma festa, pois as famílias reuniam-se para ajudar a família que naquele período necessitava de um novo teto, e neste compartilhamento adultos, jovens e crianças reuniam-se no mesmo ambiente, os mais velhos contavam histórias para as crianças, enquanto nós as crianças aprendíamos a abrir palha e a criar nossos brinquedos. E assim, com os ensinamentos da minha avó, aprendi em forma de brincadeira a criar brinquedos de palha, fibra, cipó, madeira, argila e pano. Nas reflexões, Bispo dos Santos (2023, p. 24) ressalta que nas comunidades tradicionais, o brincar dos adultos está intrinsecamente ligado a prática e ao aprendizado dos

¹ Povos reconhecidos que residem à beira de um rio.

² Como são chamados os quintais de terra batida nas comunidades ribeirinhas da região norte.

modos de vida. Ele menciona que “brincávamos de ser adultos, e fazer o que os adultos faziam. E, assim aprendíamos a fazer tudo”. Isso sugere que o brincar não é uma atividade separada da vida produtiva ou cultural, mas sim uma forma de se relacionar com o mundo, de aprender e de construir a comunidade. Para o autor, o brincar é também uma forma de expressão cultural e de resistência.

Na época, não tínhamos brinquedos industrializados e os que tinha na cidade eram muito caros e meus pais não tinham condições financeiras para comprá-los. Então, nós gostávamos de criar e inventar nossos próprios brinquedos, portanto, fabricando-os a partir de nossa imaginação, um mundo totalmente nosso.

Figura 1- Eu com 5 anos de idade brincando de festival folclórico



Fonte: Acervo da autora (2024).

A figura 1 é a criança Bruna aos 5 anos de idade, brincando com adereços do festival folclórico de Boa Vista do Ramos, esta cobra representa a cobra mariquinha, figura popular e lenda do município.

Em meio ao brincar, ia a escola, onde cursei o ensino básico em escola pública. No ano da conclusão, dos meus estudos, quando tinha 17 anos, nossa vida mudou completamente, pois, perdemos meu pai para o alcoolismo, vindo ele a falecer em 2009. Meus irmãos mais velhos nunca moraram conosco. Era só eu, minha mãe e minha irmã, que é um ano mais velha que eu. Neste momento, também busquei forças

para ajudar minha mãe que adoeceu com uma depressão em decorrência do fato ocorrido com meu pai.

Assim, precisei decidir entre trabalhar ou cursar uma faculdade que pudesse vir a nos ajudar em casa. No início do ano de 2010, fiz, primeiramente, o curso de técnico em informática. Nesse período, morei por oito meses no município de Maués. Em paralelo ao curso, eu era atleta de handebol na liga Mauesense de Handebol e, por isso, acabei acompanhando meu primo que era treinador e professor de uma escola municipal; isso proporcionou ir me apaixonando pela profissão. No ano de 2010, ingressei na Universidade Federal do Amazonas, campus Parintins/AM, para cursar Licenciatura em Educação Física. Assim, precisei ir morar em outra cidade sozinha, o que me possibilitou descobrir novas perspectivas, possibilidades e amadurecer em um lugar vivencial desafiador.

A partir do 2º período da graduação, tive meu primeiro estágio na área da Educação, atuando em uma escola de periferia do município de Parintins-Am. Em decorrência do meu trabalho com a comunidade, nunca parei de trabalhar nesta área, até o último dia da minha graduação. Em paralelo à graduação e ao trabalho, também fiz parte de grupos de estudos, projetos e monitorias na Universidade que me deram suporte necessário para me apaixonar pela pesquisa, sempre atuante pelas melhores condições de ensino no campus.

De todo modo, minhas inquietações relacionadas à falta de material pedagógico para a área de conhecimento me cercavam. E, para amenizar essa lacuna, comecei a produzir materiais recicláveis com material plástico para utilizar na minha prática docente. No ano de 2018, após a conclusão do curso, regressei ao meu município Boa Vista do Ramos, onde fiz parte do corpo docente da rede estadual de ensino. E nos anos de 2022 e 2023, minha vida tomou um destino diferente. E, em 2023, me mudei para Manaus para acompanhar minha mãe após a descoberta de uma câncer, e que, arduamente, lutamos dia a dia pela cura.

Ainda, com todos esses acontecimentos repentinos, apesar da saúde fragilizada de minha mãe, a sede pela pesquisa ainda é muito presente. Atuo na área da educação como professora efetiva do Estado, desde 2019 e, os problemas que me acompanhavam desde a minha graduação, referente a falta de material no ambiente escolar para as aulas de Educação Física, ainda permaneciam. Desse modo, comecei a refletir que o uso de material plástico como opção não era tão cabível, pois a

reutilização destes materiais não evitaria desperdícios e geração de resíduos sólidos que impactam o meio ambiente. Isto é, ao reutilizarmos estamos prolongando ainda mais os descartes desse material na natureza que em algum momento chegará, dificultando a sustentabilidade da floresta amazônica.

Em relação a esse aspecto, em 2021, em uma aula de atletismo, utilizei o bambu³ para substituir o dardo, já que não tínhamos na escola esse material. Também, usamos alguns cones, um tanto grosseiros, feito de cipó para demarcação. Assim, surgiu a ideia de confeccionar materiais com insumos da floresta para as aulas de Educação Física. No ano de 2023, em uma aula na Universidade do Estado do Amazonas no município de Manaus, apresentei esses materiais aos professores. Logo, fui convidada pelo Professor Vandelan Mota a participar do grupo de pesquisa intitulado: Irla – Implementos Regionais para o Lazer. Esse grupo cria materiais alternativos com insumos da floresta para a prática do lazer nas Escolas Municipais, no qual desenvolvi o trabalho junto ao grupo de criação de materiais alternativos.

São esses desdobramentos que me fazem refletir em minha trajetória a possibilidade de construir uma proposta para compor como objeto de pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas. Assim, neste primeiro momento, apresento meu perfil biográfico, considerando meu percurso de vida e formativo, as experiências vividas na docência, evidenciando a busca pela construção da profissão professora em Educação Física, sobretudo de aprender os sentidos acerca da produção da vida-docência através da experiência do vivido.

Este tempo histórico, narrado por mim, torna-se indispensável para situar o campo de pesquisa e sua importância para minha vida, formação e profissão em ser professora. Neste trabalho, desejo levar você leitor(a) a caminhar comigo nas trilhas da floresta amazônica, nas escolas ribeirinhas, pelos rios de canoa e embarcação, pelas faces de cada agente que passou pela minha jornada e, assim, refletir sobre minha prática docente e a construção da identidade docente. Por isso, os convido a conhecer a terra Tupinambarana⁴ como polo de formação acadêmica, bem como meu município de nascimento, Boa Vista do Ramos, e suas comunidades rurais ribeirinhas.

³É uma planta tropical feita de material resistente, flexível e leve encontrada, também, na Amazônia.

⁴ Município de Parintins, localizado a 369 quilômetros de Manaus é conhecida como Ilha Tupinambarana.

Ainda, te convido a refletir sobre como trazer possibilidades de pesquisas na formação e prática docente nas terras amazônicas a partir das minhas vivências com os múltiplos vínculos estabelecidos na vida, universidade e na escola.

INTRODUÇÃO - DA NASCENTE AOS FLUXOS E AFLUENTES

“Eu sou este rio, esse sol, essa terra,
sou parte da selva, ela é parte de nós”
(Ronaldo Barbosa)

A epígrafe simboliza minha existência, e como estamos confluindo constantemente com a natureza, carregando a cultura do povo ribeirinho, o qual meu sangue carrega as raízes ancestrais e tradições caboclas, em meu corpo em movimento que habita nesta imensidão amazônica, esta pesquisa torna-se porta voz da importância dos saberes deste rico chão que nos alimenta pela alma para a formação da identidade docente.

As minhas raízes fincadas neste Amazonas, minhas experiências e vivências com natureza gera uma relação de cumplicidade que reverbera na prática docente. Este envolvimento forma minha identidade pessoal e profissional por compreender ser professora é um exercício que requer a disponibilidade para falar e interpretar os acontecimentos da vida e da profissão, que estão diretamente associados a uma série de elementos circunstanciais que partem das experiências entres os pares e os outros, em um movimento contínuo de ação-reflexão-ação, possibilitando desvelar os diferentes percursos na docência.

Esta prática de refletir na ação e após a ação, nos leva na busca das transformações sociais, tanto do cenário político e econômico, quanto cultural e ecológico, justamente por considerar a relação singular com o ambiente e os contextos interculturais que se apresentam na profissão docente imprimida por mim no Estado do Amazonas. Assim, temos consciência de que a marca da narradora sobre a professora reflexiva constitui uma proposta possível para enfrentar os desafios da formação docente, tendo a narrativa como um núcleo do processo de investigação.

Há mais de uma década, diversos autores, têm se empenhado em realizar uma crítica ao conceito de professor reflexivo. À título de exemplo, podemos destacar a coletânea denominada: Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito, organizado por Pimenta e Ghedin (2002), destacando os diversos capítulos que

compõe a coletânea, como os autores: José Carlos Libâneo (2005), Bernard Charlot (2005), José Gimeno Sacristán (2005), Silas Borges Monteiro (2005), dentre outros, analisam as origens, os pressupostos, os fundamentos e as características dos conceitos de professor reflexivo e professor pesquisador no movimento de valorização da profissionalização de professores, com a finalidade de pôr em discussão a ligação entre o conceito e as políticas de formação desses profissionais. Assim, este estudo é também uma prática formativa, em que as experiências pedagógicas foram tomadas como elementos fundantes de vida, docência e investigação.

Nesse contexto, Alarcão (2005) descreve o professor como um profissional que necessita saber quem é, e, as razões pelas quais atua, conscientizando-se do lugar que ocupa na sociedade. A autora acrescenta que “os professores têm de ser agentes ativos do seu próprio desenvolvimento e do funcionamento das escolas como organização ao serviço do grande projeto social que é a formação dos educandos” (Alarcão, 2005, p. 177).

Neste sentido, ser professor vai além do vivido em sala de aula. E, é neste sentido que buscamos, nesta pesquisa, valorizar as experiências e vivências docentes em sociedade como parte essencial da construção da identidade do(a) professor(a). Diante disso, podemos promover uma autorreflexão da ação, no sentido de contribuir nas práxis pedagógicas, essencialmente, do professor de Educação Física.

Ser professora utilizando os materiais pedagógicos produzidos a partir da floresta Amazônia exige um movimento de pertencimento em cada momento vivido, pois constitui um processo identitário como um modo de vida que levamos para docência. Diante desse panorama, Freire (1996), nos ajuda refletir dizer que, é o movimento realizado entre o fazer e o pensar, entre o pensar e o fazer. Ou seja, no “pensar para o fazer” e no “pensar sobre o fazer”, observando espaços e temporalidades distintos que a autorreflexão é constituída da curiosidade epistemológica sobre a prática docente.

Uma curiosidade, inicialmente, simples que em exercício constante, transforma-se em autocrítica. Essa reflexão crítica constante deve constituir-se como norte prioritário para a formação dos professores que buscam a transformação por meio de sua prática educativa, sobretudo marcada pelas experiências como docente que vivenciamos na escola, na família, na comunidade, nas relações partilhadas com os saberes e fazeres produzidos na história de vida e profissional.

Assim, as reflexões presentes nesta pesquisa emergem das experiências e vivências da autora pesquisadora em suas narrativas, sendo professora de Educação Física, mulher cabocla do baixo Amazonas; filha e esposa, na contínua construção da identidade docente, a partir da vida e da docência no Amazonas, que reverbera pelas raízes das suas heranças culturais adquiridas em sua trajetória historicamente situada, trazendo a cultura como ponto de partida nesta experiência do vivido, presente nas minhas narrativas, do lugar da profissão, valendo-se das memórias reflexivas enquanto professora.

Assim, assumimos o sentido de cultura que se apresenta com base nas experiências de vida e docência, como aponta Laraia (1986), “a cultura são produtos comportamentais, espirituais e materiais da vida humana, em que cada sociedade ou grupo social a detém, destacando sua dinâmica condicionada a nossa visão de mundo, de como nos entendemos e entendemos os outros”. Em termos gerais, a cultura tem uma forma simbólica, relacionada ao tempo vivido, às experiências, à comunicação, à arte, à interação social, à herança cultural e à tecnologia, como parte da formação dos indivíduos e da sociedade. O que podemos qualificar esse conceito, pelo fato daquilo que foi aprendido servir de referência para vida e para ação docente na escola e nas comunidades amazônicas.

Em relação a esse aspecto, podemos pensar também que, a formação da identidade docente perpassa pela autorreflexão de vida e profissão, caminhando pelas experiências culturais do indivíduo que percorrem por uma realidade dinâmica de construção de cada professor. De todo modo, a reflexão surge no sentido de compreender as múltiplas culturas amazônicas e de que maneira as mesmas contribuem na preservação das heranças culturais e tradicionais na educação, ainda que, se confluam nos avanços tecnológicos a criação de vínculos de valorização dos que trazem história e fazem história em suas singularidades e adentram nas escolas.

Assim, refletir sobre a formação da identidade docente dos professores na Amazônia é reconhecer a amplitude cultural, a complexidade territorial e humana desta região, seja pelas experiências de vida como nos espaços escolares.

Afinal, o termo “identidade docente”, segundo Rech e Boff (2021) emerge da percepção que temos sobre nós mesmos como sujeitos históricos, de acordo com o contexto, as vivências e as relações que cada pessoa estabelece com os outros e com o mundo. Ainda nesta dimensão, Zilberman (2017), discorre que cada pessoa

não é apenas uma generalidade, mas, um ente particular constituído por seu corpo, história, aspirações e desejos.

Rech e Boff (2021) ponderam, ainda que, a identidade docente, pode ser considerada como uma colcha de retalhos que está sempre inacabada. Portanto, se está sempre em construção e reconstrução, o que podemos considerar que, se tratando dos professores, estamos expostos às mudanças suscetíveis da humanidade, as quais as narrativas de vida e docência apresentam o projeto de si, interligando a história de vida e profissional.

Assim, com base no meu percurso formativo, das experiências na docência e das vivências nos processos históricos, sociais e culturais, faremos a reflexão da construção da minha identidade docente, na qual nesta inigualável profissão, me coloco num papel de lembrar histórias, vivências, experiências e expectativas, de reavaliar atitudes e tomadas de decisões, de reviver fatos marcantes e importantes, que fizeram sentido e contribuíram em minha formação, na busca pela construção da profissão professora de Educação Física no contexto do Amazonas.

É importante destacar que, o Estado do Amazonas é mundialmente conhecido pela sua grande extensão territorial, que abriga um bioma único de seres vivos, tanto na fauna quanto na flora, e apresenta diversas culturas e povos. Reconhecemos o Amazonas, em termos geográfico e social, é valorizarmos as culturas, os territórios e os agentes inseridos nesta imensidão. Ou seja, é ter um olhar humanizado nas pessoas que aqui habitam, para que possamos nos desprender de quaisquer concepções preexistente sobre a região, os habitantes e os costumes.

De fato, há uma preocupação em busca deste processo de humanização, pois nas palavras de Freitas (2025, p.18) nos alerta que, “Nossas 500 bilhões de florestas e mais de 2000 rios, inventados e cultivados pelos nossos ancestrais, continuam sendo depreciados pela ambição e arrogância dos humanos civilizados, que insistem num tipo de desenvolvimento predatório, que deprecia a natureza e põe o futuro da humanidade em risco de extinção e decadência moral”.

Essa compreensão é de suma importância para a realização de um trabalho que considere o ser humano em sua totalidade nas metamorfoses da sustentabilidade da Amazônia. Sendo assim, é necessário destacar que a região do Amazonas, por si só, já representa grandes desafios, além de ficar distante dos chamados “grandes” centros urbanos, nos quais as oportunidades de conhecimentos científicos são mais

presentes, ainda sofre com a enorme discriminação no que se refere às diversas culturas que aqui habitam (Amorim *et al.* 2021).

Por outro lado, a Amazônia é um dos biomas mais ricos em diversidade de espécies de plantas e de animais do mundo, com uma diversidade genética muito rica e pouco conhecida (Marcon *et al.*, 2012). Ainda, podemos destacar a existência de inúmeros conhecimentos, saberes e recursos para o desenvolvimento das atividades vinculadas à vida humana. Por exemplo, a pesca, a agricultura e o artesanato são aprendidos através das gerações para reinventarmos a vida a partir dos saberes ancestrais que nos permitem cultivar e manter os recursos naturais que são usados a partir desses saberes.

Barreto (2021) afirma que os saberes ancestrais são fontes de conhecimentos baseados na observação e na interação com a natureza, sobretudo, a partir dos relatos orais que incluem os saberes sobre as medicinas tradicionais e a relação desenvolvida com os valores intangíveis da floresta.

Nesse sentido, ser professora de Educação Física em um município no Amazonas, em pleno desenvolvimento territorial, social e econômico revela desafios. Isto requer uma dinâmica *a priori* do poder público para que possa pensar nas dificuldades de amparo aos futuros professores, desde a busca pela formação superior, as oportunidades de emprego e execução do trabalho. Isso deve incluir (a execução de) políticas públicas no sentido de priorizar a Educação Física na luta contra a discriminação social, a desvalorização do componente curricular no ambiente escolar, a falta de materiais pedagógicos que pode, muitas vezes, desestimular o docente no caminhar de sua profissão e o currículo adequado as realidades presentes nesta região.

A partir das minhas vivências e experiências nos espaços escolares, encontrei uma problemática recorrente, a falta de materiais pedagógicos para as aulas de Educação Física, onde é neste sentido que surge as contribuições das experiências de vida na construção de materiais pedagógicos utilizando insumos amazônicos: cipó titica, madeiras, sementes e fibras. Inicialmente, isso teve como objetivo de amenizar a falta de materiais pedagógicos nas aulas de Educação Física.

Contudo, com o passar do tempo e com as reflexões, passou a ter um caráter identitário a partir da promoção do resgate da cultura local e do conhecimento ancestral dos povos amazônicos presentes em cada material confeccionado pelas

minhas mãos e que atualmente passo esse conhecimento aos meus alunos. Assim, apresentamos a seguinte questão-central do estudo: **Como a narrativa (auto) biográfica de ser professora no contexto amazônico, na construção de materiais pedagógicos oriundos da natureza, pode contribuir na formação da identidade docente?**

Investigar essa problemática justifica-se devido à sua importância por meio de questões recorrentes das minhas experiências na graduação, como a falta de material pedagógico da Educação Física, que percorreram nas minhas experiências nas escolas municipais e estaduais. No intuito de discutir essa problemática, percorro pelas minhas vivências e experiências de vida na floresta e na Educação Física. Assim, teço através da criação e da memória, os ensinamentos da tradição da minha família que foram ressignificados por mim na construção de materiais pedagógicos com insumos amazônicos para a Educação Física.

Ao refletir minha prática docente, percebo que o obstáculo da falta de material pedagógico para Educação Física, e o cansaço por esperar soluções por parte da direção da escola, me incentivaram a começar a criar material pedagógico São insumos que, após o descarte, servirão de adubo. Por exemplo, o cipó títica amazônico é um parasita nas árvores. Sua ação é se apropriar das vitaminas e minerais do seu hospedeiro. Quando recolhemos esse cipó, não só contribuímos para a saúde das árvores, mas podemos utiliza-los para confecção de brinquedos, jogos lúdicos e implementos para Educação Física.

Este domínio de tecer com cipós para construir objetos utilitários, foi aprendido ainda cunhatã⁵ com minha avó artesã e costureira que utilizava desta prática para sobreviver. Ela traz esta prática consigo que foi ensinada por sua mãe enquanto uma fonte de renda e alimento para seus oito filhos. Esta mulher viúva criou sua prole confeccionando e vendendo bolsas, abanos⁶ e balaios; uma herança dos povos indígenas amazônicos que ultrapassa tempos e gerações, como tecer cipós para construção de paneiros⁷ para carregar mandioca ou produzir tipiti⁸ para secar a massa de farinha alimento essencial do povo amazônico.

5 A palavra tem de origem tupi na língua tupi e é usado principalmente na região norte, seu significado se refere a uma criança do sexo feminino.

6 Utensílio tipo um leque feito de palha

7 Um objeto tradicional, uma espécie de cesto feito de fibra vegetal, utilizado para diversos fins, um deles carregar colheita.

8 É um espremedor de palha tecido, utilizado para extrair o líquido venenoso da mandioca.

É por meio deste poder de criação, que desenvolvemos, por exemplo, o cone trançado que vai sendo moldado em brinquedos. Com isso, damos nova utilidade nas mãos de professores e alunos. Da mesma forma, também, ajudamos a revigorar a árvore que antes estava ameaçada pelo hospedeiro.

Bispo dos Santos (2023) comenta que há compartilhamento quando damos uma ação por outra ação, um afeto por outro afeto. Isso significa que há uma confluência entre humano e natureza num ciclo local de compartilhamento. Nas palavras do autor: “Se vejo uma árvore que não está em bom estado, vou cuidar dela e ela vai servir tanto para mim como para os demais seres” (Bispo dos Santos, 2023, p. 37). Esse parece ser o caso também do exemplo comentado acima, quando cuidamos para a existência da árvore continuar e nos beneficiamos do material que dela retiramos para dar sentido e significado para nossas vidas.

Na figura 2, apresento a tessitura realizada no grupo de pesquisa Implementos de Recreação e Lazer Amazônico – IRLA na Universidade Estadual do Amazonas no ano de 2023, esta experiência me propôs além das trocas de conhecimento entre graduando de Educação Física, como o aperfeiçoamento dos implementos feito de cipó titica. Esta relação do conhecimento empírico do fazer tessituras artesanais, fortalece as possibilidades pedagógicas na formação do Professor e práxis docentes.

Figura 2– Tessituras pelas mãos da autora



Fonte: Acervo da autora (2024).

É por isso que o desenvolvimento desses materiais segue outra lógica que contrapõe o neoliberalismo. Com Bispo dos Santos (2023) entendemos que é o fato de, ao habitar um ambiente, se tornar um compartilhante em vez de um mero morador. Ou seja, o compartilhante cria uma relação de pertencimento com o ambiente e o vê

enquanto uma entidade viva que deve ser respeitada. O material que criamos cotidianamente não é mercadoria; ele é orgânico, pois todas as vidas o podem acessar. A mercadoria é sintética (não orgânica) e, portanto, é lixo (Bispo dos Santos, 2023).

Com os saberes da floresta, compartilhamos outras possibilidades epistemológicas de uma relação com a vida existencial da Terra. Assim, surgiu a ideia de produzir material pedagógico tecido de cipó titica que servem de matéria prima para imaginação e criação de material pedagógico envolto a construção da identidade docente.

São essas ações que vão tecendo a conformação desta pesquisa que tem como foco minha história de vida e docência. Logo, esta pesquisa tem como objetivo **compreender a narrativa (auto) biográfica no percurso da história de vida e da formação no campo investigativo, bem como no processo de constituição docente no contexto vivido, tendo como foco a construção de material lúdico pedagógico, oriundos do bioma amazônico**. Assim a pesquisa direcionou-se pelos objetivos específicos: (i) descrever os lugares e os materiais produzidos pela professora pesquisadora a partir da história de vida e profissional; (ii) identificar e mapear os processos criativos de construção dos materiais lúdicos pedagógicos no contexto amazônico; (iii) apresentar um caderno pedagógico com jogos lúdicos da cultura amazônica possibilitados por outra lógica de produção da vida.

Neste sentido, destaco as experiências e vivências relatadas a partir do tempo vivido, os quais serão chamados de recordação de referência. Tendo por base o escrito de Josso (2020), tais recordações são as experiências que podemos utilizar como ilustração numa história para descrever uma transformação, um estado de coisas, um complexo afetivo, uma ideia, como também uma situação, um acontecimento, uma atividade ou um encontro.

Neste sentido irei descrever minha história de vida e docência como um ato de reflexão fundamental para a atuação mais consciente, autêntica e significativa, a partir das relações com as pessoas, os valores culturais e o contexto social que moldam crenças e visões de um mundo que se transporta para a docência em um movimento contínuo de saberes.

Após ter apresentado a Introdução - da nascente aos fluxos e afluentes, apresento a estrutura da dissertação, que estão organizadas em cinco fios nos quais

discurso reflexões fundamentais buscando transportar o(a) leitor(a) a conhecer a minha jornada de vida e docência na formação da identidade docente e as principais conclusões da pesquisa.

No primeiro momento abrange os pressupostos teóricos da pesquisa, intitulado “no ateliê de tessituras: organizando os cipós” discutindo os conceitos do fio-conceito de *habitus* cultural, seguindo do fio-conceito da identidade docente e por último apresentando o fio-docente da Educação Física cultural, estes fios simbólicos selecionados e preparados no ateliê, embasam constituição desta pesquisa.

No segundo momento apresento o percurso metodológico “no ateliê de tessituras: tecendo cipós, abordando os procedimentos e as ferramentas para a realização da pesquisa.

O terceiro momento as Narrativas (auto)biográficas: “trajetórias e vivências nas tessituras das raízes amazônicas”, trata sobre descrever os lugares, vivências, experiências e o mapeamento dos processos criativos e a apresentação da construção dos materiais pedagógicos produzidos pela Professora Pesquisadora.

No quinto momento “Da Confecção dos materiais pedagógicos ao recurso educacional: ateliê das raízes amazônicas”, apresento a construção de um caderno pedagógico com a descrição dos materiais e as possibilidades de jogos lúdicos da cultura amazônica, tendo como foco a utilização de implementos amazônicos, para navegar no mundo-vida.

Por fim, “rios voadores: a infinitude das águas” segue as considerações finais nas quais, nas narrativas de vida e docência, apresentamos a história de si, entremeada pela história profissional, considerando o percurso histórico e social da pesquisadora que caracteriza o exercício na docência, revelando possibilidades para atuação docente com a construção da sustentabilidade cultural e ecológica através dos *habitus* na produção dos materiais pedagógicos, da floresta à docência.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: NO ATELIÊ DE TESSITURAS: ORGANIZANDO OS CIPÓS

1.1 Fio-conceito de *habitus* cultural.

“O meu lado de índio é o melhor que eu tenho, é o meu lado moreno, é o meu lado do amor, sempre em paz com a mata, com a pureza da garça, sempre bem com a vida em pura harmonia com o beija-flor, eu vou caminhando este rio que é fonte da vida meu caso de amor, eu vou no bailado da onda, na dança marota que a mãe natureza me proporcionou”

(Emerson Maia)

A epígrafe traz uma relação direta com o objeto de estudo, da relação da vida com o ambiente, das vivências e experiências que constitui nossa existência, da cumplicidade do homem com a natureza, pois viver em proximidade com os ciclos da terra, com as melodias dos elementos naturais é uma conexão fundamental para o bem-estar corporal consigo e com os outros, que nos convida a profunda reflexão sobre nosso papel no planeta, a sutíliza no olhar de quem vive, neste ritmo de redescobrir a vida que se revela em meio a fricção com a floresta.

O que ao longo das narrativas é que eu pessoa e o eu professora, produzi a profissão em meio à escola com materiais pedagógicos oriundos da floresta pluricultural e biodiversa, na qual a vida foi carregada de essências do povo ancestral, no modo de se comunicar, na música, na dança, na crença, na educação, no alimento, na organização de um povo. Esses são alguns elementos da ancestralidade presentes na cultura, em um movimento de resistência da tradição passada de geração em geração, o que é imprescindível levar em consideração na minha trajetória de vida e docente, por descontinuidades e avanços, compondo minha profissão docente em Educação Física.

Fala-nos que o estudo científico dos povos se dá por meio da antropologia, que estuda os seres humanos a partir das suas vivências e experiências sociais, levando em consideração as culturas e seus movimentos durante o tempo vivido. Segundo Tylor (1873), cultura é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade.

Podemos destacar ainda que, a cultura é formada por um complexo de sistemas de significados que dão sentido às ações humanas, sejam eles as nossas ou as demais culturas. Isso possibilita o entendimento de que qualquer ação social é cultural e que, por isso, as práticas sociais que expressam, comunicam e produzem significados são práticas de significação da existência humana (Godoy e Santos, 2014). Entendemos que, a cultura está relacionada aos hábitos adquiridos pelo contato, tempo, experiência e heranças sociais. Dessa forma, podemos considerar que aprendemos a cultura desde o nascimento e a carregamos no decorrer da vida.

Concordando-se com os teóricos elencados, assume-se no presente trabalho que, na sociedade contemporânea, uma das formas de incorporar a cultura está ligada diretamente ao *habitus* conceito trazido por Bourdieu (1983), no qual o *habitus* surge da necessidade empírica de apreender as relações de afinidade entre o comportamento dos agentes, as estruturas e os condicionamentos sociais. Sendo assim, o *habitus* é “a história inscrita nos corpos individuais sob a forma de esquemas mentais e corporais de pensamento, percepção e ação”. Desse modo, o *habitus* se manifesta na vida cotidiana dos indivíduos, influenciando desde as escolhas estéticas até as práticas educativas.

Por outro lado, *habitus* cultural pode ser compreendido como um sistema flexível de disposição, não apenas visto como a acúmulo de um passado incorporado a partir de instituições sociais tradicionais, mas um sistema de esquemas em construção, em constante adaptação aos estímulos do mundo moderno (Bourdieu, 1983). Ele pode ser produto de relações dialéticas entre uma exterioridade e uma interioridade, visto de uma perspectiva relacional e processual de análise constante, capaz de apreender a relação entre indivíduo e sociedade, ambos em processo de transformação.

Ainda Bourdieu (1992), indica que *habitus* é uma matriz cultural que predispõe os indivíduos a fazerem suas escolhas. No entanto, ele destaca que o *habitus* não é destino é uma noção que auxilia a pensar as características de uma identidade social, de uma experiência biográfica, de um sistema de orientação ora consciente ora inconsciente. Logo, o conceito habilita a pensar o processo de constituição das identidades sociais no mundo contemporâneo.

Nesse sentido, refletimos sobre a cultura amazônica em sua totalidade, torna-se um grande desafio, pois, dizer que viver a cultura amazônica é confrontar-se com

a diversidade, com diferentes condições de vida locais, de saberes, de valores, de práticas sociais e educativas, bem como de uma variedade de sujeitos: camponeses, ribeirinhos, pescadores, indígenas, quilombolas, assentados, atingidos por barragens, entre outros.

Nessa perspectiva, os costumes e os valores na cultura amazônica estão no centro dos debates sobre a formação e a prática de educação popular e o seu estudo possibilita a construção de novas diretrizes e práticas educativas. É necessário compreender a cultura como parte da formação humana. É por meio das vivências e experiências com o mundo que adquirimos e produzimos cultura, que se torna essencial para existência humana.

Na relação com o mundo, é onde adquirimos valores que reproduzimos por toda vida em sociedade, esse processo ocorre de forma gradativa e sutil, de tal maneira que essa construção é percebida como algo “natural”. Segundo Daolio (1995), todo e qualquer ser humano será sempre influenciado pelos costumes de lugares particulares. Portanto, podemos dizer, que não há um ser humano sequer sem cultura. Ainda, o autor afirma que os comportamentos, as atitudes, os costumes e os gestos corporais desenvolvidos pelo ser humano são determinações culturais e ações construídas mediante uma sociedade que vive em determinado meio geográfico, momento histórico, político, econômico e religioso (Daolio, 2005).

Sendo assim, Bourdieu (2003), reafirma que a cultura não é um privilégio natural, mas produto da educação, percebemos assim, que o processo de construção da identidade cultural é bem complexo, pois, é a identidade que garante ao indivíduo a detenção de características que o diferenciam dos outros, bem como representa a possibilidade de ser reconhecido como membro de uma comunidade.

O sociólogo afirma ainda que é pela interação formadora de subjetividades entre os sistemas simbólicos e as diferentes práticas culturais nos variados momentos históricos que as identidades são produzidas. Essas interações estão envolvidas por complexas relações de poder, algumas mais visíveis que outras, e que impõem e validam certos significados culturais.

Este aspecto nos remete à compreensão da escola como espaço em que a luta pela validação de significados culturais ocorre a todo momento pelo confronto entre a cultura escolar e a cultura popular. O que podemos perceber ao longo das narrativas

é o que preconiza Freitas (2025, p.22) quando afirma que, “a cultura encontra-se imbricada à natureza, nós somos também natureza”.

Sendo assim, durante o processo de formação de identidade, o sujeito passa por diversas situações, históricas, sociais e culturais, as quais resultam suas características em uma forma singular de agir, pensar e sentir, no entanto, esse processo de construção de identidade depende, em certa medida, das vivências, experiências e ambientes em que cada agente se insere. Esse movimento nas palavras de Freitas (2025, p.22) nos mobiliza a enfrentar uma outra concepção de natureza no processo de construção identitária, quando diz que, “nossa concepção de natureza tem caráter não reducionista e não positivista de natureza. Centra no processo de construção de nosso saber e de nossas relações com a natureza, de forma sistêmica”.

Com isso, a cultura se apresenta através do *habitus*, em suas múltiplas camadas, e está intrinsecamente atrelada a construção da identidade docente, essa construção, moldando desde as crenças e valores mais profundos de se tornar professor até suas práticas pedagógicas em sala de aula.

Neste sentido, compreender o conceito de cultura é possível desenvolver a reflexão sobre um processo complexo, dinâmico e contínuo, no qual o sujeito constrói e reconstrói sua percepção de si mesmo como profissional. Longe de ser um caminho solitário e puramente individual, essa jornada é profundamente marcada por uma teia de influências históricas, sociais e, de maneira proeminente, culturais.

É possível dizer que, em geral, a cultura na qual estamos imersos desde a infância fornece o alicerce para visão de mundo, de seus valores e suas crenças sobre saberes, conhecimento e o papel do professor na sociedade. A influência cultural se manifesta de diversas formas no fazer docente. As práticas pedagógicas, por exemplo, não são neutras, elas carregam consigo as marcas da cultura do professor, que se refletem na maneira como ele se relaciona com os alunos, na seleção de conteúdo, nos métodos de avaliação e na própria organização do ambiente de aprendizagem.

É nas vivências e experiências descritas nesta pesquisa que passo por escolas que possui suas próprias normas, valores, rituais e tradições que influenciam diretamente o corpo docente. A forma como a escola lida com a diversidade, a autonomia do professor, a relação com a comunidade e as expectativas de

desempenho, as quais são elementos da cultura organizacional que impactam a maneira como o professor se vê e se posiciona em seu ambiente de trabalho.

Podemos dizer que, reconhecer essa profunda conexão com a cultura é essencial para a formação de professores mais críticos, reflexivos e conscientes de seu papel como agentes de transformação social.

Desse modo, em diálogo com esta pesquisa, Pimenta e Ghedin (2002, p.130) procuram afirmar que, "A formação do professor é um processo complexo que envolve ir além da dimensão técnica para alcançar a autonomia crítica. O professor reflexivo é aquele que problematiza sua prática, constrói conhecimento a partir da experiência e dialoga com o contexto social e cultural onde está inserido, promovendo uma práxis educativa que contribui para a transformação das realidades escolares".

Diante das compreensões anteriores, percebemos que perdura uma compreensão como a cultura permeia a própria identidade, em que os educadores podem desenvolver práticas pedagógicas mais abertas ao diálogo, à diversidade e às complexidades do mundo contemporâneo, relacionando estas vivências com *habitus* adquiridos pelas experiências sociais. Portanto, a identidade docente é um mosaico em constante construção, cujas peças são fornecidas, em grande parte, pelo contexto cultural.

1.2 Fio-conceito da identidade docente

Ao realizar uma leitura transversal dos referenciais teóricos partir da sociologia das profissões e do interacionismo simbólico, vemos que a identidade docente se refere a um conjunto de "formas identitárias", que resultam de uma variedade de processos de socialização dos docentes. Nesse processo, ocorrem transações entre uma "identidade para si" (que o sujeito atribui a si mesmo numa tensão entre o real e o ideal) e uma "identidade atribuída" (os "mandatos" que os outros e a cultura atribuem ao sujeito) (Dubar, 2005).

Nesta rede de sociabilidade na produção sobre a formação do professor, a identidade docente é um conceito fundamental na área da educação que se refere à construção e ao desenvolvimento da identidade do profissional. Ela envolve um conjunto complexo de características, valores, crenças e práticas que definem a atuação do docente dentro e fora da sala de aula. Essa identidade não é algo fixo ou dado, mas sim um processo contínuo de construção influenciado por múltiplos fatores,

como a formação acadêmica, as experiências pessoais, o contexto social e cultural, e as expectativas da sociedade em relação ao papel do professor.

Para tanto, a identidade docente refere-se a um conjunto de características, experiências e posições do sujeito atribuídas por diferentes discursos e agentes sociais aos docentes no exercício de suas funções, em instituições educacionais mais ou menos complexas e burocráticas. É construída a partir de uma variedade de experiências e saberes adquiridos ao longo da trajetória de vida dos professores, abrangendo desde a socialização familiar e escolar, à formação inicial e à socialização profissional no decorrer da carreira docente (Tardif; Lessard; Lahaye, 1991; Tardif, 2002).

Além disso, esses estudos evidenciam a identidade docente como processo contínuo e renovador, que envolve a reflexão crítica sobre a prática, resistência a estigmas sociais e construção de uma postura comprometida com a educação básica. A formação inicial, apesar de seu papel fundamental, necessita ser complementada por práticas formativas contínuas que dialoguem com as especificidades regionais e as demandas reais dos professores em exercício, sobretudo em contextos amazônicos desafiadores.

Sendo assim, é necessário levar em consideração, entre outras coisas, as trajetórias formativas vividas nas experiências docentes na construção dos materiais pedagógicos oriundos da floresta, em busca do conhecimento que legitime a profissão, ameaçada pelas condições de trabalho e pela precária formação inicial e contínua vivida que desconsidera as relações de sustentabilidade com as culturas e as naturezas nas aulas de Educação Física.

Por meio de estudos exploratórios, realizados no curso de pós-graduação em educação (PPGE) ofertado pela Universidade Federal do Amazonas, há pesquisas que se revelam e possibilitaram contextualizar o que vem a ser a formação docente entrelaçada com a vida e a docência, sob diferentes pontos de vista.

A tese de Santos (2015) oferece uma contribuição significativa ao analisar a identidade docente e formação dos professores Macuxi na Terra Indígena Raposa Serra do Sol. A pesquisa destaca a complexidade da identidade profissional desses professores, que articulam sua identidade étnica e profissional em um contexto marcado por preconceitos históricos, mas também por processos de afirmação identitária e autonomia intelectual. A interculturalidade emerge como eixo central da

formação, integrando saberes tradicionais e científicos em uma prática educativa diferenciada e politicamente emancipada.

Corroborando com este pensamento, apresentamos a dissertação de Souza (2016) que focaliza a identidade profissional dos egressos do curso de licenciatura dupla em Ciências: Biologia e Química, ofertado pelo Instituto de Saúde e Biotecnologia em Coari-AM. O estudo revela que a identidade docente se constrói de forma dinâmica e processual, articulando saberes científicos e pedagógicos, experiências vivenciais e interações sociais. Contudo, identifica desafios ainda presentes na formação, como a fragmentação curricular e a prevalência de uma concepção técnica da formação, que limita a interdisciplinaridade necessária à consolidação da identidade docente na realidade amazônica.

É possível destacar a tese realizada por Medeiros (2024) investiga a (re)construção da identidade de professores que atuam em escolas ribeirinhas do interior do Amazonas. O autor dialoga com teóricos como Anthony Giddens, Stuart Hall e António Nóvoa, enfatizando que a identidade docente na Amazônia se modula pela especificidade dos "territórios líquidos", onde o rio e a sazonalidade das águas influenciam as trajetórias e práticas docentes (Medeiros, 2024).

As pesquisas ressaltam a importância do contexto regional e cultural para a formação e desenvolvimento da identidade docente no Amazonas. O imaginário social sobre a Amazônia e seus desafios impacta as trajetórias profissionais dos professores, cuja identidade se constrói não apenas pelos saberes acadêmicos, mas também pelas experiências locais, interculturalidade e pelo enfrentamento de desigualdades históricas e sociais. Esse cenário singular demanda políticas educacionais e currículos que reconheçam e valorizem a diversidade cultural e geográfica da região.

Neste sentido, a identidade docente molda a maneira como os professores percebem a si mesmos e como exercem sua função educativa, impactando diretamente a qualidade do ensino e as relações estabelecidas com alunos e demais agentes escolares. Além disso, é formada por meio de constante transformação, demandando reflexão e adaptação frente aos desafios da prática pedagógica e às mudanças sociais contemporâneas. Dessa forma, a apresentar a identidade docente se revela essencial para compreender a dinâmica da profissão e fortalecer a valorização do trabalho docente.

Refletir a formação da identidade docente no contexto amazônico não pode ser dissociada das especificidades culturais, ambientais e sociais da região. O trabalho do professor está imerso em um território que ultrapassa o espaço físico da escola, estendendo-se à rede de relações e historizados nos locais. A existência em territórios multifacetados, como as comunidades ribeirinhas, demanda do professor uma adaptação que integra saberes técnicos, éticos e comunitários para fazer sentido na sua caminhada profissional (Medeiros, 2024).

Partindo dessas bases, entendemos que é preciso pensar a formação da identidade docente como um processo, cujo início se situa muito antes mesmo do ingresso nos cursos de formação inicial. Ou seja, desde os primórdios de sua escolarização e até mesmo antes, e que depois desses tem prosseguimento durante todo percurso profissional do docente.

É no sentido de revelar a importância da identidade docente a partir das vivências e experiências, ouvindo e narrando a história do professor que Josso (2004) enfatiza a importância das narrativas (auto) biográficas no processo de formação, exigindo capacidades de compreensão e de interpretação, afirmando que:

“a situação de construção da narrativa de formação, independentemente dos procedimentos adotados, oferecesse como uma experiência formadora em potencial, essencialmente porque o aprendente questiona as suas identidades a partir de vários níveis de atividade e de registros” (Josso, 2004, p. 40).

Colocar a pessoa do professor centralizado no processo formativo é fundamental uma vez que permite entender o significado do desenvolvimento pessoal no processo profissional do trabalho docente. Na concepção de (Nóvoa, 1995, p. 25), “[...] surge por isso (re) encontrar espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais, permitindo aos professores apropriar-se dos seus processos de formação e dar-lhes um sentido no quadro das suas histórias de vida”. Nesse contexto, constatamos uma nova relação entre “investigador e investigado, na qual não há lugar para neutralidade e distanciamento” (Olinda, 2008, p. 94).

Faz-se necessário esclarecer desde logo, que a identidade docente emerge em um construto complexo e multifacetado, moldado por uma teia de fatores que incluem a história de vida do indivíduo, suas experiências como aluno, a formação acadêmica, as interações com pares e estudantes, e o contexto sociocultural em que está inserido.

Não se trata de uma característica estática, mas de um processo contínuo de "vir a ser", uma identidade que se reconstrói ao longo de toda a carreira.

Nesta perspectiva, esta pesquisa, descreve sobre a prática, levando a professora-pesquisadora, a analisar criticamente suas ações, a confrontar seus ideais com a realidade da sala de aula e a identificar os saberes que emergem de sua experiência de vida. Esse processo de "dár-se a ler" para si e para os outros é crucial para a consolidação e a evolução da identidade docente.

Conforme se busca mostrar neste trabalho dissertativo, é que a relação entre identidade docente e a narrativa (auto)biográfica, fornece o conteúdo e a metodologia numa perspectiva de transformação social, as quais podem dar forma na reflexão de como um professor se vê como um mediador a partir dos saberes culturais e ecológicos da Amazônia, diferente daquele que se enxerga como um mero transmissor de informações. Suas escolhas, seus sucessos e seus desafios serão interpretados e relatados através das lentes de sua identidade na junção da cultura e da tessitura social de uma comunidade intercultural.

É nesse contexto, que refletimos em destaque, como o cenário educacional frequentemente marcado por prescrições curriculares e pressões externas, a narrativa docente pode emergir como um espaço de autonomia e resistência. Mais uma vez, a pesquisa nos ajuda a construir a própria história, no qual a professora tenta reafirmar sua autoria e sua capacidade de produzir conhecimento a partir de sua prática. Na perspectiva que o professor de Educação Física possa deixar de ser um mero executor de políticas para se tornar um sujeito ativo de sua formação e de sua profissão e sua identidade, principalmente, na construção dos materiais pedagógicos entrelaçados aos ciclos da natureza, das águas, das florestas, comunidades, às nossas floras, faunas, plantas, raízes, sementes, as quais se comunicam entre si e entre nós numa dinâmica existencial.

A circulação de ideias, predominantemente nos contextos acadêmicos, na área da educação, Nóvoa (1995) defende que a formação da identidade de professores deve se dar em um processo que integre a pessoa e o profissional, e a narrativa é uma via privilegiada para essa integração. Ao partilhar suas histórias, os professores não apenas se desenvolvem individualmente, mas também constroem um conhecimento coletivo da profissão, fortalecendo a identidade do grupo.

A discussão feita até aqui levanta questões a serem pensadas em relação a identidade docente que, não é apenas um tema a ser explorado na narrativa do professor, ela é a própria matéria-prima com a qual essa narrativa é tecida. É o que confere profundidade, coerência e significado às histórias contadas, transformando a narrativa em um instrumento essencial para a reflexão, o desenvolvimento profissional e a afirmação do ser professor em sua plenitude.

Tais pensamentos e conclusões contribuem para a compreensão aprofundada dos processos de formação e identidade docente em territórios socialmente e culturalmente complexos como o Amazonas, apontando para a necessidade de políticas educacionais inclusivas e currículos integradores. A valorização da interculturalidade e dos saberes locais, aliada ao fortalecimento da formação científica e pedagógica integrada, é essencial para fortalecer a identidade dos professores e sua atuação comprometida com o desenvolvimento ambiental e socialmente justo da educação na Amazônia. E versando sobre este conceito da identidade docente a partir das experiências vividas pela pesquisadora, professora de Educação Física que iremos abordar sobre a Educação Física e a cultura.

1.3 Fio-conceito da Educação Física cultural

Na escola, as aulas de Educação Física têm uma função social importante, pois, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), o componente curricular deve auxiliar na “valorização da cultura corporal de movimento como parte do patrimônio cultural da comunidade” (Brasil, 1998, p. 92). Em consonância, pontuamos que a Educação Física escolar deve ser percebida como prática cultural que traz sentido e significado para o educando, permitindo que aprenda e desfrute dos saberes culturais advindos da cultura corporal de movimento produzida pela humanidade.

Trazendo diretrizes mais recentes da educação brasileira, a Educação Física desempenha um papel fundamental no processo de valorização da cultura, especialmente no contexto escolar, ao integrar práticas corporais que refletem a diversidade cultural dos estudantes. Segundo a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018), a Educação Física deve promover não apenas o desenvolvimento motor, mas também o respeito pela cultura, pela diversidade e pela identidade dos alunos. Ao incorporar manifestações culturais locais, como danças, jogos e brincadeiras tradicionais, a disciplina contribui para o fortalecimento da autoestima,

pertencimento e reconhecimento cultural dos estudantes. Além disso, a BNCC destaca que a Educação Física é um espaço privilegiado para a construção de uma consciência crítica sobre as influências sociais, históricas e culturais que moldam as práticas corporais, promovendo práticas inclusivas e diálogo intercultural nas escolas. Dessa forma, a Educação Física torna-se uma ferramenta pedagógica essencial para promover uma educação integral, respeitosa e valorizadora das singularidades culturais brasileiras.

A Educação Física, analisada e pensada dentro da área educacional, é um campo de amplas possibilidades, tanto para formação social, como profissional. Contudo, destaca-se que um dos papéis principais da disciplina/conteúdo é a reflexão sobre a área de conhecimento denominada “cultura corporal de movimento” (Betti, 2007, p. 207).

Embasado no manuscrito preliminar da Base Nacional Comum Curricular, em 2017, apresenta um ecletismo no que diz respeito à concepção de educação física, isto é, não demonstra clareza quanto à defesa histórica deste componente curricular na educação básica e nem se alinha à reivindicação desta como um campo de conhecimento multidisciplinar e de intervenção pedagógica (Moreira, 2016).

Concepções como a que embasa a teoria sociológica de Mauro Betti afinam-se com essa perspectiva ao reconhecer que a Educação Física, como componente curricular, tem o objetivo de

“[...] introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, das atividades rítmicas e dança, das ginásticas e práticas de aptidão física, em benefício da qualidade da vida” (Betti; Zuliani, 2002, p.75).

Nesse entendimento, o usufruto da cultura corporal de movimento de forma plena é a integração das dimensões afetiva, social, cognitiva e motora. Os elementos culturais a serem trabalhados nas aulas de Educação Física, almejam a leitura crítica da realidade por parte do sujeito e sua colaboração no que tange a reconhecer e resgatar a cultura popular para o fortalecimento da identidade cultural por meio do legado das tradições populares. Assim, a Educação Física,

“se antes era definida como disciplina escolar responsável pelo ensino de técnicas esportivas, atualmente é considerada componente curricular responsável pelo trato pedagógico de conteúdos culturais. De área que lidava com a aptidão física, rendimento atlético, passa a ser reconhecida como área que aborda os conhecimentos corporais culturais. Antes, buscava justificativa apenas nas Ciências Biológicas, hoje tem-se grande aporte de subsídios teóricos das Ciências Humanas” (Daolio, 1997, p. 215).

Para Daolio (2004), o ser humano é de eficácia simbólica, carregado de significados, rico em valores dinâmicos e as manifestações produzidas por este corpo são parte de uma dinâmica histórica, assumindo significados diferentes de acordo com o contexto e o grupo cultural em que é expresso.

Segundo Venâncio (2019), as vivências na Educação Física fomentam experiências, reflexões e argumentos que os professores(as) e alunos(as) explicitam como práticas languageiras que, por sua vez, são diferentes dos enunciados de outros componentes do currículo escolar. A dinâmica curricular em Educação Física é complexa e vinculada ao espaço, à atividade e às relações interpessoais.

A Educação Física cultural surge como uma perspectiva pedagógica que valoriza as práticas corporais enquanto manifestações culturais significativas para a identidade e a diversidade social, Neira (2018) destaca a Educação Física como espaço para a promoção da justiça curricular e da descolonização do conhecimento, ressaltando a importância da incorporação de manifestações corporais tradicionais e populares no currículo escolar. O autor fundamenta sua análise a partir das teorias pós-críticas e dos Estudos Culturais, propondo procedimentos didáticos como o mapeamento, ressignificação e aprofundamento das culturas corporais presentes no contexto escolar.

Moreira (2016) também contribui com reflexões importantes sobre o currículo cultural da Educação Física, enfatizando a necessidade de articular saberes locais com as propostas educativas, para que a prática docente contribua para a valorização das identidades e para a transformação social. Sua abordagem ressalta a importância da inclusão e do respeito à diversidade cultural por meio das práticas corporais.

Esses autores convergem para a ideia de que a Educação Física cultural deve superar modelos hegemônicos e universalizantes, incorporando as especificidades culturais e promovendo uma educação que respeite a diversidade e a história dos corpos em seus contextos sociais, políticos e culturais. Daolio (2007) aprofunda a

discussão sobre a dimensão cultural da Educação Física, afirmando que a construção da identidade do educador físico passa pelo reconhecimento das múltiplas culturas corporais e pela apropriação crítica dessas manifestações na prática pedagógica, favorecendo uma educação mais contextualizada e significativa.

Essa fundamentação amplia a compreensão da Educação Física como campo crucial para a valorização da cultura e para a formação de sujeitos críticos e culturalmente conscientes. Dialogamos assim em identidades construídas pelos professores de Educação Física, sendo estas consequências da "multiplicidade de aspectos que se inter cruzam e interpenetram, num processo permanentemente desenvolvido em um dado contexto histórico-social" (Figueiredo, 2010, p. 154).

É essencial que o professor de Educação Física compreenda o valor desse trabalho cultural, afinal "ele trata do ser humano nas suas manifestações culturais relacionadas ao corpo e ao movimento humano" (Daolio, 2007, p. 2-3). Nessa perspectiva, a Educação Física e as demais disciplinas do currículo escolar precisam se atentar e compreender que cultura e escola são indissociáveis.

Em suma, a história de vida produz diversidades e identidades, as quais estão sendo geradas a todo momento, e esses conceitos e representações abrangem a história e a cultura dos povos do contexto amazônico nas escolas dando a visibilidade das questões da vida cotidiana desta população, gerando reflexões na vida e docência da Professora de Educação Física.

2. PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS: NO ATELIÊ DE TESSITURAS: TECENDO OS CIPÓS

2.1 De fio a fio para tecer uma narrativa (auto)biográfica

Para compreendermos a importância da (auto) biografia é necessário considerar que a grafia do termo, escrita entre parênteses, não existe oficialmente na Língua Portuguesa. Mas, em se tratando de pesquisa científica esta palavra é utilizada “para chamar atenção para os dois tipos de fontes nas pesquisas educacionais: biografia e (auto)biografias” (Passeggi, 2011). A Associação Brasileira de Pesquisa (Auto) biográfica destaca a grafia da palavra desta maneira para assinalar que é designada para história de si, contada pelo próprio sujeito.

Neste sentido, trata-se de uma pesquisa do tipo descritiva (Severino, 2007), que irá revelar as vivências e experiências de vida para a formação da identidade docente, por meio das memórias de referências, utilizando o método de abordagem (auto)biográfica como um dispositivo de pesquisa e formação (Josso, 2020; Dominicé, 1988). Esta abordagem permite compreender o fenômeno a ser estudado e refletir, por meio da análise da história de si, a formação da identidade docente (Bolívar; Domingos; Fernández, 2001).

Com o mesmo pensamento, a (auto)biografia docente, para Josso (2004), surge como “biografias educativas” que consistem em narrativas que produzem um conhecimento capaz de trazer a reflexão sobre a formação, a profissão e a prática docente. A autora ainda destaca que, através do recurso biográfico, se permite o exercício do “autoformar-se” e, assim, possibilita, conseqüentemente, a revisão, pelo formador, das práticas escolares, levando-o a um questionamento diante de concepções e práticas ainda dominantes na formação inicial e continuada.

A produção de dados foi realizada a partir da composição de recortes das memórias de referências, do acervo pessoal da professora-pesquisadora que é composto de anotações e imagens, além do levantamento bibliográfico. Será realizado, assim, um exercício reflexivo das experiências de vida, com a utilização da técnica do “inventário de si” (Prado, Frauendorf e Chautz, 2018).

Por meio dessa metodologia, mergulho no movimento da rememoração e ressignificação de minha prática pedagógica e, por meio de aporte teórico, conversarei com obras relacionadas ao tema desta pesquisa. Isso me possibilitará tecer reflexões e interpretações de experiências significativas na minha trajetória de vida como

docente e, assim, resgatar, apresentar e refletir com as experiências em processo de tessitura com as bases epistemológicas, históricas e filosóficas dos processos envolvidos na práxis pedagógica. Esse processo corrobora para alcançarmos os objetivos desta pesquisa, a fim de estabelecer um instrumento de análise e reflexão, para a produção de um tipo de conhecimento que faça sentido na formação da docente, uma vez que esta é, agora, o sujeito da reflexão.

Quanto à natureza desta pesquisa, ela é entendida como qualitativa, pois, responde a questões que envolvem a subjetividade humana no trabalho com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Isso corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 2002).

2.2 Entre fios e emaranhados tecemos o inventário de si

O inventário de si que é o procedimento metodológico que adoto para sistematização dos (guar)dados que originam as próximas seções desta pesquisa. Eles são compreendidos como episódios de formação, cuja escrita (auto) biográfica percorre situações, tempos e diferentes lugares com o objetivo de produzir alegrias ao desbravar caminhos que me deslocam de uma posição de incômodo para a esperança da atribuição de novos sentidos (Prado; Frauendorf; Chautz, 2018). Essa ação consiste em um procedimento metodológico que convida a pesquisadora a revisitar sua prática, compreender e visitar escritos, imagens, objetos, suportes de lembranças que fazem parte da sua história, por ser produzidos em tempos e lugares.

Nessa direção, optamos por trabalhar nosso sujeito de pesquisa por meio de todas as implicações de ordem histórica, sociocultural, política, econômica e educacional, e assim, vivenciar uma experiência no contexto amazônico, onde trabalha a atora de nossa pesquisa.

O inventário de si, realizado por meio da narrativa (auto) biográfica da professora pesquisadora segue: sua composição familiar; quem foram seu pais; de qual estado vieram; suas profissões; município e estado que nasceu; como era sua rotina quando criança; qual seu primeiro emprego; o que motivou para a docência em Educação Física; como e onde foi sua primeira graduação; quais suas expectativas e quais os desafios docentes; quais as oportunidades enquanto acadêmica e

posteriormente docente; como foram suas experiências na sala de aula e nos primeiros anos de docente; o que mudou desde então e quais foram seus maiores desafios e suas conquistas; a construção dos materiais pedagógicos para seu trabalho e de que forma isso contribui na formação da sua identidade; qual a sua reflexão quanto ao caminho percorrido até este momento da pesquisa em relação à sua prática docente e à constituição da sua identidade profissional. Tais pontos norteiam a construção da autorreflexão e servirão de base para a construção de um texto sólido, coerente, vivido, experienciado e transformado. Vale ressaltar que os elementos mencionados são um direcionamento para o texto e não faz parte de um questionário estruturado.

Através dos resultados obtidos durante a pesquisa, culminada na produção científica (Dissertação), é possível favorecer e proporcionar novos horizontes acerca desta temática no contexto amazônico. Inclusive, no que se refere à prática pedagógica dos docentes e a construção da identidade docente do professor de Educação Física.

E, neste sentido, que embarco ao próximo momento desta narrativa, tendo como objetivo trazer o lugar que nasce a reflexão desta pesquisa, em seguida o brincar no terreiro quando criança e os primeiros contatos com a profissão professora, seguindo para a formação acadêmica e práxis docentes, com a construção de materiais pedagógicos com insumos amazônicos e a reflexão por meio da (auto)biografia (Passeggi, 2011).

3. NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS: TRAJETÓRIAS E VIVÊNCIAS NAS TESSITURAS DAS RAÍZES AMAZÔNICAS

3.1 Nos rios, nas árvores e no canto dos pássaros aprendi a viver

“eu amo, esse rio das selvas, em suas
 restingas meus olhos passeiam, o meu
 sangue nasce nas suas entranhas e nos seus
 mistérios meus olhos vagueiam.
 E das suas águas sai meu alimento, vida,
 fauna, flora o meu sacramento, filho dessa
 terra da cor morenez, esse sol moreno
 queimou minha tez”
 Chico da Silva

A epígrafe simboliza a vida e o cotidiano dos seres amazônicos, é um trecho da toada⁹ que fez parte da minha infância, que me possibilita a relembrar momentos marcantes de minha história, a qual se faz importante na constituição desta pesquisa, pelas marcantes lições de vida com a natureza.

Bença vó, bença mãe, bença pai! O meu dia começava assim, na pacata cidade de Boa Vista do Ramos, no interior do Amazonas. Tomava um café preto com bejú¹⁰ de tapioca e seguia para a escola. Ao retornar, ainda, cunhatã praticava a tessitura para fabricar meus brinquedos. Aprendia com a minha vó, fazer bola de palha, bonecos de barros e sementes de açaí e tucumã. No artesanato, aprendi a cuidar da natureza e valorizar a floresta. Foi no terreiro cheio de árvores que aprendi a compartilhar aprendizagens com os mais velhos e as crianças, pois aprendíamos juntos. E, na curiosidade de aprender, ainda, queria ser professora, para ensinar minha avó a ler e a escrever, pois queria ser útil, do mesmo modo que era comigo com tanta sabedoria.

Suas contribuições ao campo educacional pela sabedoria são dadas ao enfatizarmos a importância de compreender as narrativas de vida de docentes para revelar como suas experiências pessoais e profissionais dialogam com a cultura local, o meio ambiente e os saberes ancestrais (Cavalcante Filho, 2021; Silva, 2024).

Na realidade, alguns fatores no contexto da região amazônica devem ser considerados, tais como as dimensões culturais, ambientais e sociais únicas, diversidade étnica e cultural como presença de povos indígenas, comunidades

⁹ São músicas criadas para o festival de Parintins-Am, tendo como tema o cotidiano amazônico, críticas sociais e ambientais, celebração das culturas indígenas e africanas no contexto folclórico.

¹⁰ Alimento típico regional feito da farinha de mandioca.

ribeirinhas e migrantes de diferentes regiões do Brasil. Os desafios de infraestrutura, como acesso limitado a recursos tecnológicos e materiais didáticos em áreas remotas e a relação com o meio ambiente, os modos de vida fortemente conectados aos ciclos naturais e a utilização recursos naturais (Pereira, 2024).

Esses fatores demandam que a formação de professores incorpore reflexões sobre interculturalidade, territorialidade e educação ambiental, posicionando a narrativa de vida como instrumento para ressaltar saberes locais e trajetórias regionais, mobilizando o ser professora-pesquisadora, estar e relacionar-se com a natureza a fim de formular uma política educacional de desenvolvimento sustentável na área da Educação Física Escolar na Amazônia.

A respeito da motivação ao trilhar caminhos da memória, regresso ao município de Boa Vista do Ramos no Estado do Amazonas, nos anos 90, onde as ruas eram de terra batida, as casas de palha e madeira, não tinham as modernidades tecnológicas digitais, tampouco violência, andávamos com nossos pais e avós, brincando pelos terreiros das casas que se encontravam em um só ambiente, não haviam muros que separavam a vida, nós vivíamos em comunidade, compartilhávamos a vida, o alimento e água, éramos felizes em nossa comunidade, com rios fartos de peixe, não fazíamos questão de comer carne de boi, a não ser que fosse aniversário dos mais velhos, ai sim tínhamos motivos para festejar com toda a comunidade e compartilhar o alimento.

Os saberes ancestrais, transmitidos oralmente pelas comunidades, são reconhecidos como fundamentais para a construção de uma Educação contextualizada e significativa. Esses saberes incluem conhecimentos sobre o corpo, o movimento, a saúde e a relação com a natureza. Autores como Bispo dos Santos (2023) e Krenak (2022) influenciam essa discussão ao enfatizar a importância da ancestralidade e do cosmo na percepção na formação docente. Levando em conta que, a práxis pedagógica, portanto, deve ser uma prática reflexiva e crítica, que valorize a diversidade cultural e ambiental, promovendo uma educação emancipatória e de sustentabilidade cultural e ecológica.

De acordo com Freire (1996), a reflexão é o movimento realizado entre o fazer e o pensar, entre o pensar e o fazer, ou seja, no “pensar para o fazer” e no “pensar sobre o fazer”. Nesse sentido, a reflexão deriva da curiosidade sobre a prática docente, uma curiosidade inicialmente simples, que, modificar-se em exercício constante, transformando-se em crítica. Essa reflexão crítica constante deve

constituir-se como norte prioritário para a formação contínua dos professores que buscam a transformação por meio de sua prática educativa.

Por meio, desta reflexão, descrevo um dia que se tornou o primeiro passo para construção desta pesquisa. E, no embalo da toada, embarco na memória, de um dia meramente comum. Após um ano, sendo docente de escola pública, em meados de 2019, adentro a sala dos professores para cumprir mais um dia desta apaixonante profissão. Nesse dia, lembro-me veemente, que era uma tarde chuvosa, assim, os alunos retornariam para suas casas mais cedo, alguns deles próximos à escola, outros mais longe ainda, na região urbana do município, e outros para as zonas rurais que voltariam em ônibus pelas estradas de terra batida ou de bajaranas¹¹ para as comunidades de várzea. Ficava imaginando os percursos que aquelas crianças faziam para chegar à escola, em como em uma única escola as realidades eram tão distintas e os desafios diversos.

No ano início do ano, de 2020, fui convidada a trabalhar na Secretaria Municipal de Educação, a qual pude vivenciar e experimentar o que meus alunos passavam todos os dias. Neste trabalho, eu auxiliava, pedagogicamente, os professores de escolas de multisseriados das zonas rurais; eram 42 escolas ribeirinhas de acesso limitado, com realidades totalmente divergentes uma das outras, muitas vezes sufocada pela gestão pública que não compreendia a natureza dos fenômenos educativos em razão das realidades vividas pelos estudantes, sem considerar a interculturalidade e a pluralidade como parte constitutiva do processo de ensino e aprendizagem. Além disso, havia problemáticas, tais como: o difícil acesso as áreas escolares, as mudanças climáticas e a precarização da formação docente contínua.

É possível perceber que existe ausência de formação docente qualificada e contextualizada nas comunidades ribeirinhas da Amazônia, no qual é um tema amplamente discutido em estudos acadêmicos que evidenciam as fragilidades na preparação dos professores para atuar em contextos específicos dessas comunidades interioranas.

Um estudo detalhado aponta que os professores ribeirinhos, frequentemente, enfrentam uma formação insuficiente para atender às demandas da realidade

¹¹ Pequenas embarcações de madeira ou tronco de árvores que é utilizada pelos povos do Amazonas como meio de transporte fluvial.

amazônica, marcada por estruturas escolares diferenciadas, como salas multisseriadas e ausência de materiais didáticos adequados (Alencar; Costa, 2021).

Além disso, as formações oferecidas, muitas vezes, não contemplam as particularidades culturais e ambientais da região, oferecendo uma preparação mais alinhada a contextos urbanos e, portanto, pouco eficaz para o ambiente ribeirinho. A formação continuada, ainda é, restrita e com tempo reduzido, o que prejudica a obtenção de uma formação sólida e contextualizada para esses docentes.

Outro ponto importante, destacado, é a necessidade de políticas públicas específicas que valorizem o conhecimento local e promovam formações alinhadas às práticas e saberes das comunidades ribeirinhas, garantindo assim a qualidade da educação e o fortalecimento da identidade docente nessas áreas (Alencar; Costa, 2021).

Em suma, as autoras reforçam que a falta de uma formação docente planejada para o contexto amazônico ribeirinho é um desafio que compromete a prática pedagógica e a efetividade do ensino, exigindo intervenções que combinem formação inicial e continuada com uma perspectiva intercultural e contextualizada.

A partir deste cenário, navego ao ano de 2022, onde estive velejando sob o rio da comunidade Lago Preto do Ramos, localizado no município de Boa Vista do Ramos/AM, na proa¹² de um barco. É neste cenário caboclo que, me proponho a refletir sobre a construção da identidade docente pela vida com a natureza.

Navegando pelos rios, e vivendo cada trilha que, meus alunos passavam. Recordo daquela tarde de, 2019, chuvosa, onde a escola estava se mobilizando para o projeto “festa tribal”, que envolvia todas as turmas nos três turnos do Ensino Médio. Tal projeto, tinha como objetivo demonstrar os rituais sagrados de etnias indígenas, as comidas típicas e o cotidiano.

As turmas estavam encantadas em conhecer e representar a cultura das etnias. Com os alunos eufóricos, eu também fiquei animada e me propus ajudá-los na organização de suas salas. Como as aulas eram de 30 minutos, solicitei de um colega mais 30 minutos. Assim, pude ouvir as ideias dos grupos e opinar em algumas. Houve uma troca de ideia tão boa que saímos dali todos organizados para o dia do evento.

Lembro-me que, ao término das aulas, retorno à sala dos professores e, com entusiasmo, compartilhei as ideias das turmas de como o projeto estava mobilizando

¹² Localização dianteira do meio de transporte aquaviário típico da região amazônica.

os alunos e como nossas experiências poderia auxiliá-los na elaboração das apresentações.

No entanto, ao mesmo tempo que falava entusiasmada da minha experiência com o grupo, via ao meu redor professores desfocados, outros lendo alguns livros, outros no celular e no computador, apenas três, de onze professores, ouviram o que eu tinha a falar. Então, sentei a mesa, olhei ao meu redor, e refleti: em qual momento da vida dos meus colegas a prática docente deixou de ter sentido? Ou será que eu que estava empolgada demais e por ser um projeto em que eles já vivenciaram diversas vezes, já não havia mais significado? Ou, até mesmo, pensar que cumprir a jornada de trabalho já seria o suficiente para cumprir seu papel? O que faz um sujeito ser professor? Em que momento cada um descobriu que queria ser professor? Será que os professores se sentem professores? O que é ser professor? Depois de tantas questões que surgiram para refletir, decidi caminhar a pesquisa.

A partir deste momento, percebi que meu lugar, não podia ser apenas como uma “peça de xadrez” que é apenas movida pelo seu jogador. Eu não poderia me acomodar e ser apenas um peão neste tabuleiro educacional. Eu tinha que me colocar para fora do jogo e ver outras possibilidades de compreender a docência.

Desta forma, optei por tomar a narrativa (auto) biográfica Passeggi (2011) como um núcleo do processo de investigação, tanto contando minha história de vida e profissional como lembrando as construções do *habitus* descrito por Bourdieu (1989, p.76), para fundamentar esta pesquisa e compreender como se dá a formação da identidade docente.

É neste viés, que me coloco no campo de pesquisadora, com intuito de (re)significar minha prática docente e me propor por meio da (auto) biografia trilhar sob minha trajetória de vida e profissional, da ação à reflexão e a partir desta contribuir por meio das minhas experiências com um olhar minucioso e crítico da própria ação. Assim, podendo discorrer de que forma, enquanto professores da Educação Física, por meio da pesquisa, podemos ser colaboradores no campo científico e trazer novos olhares da prática docente, mediante as experiências vivenciadas que caminhamos.

Digo isso, não somente para alcançar as estruturas acadêmicas, mas para adentrar no chão das escolas e nos espaços educacionais, movida pela bagagem de experiências vivenciadas nos rios, nos lagos e nos igarapés do baixo Amazonas, onde as canoas e barcos nos levam a refletir e a nos constituir como professores. A partir

desta reflexão em um dia meramente comum, construímos o ateliê para tessituras da narrativa (auto)biográfica que dão sentido a esta pesquisa.

3.2 Do brincar no terreiro à escolha da profissão Professora de Educação Física

Nesta construção de ser professor, não posso deixar de situar os ambientes que fazem parte da minha formação, os quais percorri durante minha jornada nessa imensidão territorial e cultural que carrega o nosso Amazonas. Em destaque, primeiramente, apresento o município de Boa Vista do Ramos/AM, que se localiza no Paraná do Ramos, com distância de 272 km em linha reta, e 396 km por via fluvial, da capital Manaus. Possui área territorial de 2.589,407 km², com cerca de 19.207 habitantes, segundo a estimativa populacional, e PIB per capita cerca de 6.089 (IBGE, 2019). Na Figura 3, destaco o município de Boa Vista do Ramos.

Figura 3– Mapa de Localização do Município de Boa vista do Ramos.



Fonte: Elaborado pela autora.

O município de Boa vista do Ramos é, cronologicamente, a cidade mais nova do baixo Amazonas. Ela vem crescendo significativamente nas esferas social, cultural e econômica. Essa foi a cidade onde eu cresci e cursei toda minha Educação Básica. Foi onde participei dos grupos de danças, dos esportes, do festival folclórico, das festas religiosas e de muitas brincadeiras de rua. Na figura 4 apresento a praça de São Sebastião no centro da cidade. Nessa praça era onde eu brincava após missa na

matriz, é nessa praça que encontrava com meus amigos após a aula, essa praça que um dia foi de terra batida atualmente vem sendo revitalizada.

Figura 4—paisagem da praça São Sebastião em Boa Vista do Ramos -Am



Fonte: Paisagem (Portal Norte, 2024).

. Essa praça fica no berço da minha ancestralidade, no chão de barro que caminha as raízes da minha família, que faz parte da construção deste município e carrega em suas vidas a essência de ser boa-vistense do sotaque pesado, das mãos calejadas de pescador e das habilidades de artesãos.

Me encontro ciente de que essas palavras descritas por meio das minhas recordações de referência me trarão orgulho e saudade da minha terra e de pessoas que contribuíram, e ainda contribuem, na formação da minha identidade docente. É por meio delas me reconecto com a ancestralidade cabocla como fonte da minha essência humana. E, carregada de emoção, vos teço os primeiros passos para a docência e a escolha pela profissão professora.

A profissão professora chamou minha atenção ainda na infância, quando passei a admirar a profissão através da minha tia que lecionava em um barracão de palha em sua residência. Movida pela vontade de ensinar adultos a ler e escrever, ela que nem mesmo havia pisado em um chão de escola moderna com um prédio e salas de aula, fazia este trabalho. Se utilizava do que aprendera a ler e escrever na pequena paróquia de nossa senhora de Aparecida em Boa Vista do Ramos, com as freiras que vinham de todas as regiões de Brasil e missionárias do exterior, auxiliando as pessoas que não tinham oportunidade na comunidade.

Eu, ainda pequena, via naquele ambiente um lugar de aprender e de ensinar. Em meio às pessoas mais experientes, ouvíamos estórias, histórias de vida, contos e lendas da nossa cidade. E, com toda certeza, eu aprendi muito sobre nossa cidade. Lembro-me que eles eram agricultores, pescadores e artesãos. Naquela época, a escola para esse público não era uma realidade. Rememorar estes fatos me levam ao passado e, atualmente, me auxiliam ver a importância dessas vivências na minha formação, de quando minha família e comunidade me proporcionaram experiências valiosas, que me recordo até hoje.

Forquin (1993, p. 24), afirma essa ideia: educar e ensinar é colocar alguém em presença de certos elementos de cultura a fim de que esse alguém deles se nutra, os incorpore à sua substância e construa sua identidade intelectual e pessoal em função deles. Estas experiências, com outras pessoas deste contexto, foram de suma importância para minha formação social e cultural. Pois os saberes e o acervo vasto de conhecimento das pessoas mais velhas carregam as práticas transmitidas ao longo de gerações, sendo um papel fundamental e insubstituível na formação social e cultural.

Neste sentido, Bourdieu (2002) afirma que, o agente é socialmente construído de reestruturação em reestruturação de seu *habitus*. Ou seja, novas experiências são integradas ao *habitus* inicial (Bourdieu, 2003). Certamente, reafirmo que a vivências com meus pares e outros me possibilitaram a reflexão da minha prática docente atualmente. Essa herança imaterial é a base sobre qual formo minha identidade cultural, por meio das experiências e vivências que fortalecem minha profissão.

Ainda, quando criança, vivi experiências motoras que muitas crianças, atualmente, mesmo com toda tecnologia não têm acesso. “Fui criado brincando de fazer o que os mais velhos faziam” Bispo Santos (2023, p.23).

Tínhamos um terreiro grande com árvores frutíferas, flores de várias espécies e cores, um balcão de hortaliças. Havia um barracão de palha que tinha um fogão de barro, onde minha mãe e minha avó faziam nossos almoços de domingo. Ele tinha um teto de palha que foi construído pelos meus tios. Nesse barracão, fazíamos puxirum¹³ para abrir palha e cobrir as casas. Ainda reuníamos a família para tomar chocolate que minha avó fazia manualmente após torrar as sementes de cacau que havia no

¹³ De origem da língua tupi significa trabalho coletivo, representa uma prática ancestral nas comunidades da região norte.

terreiro de casa. Eu fui uma criança cheia de energia, que gostava de brincar com bolinhas feita de palha, de sementes de olho de sogra, de caroço de tucumã, de sementes de castanheira. Ainda, gostava de fazer bonecos de pano e de barro, de jogar bola, de andar de bicicleta, de pescar com meu irmão, de tirar fotos com meu pai. E até aprendi um pouco de primeiros socorros com a minha mãe. Mas, foi na escola que meus olhos brilharam pela Educação Física.

No Ensino Fundamental, tive um professor que criou um projeto de handebol na escola e esse esporte me chamou atenção. Então, participei da equipe de handebol e, ainda com poucas habilidades e conhecimento, fui me destacando na modalidade até começar a competir aos meus 15 anos. O esporte é um fenômeno sociocultural que, assim como qualquer outro, ensina valores, sendo marcado por uma polissemia que se distingue principalmente pelo sentido atribuído à prática (Marques; Almeida; Gutierrez, 2008). Observa-se nos participantes a preocupação em demonstrar uma dimensão ética de suas aulas, que extrapolam os aspectos técnicos e táticos da modalidade esportiva, tornando as pessoas mais capazes para as relações em sociedade.

O esporte na escola me proporcionou grandes experiências de aprendizagem e testei-me permitiu testar os meus limites físicos e mentais. O esporte me ensinou a ter equilíbrio, a ter responsabilidade, e foi nos treinos que aprendi as táticas e técnicas do esporte. Foi quando comecei a trabalhar em cima do meu objetivo que era me tornar uma treinadora da modalidade. Então, em uma conversa com meu professor, ele me falou sobre a faculdade de Educação Física. Logo, comecei a pesquisar mais sobre ser professora da área e quais caminhos eu deveria ir.

No Ensino Médio, encontrei dificuldades em definir minha área de atuação profissional, pois, ser professora não era bem o que meus pais queriam. E outra dificuldade presente, residia no fato de que eu morava em um município pequeno. Não tínhamos faculdade e muito menos informação. E as informações que tínhamos eram vagas e muito distantes da minha realidade. A escolha profissional é uma tarefa muito difícil e vários questionamentos são feitos, principalmente na fase da adolescência. No decorrer dos três anos do Ensino Médio, é visível as influências que os adolescentes são submetidos e os critérios estabelecidos para determinar qual é a melhor profissão para si. Na caminhada para a escolha profissional existem algumas interferências sociais que podem ou não influenciar o jovem. É importante que o aluno

se sinta apoiado neste momento pela família, escola, amigos, que são os agentes que mais têm influência sobre o jovem (Ferreira, 2017, p. 47).

No entanto, no meu último ano do Ensino Médio eu já auxiliava meu professor na preparação física da equipe e me familiarizei ainda mais com a profissão de ser professora. Foi nesse ano que conheci um grande treinador do município de Maués/AM, que utilizava jogos reduzidos e brincadeiras para ensinar os fundamentos do handebol. Esta memória apresenta o gatilho para a busca da minha formação na área da Educação Física. Segundo Catani *et al*, (2000, p. 168-169): "as memórias pessoalmente significantes são aquelas que carregam significados adquiridos em seus usos adaptativos, na maior parte das vezes, nas relações com os outros. Os outros são, desta forma, referências imprescindíveis das nossas lembranças".

Nesse processo de formação, na perspectiva de Bourdieu (1989), o agente perpassa por diferentes espaços de socialização e interação, dentre os quais a instituição de ensino ocupa um lugar privilegiado. Portanto, é possível afirmar que, ao longo desse processo de socialização e interação do agente, há a constituição de um *habitus* que é entendido como um sistema de disposições duradouras, que podem ser contínuas e reconfiguradas, dependendo das relações sociais vivenciadas pelos agentes nos inúmeros campos de atuação, uma vez que é a partir da inserção do agente no campo que o *habitus* é incorporado, adquirindo uma melhor compreensão do campo (Bourdieu, 1989).

Assim, o *habitus* preenche uma função que, em uma outra filosofia, confiamos à consciência transcendental é um corpo socializado, um corpo estruturado, um corpo que incorporou as estruturas imanentes de um mundo ou de um setor particular desse mundo, de um campo, e que estrutura tanto a percepção desse mundo como a ação nesse mundo (Bourdieu, 2011, p. 144). Portanto, desde criança, inserida no esporte e incentivada pelos meus pais e professores, fui me incorporando dentro do esporte na escola.

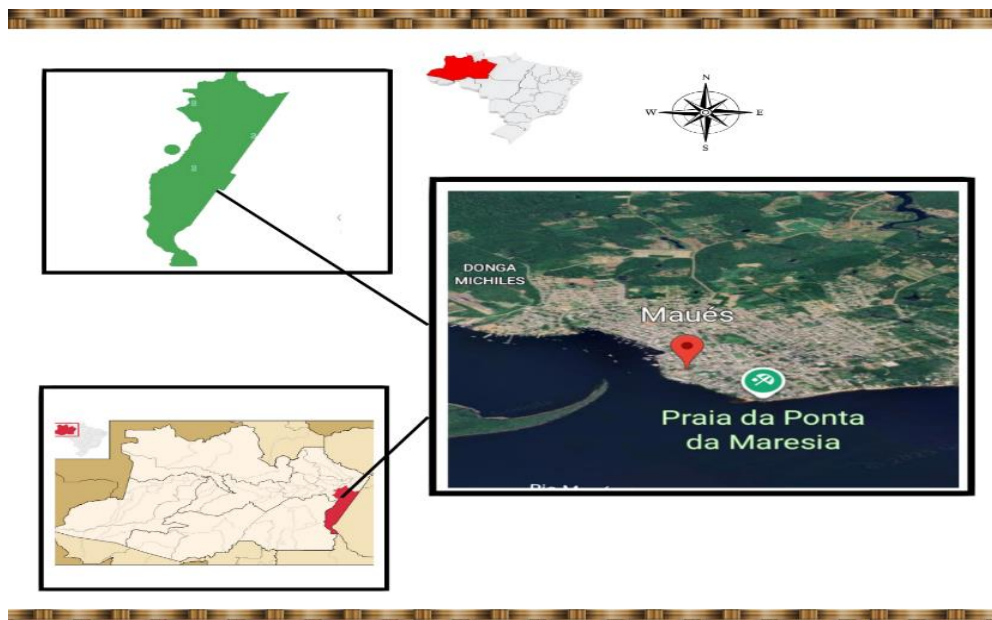
Na ideia de, seguir carreira, na Educação Física após o Ensino Médio, em 2009, meu pai faleceu aos 42 anos. Ele amava o esporte, mas não podia jogar por conta da deficiência física nos pés. Então, todas as vezes que eu ia jogar, ele era o meu torcedor assíduo, não faltava nem um jogo, sempre em sua bicicleta. E, no final do jogo, eu tomava refrigerante e um pão quente. Após sua partida, minha vida tomou outro sentido, pois precisava trabalhar para ajudar a minha mãe nas despesas de

casa. Trabalhei em casa de outras pessoas, arrumando, lavando roupas, fui vendedora de loja, babá e assistente de fotógrafo. Foram meses de desconhecimento sobre mim, sobre a vida, pois tudo era novo. E minha mãe, com depressão, fazia o que conseguia naquele momento.

Nesse período, não conseguíamos entrar em casa, pois as memórias de felicidades se perdiam dentro de um grande vazio e tristeza. E, em relação a isso, ainda há resquícios na minha vida, atualmente. Mas, após três meses do falecimento do meu pai, entrei em casa novamente e foi como um filme, um vazio, então em um novo cenário que a vida me proporcionou percebi que eu teria que mudar minha vida. Nossa casa era de madeira e agora com telha de alumínio e estava cheia de buracos, lembro-me que chovia muito dentro de casa e eu não podia fazer muita coisa. Mas, o pouco que eu sabia que o meu pai me ensinou eu fiz e fui aprendendo para arrumar a casa, pintando, soldando, fazendo manutenção elétrica, lixando, serrando, cortando, meus pais sempre me ensinaram que devemos saber um pouco sobre tudo pois um dia iremos precisar na vida.

Em 2010, minha mãe me incentivou a fazer um curso técnico na cidade de Maués, um município brasileiro no interior do estado do Amazonas. Pertencente à Mesorregião do Centro Amazonense e Microrregião de Parintins, sua população é de 66.159 habitantes, de acordo com estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em 2021.

Figura 5- Localização geográfica do município de Maués/AM



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 6– Imagem da Praia da Ponta da Maresia no município de Maués – Am.



Fonte: Mapa (IBGE, 2023); Imagem (Portal Saterê).

A praia da ponta da maresia era lugar de lazer, onde íamos vez ou outra passear com a família nos fins de semana, e logo então fui morar com a irmã da minha avó, uma senhora cristã, costureira, artesã, que fazia tricô, crochê, bordados à mão e pinturas em tecido. Ela me ensinou a arte de pintar e costurar. Vendíamos os materiais na feira aos domingos e, para mim, era uma diversão ajudá-la. O filho dela era treinador de handebol, e mesmo com a mudança de cidade, não deixei de praticar o esporte, que cada vez mais eu ia me aperfeiçoando. Assim, o sonho de cursar a faculdade parecia mais próximo. Ia com ele todas as manhãs e treinávamos na praia da maresia. Eram poucos os materiais. Lembro-me que as bolas e os materiais eram bem precários, uns emprestados e outros feito de plástico como garrafas PET e latas, para demarcar as atividades realizadas.

A trajetória narrada reflete uma experiência rica e desafiadora de formação docente envolvendo práticas culturais e esportivas em contextos amazônicos, elementos que podem ser entendidos à luz do conceito de *habitus* por Bourdieu (1983), quando traz o conceito do sistema de disposições duráveis e transferíveis que orientam as ações, percepções e práticas de um indivíduo conforme sua história e posição social. Na experiência apresentada, *habitus* emerge ao vivenciar práticas

como a costura artesanal e o esporte, elementos culturalmente significativos que moldam sua identidade e inserção social.

Em meio aos desafios, pedi ajuda da minha mãe para fazer o vestibular da Universidade Federal do Amazonas no município de Parintins. Lembro-me que eu não conhecia ninguém que eu pudesse buscar apoio no município, mas mesmo assim eu fui. Um professor, amigo da minha mãe, que fazia curso no município me acolheu para eu fazer a prova. Levei um colchão e um ventilador para passar dois dias. E, no dia da prova, conheci um grande amigo. Ele me apoiou na hora da prova, disse tudo que eu precisava ouvir.

Meses depois o resultado do vestibular saiu na rádio de Boa Vista do Ramos e meu nome estava na lista, me recordo com grande alegria em meu coração esse momento, em minha memória a expressão da minha mãe de alegria e se entrelaçava com preocupação, afinal, para fazer o curso de Educação Física, eu teria que mudar de cidade mais uma vez e, dessa vez, para o município de Parintins. Para mim um sonho e para minha mãe um orgulho, ver sua filha na faculdade.

Eu me tornaria acadêmica, seria eu a terceira mulher na minha família, da segunda geração, a cursar o ensino superior, e estava ciente de que viriam muitos obstáculos: financeiro, adaptação a uma nova realidade, luto, distância da família, jornada exaustiva entre trabalho e estudos e a saúde física e mental.

As mulheres que vivem no meio ribeirinho, que conhecem o trabalho braçal que o roçado requer, que partilham do trajeto difícil de ir a faculdade, das dificuldades que enfrentavam no período acadêmico, dos saberes que seus pais e familiares lhe repassavam, veem o valor da Universidade, que se junta para formar a sua bagagem histórica (França, 2024). Encarando as diversidades culturais e sociais as mulheres amazônidas buscam ocupar o seu lugar de direito na sociedade, visando seu aperfeiçoamento e crescimento profissional e pessoal.

A superação desses obstáculos está alinhada com a persistência do *habitus* e a capacidade de adaptação às condições culturais e sociais. A mudança geográfica e o ingresso no ensino superior realçam as tensões entre o *habitus* pré-existente e as exigências do novo meio acadêmico, ressaltando a importância do capital cultural na construção da identidade docente.

Falar de nós mesmo é muito difícil! Não é fácil retornar ao passado! Às vezes, nossas lembranças estão tão escondidas em nossa subjetividade que passam

despercebidas em nossa vida. Parafraseando Josso (2004), afirmo que é necessário caminhar para nós mesmos. Caminhar para si! Pois este caminhar é um “[...] projeto de conhecimento daquilo que somos, pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos na nossa relação conosco, com os outros e com o ambiente humano e natural.” (Josso, 2004, p. 85).

E nesta jornada, é possível identificar os laços sociais que me levam para a profissão professora. Desde as vivências no barracão de palha ainda pequena através do brincar, nas escolas por onde passei na formação básica e acadêmica, a inserção social através do esporte de alto rendimento, e a contribuição da minha relação com o meio ambiente e as tradições nunca deixadas de lado em cada processo de vivência.

3.3 A formação docente em Educação Física na ilha Tupinambarana

No ano de 2010, minha jornada acadêmica, inicia na cidade de Parintins, onde no curso de Licenciatura em Educação Física, no início me recordo de como foi tão desafiador, pois aos 17 anos tive que sair do aconchego da minha família e trilhar um novo caminho, o caminho da minha futura profissão. Neste município, eu não conhecia ninguém, mas fui com um único objetivo, ajudar minha família buscar uma nova vida com ato de esperança.

Refletir a complexidade do processo de formação docente inserido em contextos culturais específicos, como o amazônico, o qual sair do ambiente familiar e enfrentar o desconhecido são desafios marcantes. Estudos recentes sobre formação docente em Educação Física na Amazônia ressaltam que essa trajetória envolve não apenas o desenvolvimento profissional, mas também a construção de uma identidade ligada à cultura e à história local.

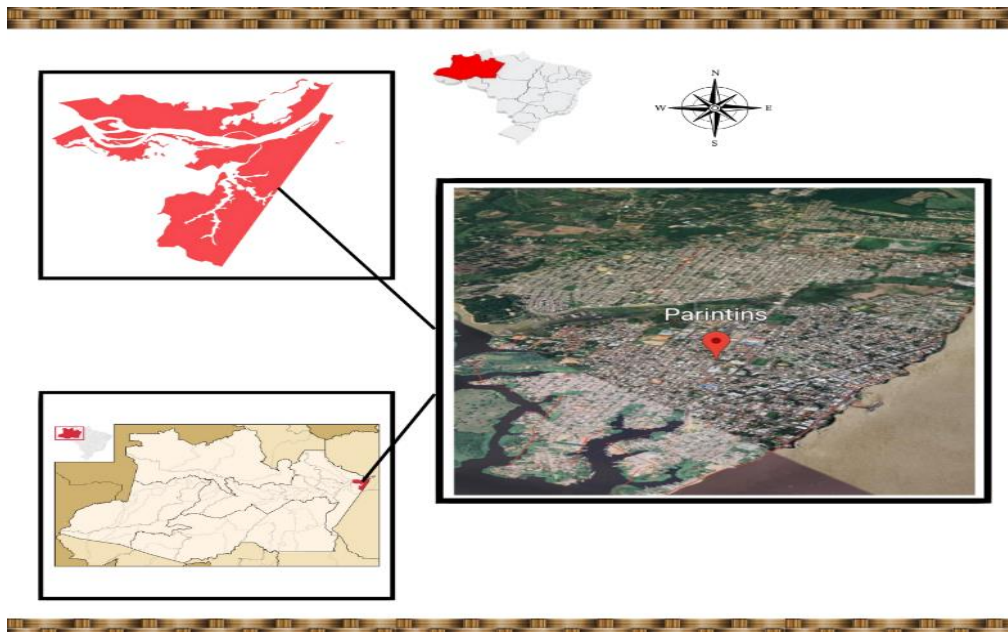
Segundo Brandão e Borges (2025), o currículo de formação precisa reconhecer e valorizar os saberes amazônicos, articulando-os com a prática docente para promover uma educação contextualizada e resistente às pressões de uniformização gerencialista. Os desafios eram inúmeros pois não havia uma rede de apoio familiar, as aulas e os conteúdos ministrados eram divergentes a realidade que eu vivia, mas eu tinha uma meta a cumprir, e a universidade era meu único caminho a seguir.

A universidade fica na ilha Tupinambarana como é conhecida a cidade de Parintins, pertencente ao Estado do Amazonas. Ela é composta por um arquipélago de belas ilhas. A cidade localiza-se na maior ilha com, aproximadamente, 200

quilômetros de largura, está localizada às margens do rio Amazonas. Juntamente com algumas vilas rurais, forma o município, que possui uma área total de 7.069 km², tendo em sua fronteira, ao leste, o estado do Pará (IBGE, 2023).

A distância entre Parintins e Manaus é de cerca de 370 km por via aérea e 420 km por via fluvial. Para chegar a Parintins, pode-se utilizar transporte fluvial ou aéreo. As embarcações regionais é o principal meio de acesso, levando cerca de 18 horas de Manaus à Parintins e, 30 horas no sentido inverso, devido à correnteza do Rio Amazonas.

Figura 7- Localização Geográfica do município de Parintins.



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 8- Imagem da área urbana do município de Parintins



Fonte: Barros (2024).

Segundo o censo do IBGE (2022), Parintins é o segundo município mais populoso do Estado do Amazonas, com uma população de 96.372 pessoas. A cidade é reconhecida nacionalmente e internacionalmente pela sua cultura, que divide os Bois Bumbás Garantido e Caprichoso, recebendo milhões de turistas ao longo do ano. Mas, ela também é o berço da formação superior no baixo Amazonas, onde se localiza o Instituto de Ciências Sociais e Zootecnia – ICSEZ/UFAM.

No final do ano de 2010, fui morar na casa de uma pessoa que, até então, era um desconhecido. Contudo, ela se tornou um irmão para mim. Ele e sua família me acolheram durante todo o 1º período da faculdade, foi a família que, depois da minha, acreditou em mim e me deu forças para continuar essa trajetória.

Recordo que saíamos do Bairro de Santa Clara até o campus do ICSEZ todas as manhãs de bicicleta. Meu amigo cursava Zootecnia e já estava no último período. Ele era um rapaz muito esforçado, sua mãe era dona de casa e seu pai pescador. Ele foi um grande incentivador para eu estudar. Me auxiliava nas atividades acadêmicas, pois eu não conhecia nada desse mundo. Tudo era novo para mim. As palavras eram novas, o contexto, era tudo muito novo para mim. E ele foi essencial no início da minha formação acadêmica.

O ICSEZ foi inaugurado em 24 de setembro de 2007 e conta com estrutura Administrativa, Direção, Coordenação Administrativa e Coordenação Acadêmica, ofertando os cursos graduação: Administração, Artes Plásticas, Comunicação Social/Jornalismo, Educação Física, Pedagogia, Serviço Social e Zootecnia. Tem como suporte laboratórios de Informática(1), Administração(1), Serviço Social(1), Pedagogia(1), Artes Plásticas (Desenho e Pintura)(2), Comunicação Social/Jornalismo (Videodifusão, Radiodifusão, Fotojornalismo e Jornalismo Impresso, Webjornalismo e Planejamento Gráfico) (4), Educação Física (Práticas Motoras, Fisiologia Humana e Fisiologia do Exercício e Cineantropometria, Cinesiologia e Biomecânica, Anatomia Humana)(5), Zootecnia (Anatomia Animal, Química, Nutrição Animal, Zoobotânico, Solos, Biotecnologia, Microbiologia/Histologia/Fisiologia)(7). Conta com 125 projetos de Extensão e 26 Projetos de Pesquisa via Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC, na organização de suas atividades possui atualmente 90 docentes, 42 técnicos Administrativos em Educação e 1.948 discentes de Graduação.

Figura 9– O Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia.



Fonte: UFAM (2024);

O Curso de Licenciatura em Educação Física foi oficialmente criado através da Resolução CONSUNI/UFAM nº 019/2007 (UFAM, 2007) e veio suprir a demanda por professores de Educação Física nos municípios atendidos pela “Unidade Acadêmica Permanente de Parintins” com 50 vagas no turno diurno (UFAM, 2006).

Figura 10- I Laboratório de práticas motoras e esportivas em 2012 no ICSEZ



Fonte: UFAM, (2012).

Neste início, o acesso à Universidade e ao curso, senti muitas dificuldades, principalmente, as econômicas e a falta da minha família por perto. Eu tinha apenas 17 anos de idade quando tive que ir para uma cidade completamente desconhecida

em busca de uma profissão pela qual eu almejei desde meus 8 anos de idade, quando meu professor de Educação Física estava ministrando aula na escola, agora se tornava realidade.

Nas férias, minha mãe, com muito esforço, comprou uma moto para me ajudar na locomoção para a faculdade. Aquilo foi de grande ajuda, tanto para mim, quanto para a família que me acolhia. Após retornar para cursar o 2º período, já no ano de 2011, comecei a trabalhar em uma escola no projeto intitulado “Jovem Cidadão”. Esse projeto tinha como objetivo levar atividades esportivas e recreativas para as escolas estaduais. Esta foi minha primeira experiência em escolas. Nesta escola, os alunos eram todos de bairros de periferia e tínhamos muitos problemas com indisciplina, uso de drogas e violência. Contudo, o esporte era o momento no qual eles socializavam e esqueciam por horas todos os problemas externos.

Na escola, tínhamos uma estrutura que podemos considerar boa, pois, tínhamos uma quadra, uma área de campo e um pátio. Mas, não tínhamos materiais didáticos para a Educação Física. Nessa escola, os alunos treinavam modalidades do atletismo como corridas e lançamentos e o professor confeccionava o material com canos e bambu como alternativa para o dardo (equipamento do lançamento). E nós, estagiários, ajudávamos ele nessa construção, além de outros materiais produzidos de plástico.

O relato da realidade vivida na escola, onde a infraestrutura era relativamente adequada, mas os materiais didáticos para a Educação Física eram limitados e improvisados, encontra respaldo em críticas atuais à desigualdade estrutural no campo da educação, especialmente em áreas periféricas ou rurais. Segundo Silva e Oliveira (2025), a falta de recursos materiais específicos na Educação Física escolar representa um desafio significativo para a promoção de práticas pedagógicas eficazes e contextualizadas, levando educadores a desenvolverem estratégias criativas e comunitárias, como a construção artesanal de equipamentos.

Essa prática de criação e adaptação material reflete não apenas a escassez de investimentos, mas também a resiliência e a capacidade inventiva dos professores, o que é evidenciado por estudos que enfatizam a importância do aproveitamento dos saberes locais e do entorno social para a formação e atuação docente (Alviano; Neira, 2022). Além disso, refletir a Educação Física e cultura, autores como Daolio (2007) e Moreira (2016) destacam que essas práticas artesanais e a incorporação de materiais

alternativos podem aproximar a Educação Física das experiências culturais e contextuais dos alunos e Professores, fortalecendo o vínculo entre currículo e realidade local e fomentando uma pedagogia crítica e transformadora.

Assim, a escassez de materiais não deve ser vista apenas como uma limitação, mas como um convite às práticas pedagógicas inovadoras que valorizam a cultura e o conhecimento regional, ainda que seja urgente a busca por políticas públicas que garantam melhores condições para a Educação Física escolar. Essa visão crítica ressalta a importância de considerar as condições materiais e culturais na análise da qualidade e efetividade da Educação Física, ampliando os debates sobre equidade de acesso à educação de qualidade em diferentes contextos

Essa experiência com o professor foi de suma importância, pois na universidade éramos carregados de materiais para realizarmos as atividades. Mesmo que a universidade estivesse em construção, o pouco que tínhamos, conseguíamos realizar as aulas no curso. Mas, nas escolas não tínhamos esses materiais, forçando o professor a utilizar de qualquer saber sobre se reinventar para as aulas. É certo que, quando vamos para a realidade das escolas, caminhamos para um lugar desconhecido. Lidamos com pessoas diferentes, com histórias diferentes, culturas diferentes. E, ainda, temos a falta de reconhecimento e a pouca importância dada à Educação Física escolar, que se (des)materializa em estrutura física inadequada e escassez de material pedagógico.

Esta reflexão, expõe uma realidade recorrente na formação e atuação docente em Educação Física, a qual, há uma discrepância significativa entre as condições de materiais oferecidas na universidade e as encontradas nas escolas de origem, o que demanda dos professores uma constante reinvenção pedagógica. Segundo Freire (1996), a formação docente deve ir além da transmissão técnica, envolvendo o desenvolvimento de uma prática reflexiva e criativa que dialogue com a diversidade cultural e as condições concretas do contexto escolar. A falta de materiais e a precariedade estrutural nas escolas reforçam o que Oliveira (2025) afirmam sobre a desvalorização da Educação Física escolar, que enfrenta invisibilização social e institucional.

Essa desvalorização materializa-se não só na ausência de recursos, mas também no pouco reconhecimento da disciplina como promotora de uma formação integral dos estudantes, especialmente em contextos de vulnerabilidade

socioambiental, como apontam Neira (2022) em suas análises críticas da Educação Física cultural. A necessidade de adaptação constante e uso de saberes informais pelos professores evidencia as tensões entre a formação idealizada e a prática diária, ressaltando pensar em políticas públicas que garantam condições adequadas e valorizem a Educação Física escolar, como também a incorporação de saberes culturais locais para fortalecer a prática pedagógica (Daolio, 2007; Neira, 2022). Dessa forma, a experiência relatada revela a urgência de repensar a formação e a valorização da Educação Física no ensino básico, alinhando teoria, prática e realidade das comunidades atendidas.

É notável que conhecemos o chão da escola vivenciando-o, pois, ali é onde a reflexão acontece no momento da prática. É por isso que a formação deve propiciar ao futuro professor momentos de (re)pensar a prática docente. Schön (1992) propõe três momentos de reflexão: (i) a reflexão na ação, que acontece no momento da prática. Nesse sentido ela pode ser transformada; (ii) a reflexão sobre a ação. Esta também acontece durante a prática, mas não pode ser transformada como a anterior; (iii) a reflexão sobre a reflexão na ação, em que se busca repensar as práticas, adotando novas metodologias para alcançar os objetivos. A formação do professor reflexivo busca oportunizar a ele observar sua própria prática, adequando a realidade dos educandos, permitindo que este avance no processo de criticidade da profissão e da construção de seus saberes. É o momento de rever conceitos e problematizar a prática de ensino.

Ainda, na minha graduação, atuei na I vila olímpica esportiva do município de Parintins, trabalho no qual me ofertou possibilidades financeiras para manter minha vida e concluir o curso. Na Universidade, participei da implantação do Programa de Atividades Motoras para Deficientes (PROAMDE) em Parintins, destinado às pessoas com deficiência física, intelectual, auditiva ou visual. No programa, realizamos atividades de estimulação motora.

No início, tínhamos apenas duas crianças que participavam, ambas diagnósticas com transtorno do espectro autista. As atividades eram monitoradas por uma professora da universidade e realizadas por três acadêmicos, sendo que eu era uma das acadêmicas voluntárias. Realizávamos essas atividades três vezes na semana, após as 17h. Em paralelo a essa atividade, participei do programa “Mais Educação”, programa que tinha como objetivo ofertar atividades de leitura e escrita no

contra turno e atividades de lazer e cultura tanto para as crianças durante a semana, quanto para a comunidade nos fins de semana. Recordo-me que era um trabalho exaustivo, pois saía da aula, almoçava na universidade e, após o almoço, ia direto para a escola.

Durante a semana, era realizado atividades esportivas, jogos e brincadeiras. Nos finais de semana, fazíamos oficinas de artesanato com as mães e alguns adolescentes. Eu utilizava dos conhecimentos adquiridos com a minha tia, ensinando pintura em tecido, crochê e bordado.

As experiências acadêmica e extensão destacadas no PROAMDE (Programa de Atividades Motoras para Deficientes) e no programa "Mais Educação" em Parintins pode ser fundamentado em pesquisas recentes que destacam a importância da Educação Física inclusiva e dos projetos extensionistas para a formação integral dos futuros professores, assim como para a inclusão social das pessoas com deficiência.

Segundo Amorim (2021), em sua análise do PROAMDE na Universidade Federal do Amazonas, o programa não apenas promove atividades físicas adaptadas, mas também constitui um espaço formativo que conecta a universidade com a comunidade, fortalecendo a formação acadêmica através de experiências práticas, pesquisa e ação social. Essa experiência vivencial é crucial para o desenvolvimento de competências pedagógicas e uma postura crítica e humanizadora diante da diversidade funcional.

Além disso, estudos enfatizam que programas como o "Mais Educação" ampliam o alcance da educação formal ao ofertar atividades culturais e de lazer que valorizam saberes locais e promovem a inclusão social contínua, criando vínculos entre escola, famílias e comunidades (Brandão e Borges, 2025).

O fato de utilizar conhecimentos artesanais da minha tia para trabalhar com mães e adolescentes reforça o diálogo entre saberes tradicionais e a educação formal, uma prática valorizada na literatura que enfatiza a importância da interculturalidade e do reconhecimento dos capitalismos culturais no processo educativo (Neira, 2022; Moreira, 2016).

Esse cenário demonstra que o envolvimento voluntário em atividades culturais e inclusivas complementa a formação acadêmica tradicional, proporcionando suporte emocional e financeiro vital para a conclusão do curso, além de contribuir para a construção de um profissional de Educação Física sensível às demandas culturais e

sociais da Amazônia. Tal fundamentação destaca que a prática extensionista é um importante espaço de aprendizagem crítica e de responsabilização social na formação docente. Neste sentido, conheço a importância de cada ensinamento e o fato de que essas atividades me deram suporte para ter um trabalho e me manter até a conclusão do curso.

Em 2017, concluí o curso de Licenciatura em Educação Física e, agora, sem emprego formal, fui em busca de novas oportunidades, de escola em escola oferecendo meus serviços como professora. Foi quando cheguei em uma faculdade particular, e numa conversa com uma mulher na recepção, contei a ela minha história e minha vontade de trabalhar como professora.

Mesmo com pouca experiência na área, eu me sentia pronta para o mercado de trabalho e foi, então, que essa mulher me ofereceu uma vaga na sua academia. Essa academia era diferente das comuns, pois era um estúdio de dança e academia para o público adulto e idosos. Ela e seu esposo eram professores de Educação Física e fizeram de sua casa um estúdio adaptado, onde todos os materiais utilizados eram criados por eles, alguns de ferro, outros de madeira, outros de materiais reciclados. Era uma academia ao ar livre cheio de características únicas desses dois professores, cuja vontade era montar uma academia totalmente de materiais retirados do meio ambiente. O que para muitas pessoas era lixo, para eles tornou-se materiais de academia.

A trajetória narrada evidencia a relação entre cultura, formação e mercado de trabalho na área de Educação Física, especialmente no contexto da Amazônia, onde a valorização de práticas culturais se torna um diferencial. Estudos recentes reforçam que a profissional de Educação Física tem se ampliado em suas possibilidades de atuação, incluindo o desenvolvimento de práticas que valorizem a cultura local e o uso de recursos naturais e reutilizáveis, elementos considerados inovadores e alinhados às demandas contemporâneas de sustentabilidade.

Essas estratégias de integração entre cultura e prática profissional não apenas fortalecem a identidade do Professor de Educação Física, mas também favorecem a inclusão social, promovendo uma formação crítica e contextualizada, capaz de responder às necessidades socioeconômicas de regiões como a Amazônia (Cruz, 2021). Dessa forma, o contexto do relato demonstra que a conexão entre cultura e profissão é fundamental para a valorização do profissional de Educação Física,

contribuindo para a inovação na área e para a construção de práticas de cumplicidade com a natureza e o ambiente culturalmente significativas.

Com o ensinamento desses professores aprendi para além da Educação Física. Aprendi sobre lealdade, respeito, foco, responsabilidade. Aprendi com eles a criar materiais e ver o mundo de possibilidades. E ainda hoje utilizo esse olhar sensível em cada ambiente por onde percorro, considerando que a vida é um eterno aprender.

Atualmente, a academia não funciona, pois, a professora faleceu e seu marido não pôde dar continuidade nos trabalhos. Mas, eu ainda acredito que verei essa academia de pé atendendo muitas outras pessoas em Parintins. E, com a certeza, eles se enxergarão nesta pesquisa como parte essencial na minha construção pessoal e profissional.

Esta experiência tanto de vida quanto profissional me propôs ver a profissão de Educação Física com outro olhar, um olhar mais sensível do cuidado com o mundo e com as pessoas, de um olhar sensível com as pessoas adultas e idosas, no qual acolhia cada um deles durante este percurso, no cuidado social, pois realizávamos atividades em grupo e sentíamos que cada pessoa que ali voltava se sentia acolhida e com uma qualidade de vida melhor, tanto na prevenção quanto no autocuidado e nas relações sociais.

Uma visão ampliada da Educação Física, pautada no cuidado social e na sensibilidade para com as pessoas, especialmente adultos e idosos. Betti (2007) destaca a importância desse "saber orgânico" que vai além do conhecimento meramente técnico, valorizando a corporeidade e a relação interpessoal como fundamentos para uma Educação Física viva e significativa. Esse olhar sensível dialoga com as reflexões de Mezzari *et al.*, (2007) e Farias *et al.*, (2019), que reforçam a necessidade de práticas educativas que promovam a inclusão, o autocuidado e a qualidade de vida, considerando as especificidades culturais e sociais dos sujeitos envolvidos.

Além disso, na perspectiva crítico-emancipatória, Kunz (1994) afirma que a Educação Física não pode se limitar à reprodução de conteúdos técnicos, mas deve contribuir para a formação de sujeitos críticos e socialmente engajados, favorecendo o fortalecimento das relações sociais. A prática do cuidado social enfatiza a dimensão coletiva da Educação Física, visando a construção do bem-estar e a valorização da

vida em comunidade, resistindo às lógicas neoliberais que veem o corpo e a saúde apenas como objetos de consumo e desempenho (Barbi, 2023).

Portanto, essa experiência acadêmica-profissional está alinhada a uma Educação Física crítica e transformadora, que reconhece o papel do educador na promoção da inclusão, da saúde integral e dos vínculos sociais como essenciais para a qualidade de vida, fundamentada em saberes críticos e atuais da área. Dessa forma, o cuidado sensível e social apresentado no texto é parte integral da proposta pedagógica que visa a emancipação e a humanização na Educação Física contemporânea.

3.4 Navegando pelos rios da docência

No ano de 2018, retorno ao meu berço familiar no município de Boa Vista do Ramos a pedido da minha mãe, para tentar um trabalho e ficar mais próximo a ela. E mesmo que ao chegar, tenha sido bem cansativo esta busca por uma oportunidade de trabalho, foi na Prefeitura Municipal de Boa Vista do Ramos o recomeço da minha jornada como professora de Educação Física na Educação Infantil na Escola de Educação Infantil Casulo Menino Jesus. A escola ficava localizada na rua Graciliano Farias, 340 no centro. Atualmente, a escola mudou de endereço, e fica na estrada das palmeiras no bairro Monte Sião.

Figura 11– EMEI Casulo Menino Jesus em 2018



Fonte: Censo Escolar, (2018)

A antiga instalação comportava duas escolas que trabalhavam com Educação Infantil e Ensino Fundamental I. Não tínhamos espaço adequado para as aulas de Educação Física. E o pouco espaço que tínhamos, dividíamos com mais outros dois professores. E como a cidade não possui tratamento de esgoto na maioria das ruas,

quando tinha fortes chuvas, não era possível realizar as atividades, pois as águas da chuva escoavam para dentro da escola, tornando um grande perigo para funcionários da escola e alunos. Além dessas grandes problemáticas, a Educação Física não era vista como importante nas aulas da Educação Infantil e demorou um tempo bastante significativo para que esta realidade fosse transformada.

O cenário descrito, caracterizado pela precariedade da infraestrutura escolar e pela desvalorização da Educação Física na Educação Infantil, reflete problemas estruturais amplamente discutidos na literatura acadêmica recente. Pesquisas apontam que a infraestrutura inadequada compromete significativamente a qualidade do ensino da Educação Física, restringindo o desenvolvimento das habilidades motoras, do convívio social e da saúde dos alunos (Marques, 2023). Além disso, a falta de espaço e condições físicas adequadas é um fator de exclusão e desmotivação tanto para professores quanto para estudantes, limitando o potencial pedagógico da disciplina (Pereira *et al.*, 2024).

Em contextos urbanos, marcados por problemas como a ausência de saneamento básico, como no caso descrito, as condições ambientais impactam diretamente a organização das atividades escolares, exigindo políticas públicas que enfrentem essas desigualdades para garantir acesso pleno a uma educação digna (Almeida *et al.*, 2022). É necessário que, nas fases iniciais da educação escolar, destacar uma revalorização da disciplina como ferramenta fundamental para o desenvolvimento integral da criança, o que demanda mudanças curriculares e investimento em infraestrutura.

Tal situação, evidencia a importância da ampliação do debate sobre condições físicas e reconhecimentos pedagógicos no âmbito educacional, destacando a relação entre contexto social e práticas educativas, exigindo, assim, intervenções integradas que promovam a equidade e a valorização da Educação Física desde os primeiros anos escolares. Essas reflexões são essenciais para embasar políticas e práticas que superem as desigualdades empíricas relatadas, alinhando-se aos princípios de inclusão e qualidade da educação contemporânea (Oliveira, 2025).

Ainda, no ano de 2018, com todas as dificuldades, propus a realização do primeiro festival de brincadeiras tradicionais, para que famílias e filhos pudessem se reunir para uma troca de saberes entre gerações. Esse festival contou com a participação de toda a equipe escolar, trazendo cantigas de roda, brinquedos e

brincadeiras em um momento de partilha e aprendizagem. Foram recriados jogos de tabuleiros, pipas, amarelinha, jogo da argola e danças como quadrinha e carimbó, típicas manifestações artísticas do norte do Brasil.

Utilizamos como materiais, os recursos naturais como madeiras, carvão, urucum para pinturas, folhas, galhos e palhas para produzir os jogos e brinquedos. E como havia carência de materiais na escola, passamos a utilizar os materiais fabricados no festival para as aulas com as crianças, ultrapassando a dificuldade e dando novo sentido para aqueles materiais de insumos do bioma amazônico ressignificando-se através da criatividade e sabedoria ancestral.

A realização do festival de brincadeiras tradicionais pode ser fundamentada teoricamente em autores que dialogam criticamente sobre cultura, identidade e educação.

No festival, a utilização de materiais naturais e a recriação de brincadeiras tradicionais representam uma produção cultural que reforça o *habitus* coletivo da comunidade amazônica, promovendo a transmissão intergeracional de saberes e a construção da identidade local a partir da corporeidade. Para Bourdieu (1989), o conceito de *habitus* é fundamental para compreender como práticas culturais e sociais são incorporadas e ressignificadas pelos indivíduos em contextos específicos.

Neste viés, Bispo dos Santos (2023) enfatiza a importância da cultura popular e refletir nesse amazônica como resistência e afirmação identitária, destacando que a apropriação criativa dos recursos do bioma é uma estratégia de valorização cultural em contextos de escassez material, como o descrito no festival. Essa prática educacional está alinhada a uma pedagogia intercultural que busca fortalecer as conexões entre saber tradicional e o processo educativo formal.

Krenak (2022), por sua vez, aprofunda a crítica ao apagamento das culturas indígenas e tradicionais, ressaltando a necessidade urgente de recuperação dos saberes ancestrais como base para uma educação verdadeiramente plural e emancipada. O festival de brincadeiras funciona como um espaço simbólico de resistência cultural, onde a criatividade e a sabedoria ancestral são ativadas para ressignificar a legitimidade desses saberes dentro da escola.

Assim, a narrativa revela não apenas uma prática pedagógica inovadora e contextualizada, mas insere-se em um movimento teórico que vê na cultura corporal e na valorização dos saberes locais uma via para a democratização da educação e a

valorização da identidade amazônica, tomando como referência autores que denunciam e enfrentam as desigualdades culturais e sociais no campo educacional contemporâneo.

Em um novo ciclo, em minha jornada, assumindo o concurso estadual no ano de 2019, me tornando professora no quadro docente do estado na área da Educação Física no Ensino Médio, o qual no mesmo período a convite da Prefeitura de Boa Vista do Ramos, aceito o desafio de estar como gerente educacional na Educação Infantil pela prefeitura municipal. Vivencio, neste período, realidades discrepantes, ainda que pertencessem ao mesmo território geográfico. Enquanto na escola de Ensino Médio o desafio era na cidade, na gerência municipal o desafio tornava-se diverso tanto geograficamente quanto pedagogicamente, pois tínhamos que lidar com as divergências culturais e uma grande problemática, o baixo índice de professores com graduação.

O relato apresentado revela uma realidade complexa, em que convivem desafios geográficos, culturais e estruturais no âmbito da Educação Física na região amazônica. Estudos recentes destacam que o enfrentamento dessas divergências demanda uma compreensão crítica da diversidade regional e das desigualdades estruturais existentes no sistema educacional. Pesquisas, como a conduzida por Brígida e Ramos (2020), evidenciam a quase ausência do reconhecimento dos saberes socioculturais locais nas práticas pedagógicas em Educação Física na Amazônia, o que reforça a dominância de um imaginário hegemônico centrado no esporte e na saúde, desconsiderando a riqueza cultural amazônica. Essa disparidade cultural e pedagógica, junto com o baixo índice de professores graduados, cria barreiras significativas para uma educação contextualizada e de qualidade.

Autores como Antunes (2023) e Neira (2020) defendem a valorização das culturas regionais, ressaltando a importância de integrar práticas corporais tradicionais, como jogos, brincadeiras e outras manifestações culturais, ao currículo de Educação Física. Essa integração favorece não só a preservação cultural, mas também uma aprendizagem mais significativa e conectada ao contexto dos alunos.

Dessa forma, a tensão entre diferentes realidades geográficas e pedagógicas apontadas na narrativa reflete uma problemática estrutural e cultural que demanda políticas públicas e práticas educacionais sensíveis à diversidade e às necessidades regionais para superar a fragmentação e a exclusão educacional.

Em suma, a fundamentação crítica corrobora a importância de ampliar a formação e a valorização dos saberes locais no campo da Educação Física amazônica, superando a hegemonia dos modelos tradicionais e promovendo uma educação mais plural e inclusiva.

A realidade na escola de Ensino Médio, era ministrar aulas para 8 turmas, cada uma com um quantitativo entre 35 e 45 alunos, cabe ressaltar que essa era a única escola de ensino Médio regular e funcionava nos três turnos. A escola tinha uma estrutura antiga, e foi construída em 2007, em uma área que comportava o estádio municipal. Desde então a escola, sofreu mudanças. Foi nessa escola onde eu cursei meu Ensino Médio e retornei após 9 anos como professora. Foi uma sensação inexplicável, pois ali estava entre alguns professores que participaram da minha formação educacional.

E, quando cheguei no primeiro dia de trabalho, avistei meus professores, já com uma idade avançada, mas com o brilho nos olhos de orgulho por eu chegar até ali naquele momento. E eu estava orgulhosa por estar onde, um dia criança, sonhei em estar.

No primeiro bimestre, nas três turmas de 1º ano, a proposta foi o conteúdo atletismo, com corridas e lançamento de dardo. Como não havia implementos para a realização, utilizei da ideia que aprendi no primeiro estágio docente, com a construção de pequenas barreiras com madeiras de cabo de vassouras amarradas, e os dardos com vara de bambu.

Como na cidade a floresta é vasta e extensa, os alunos que moravam nas comunidades rurais levaram os bambus para construirmos os dardos de vários tamanhos e pesos. Nesta aula, percebi que o aluno, ao participar da construção da atividade, torna-se o protagonista, o fabricante, o criador de um novo implemento. Eles relataram que o bambu era utilizado para construir barracão e que agora era material de Educação Física.

Após a construção deste implemento, o bambu foi utilizado para construir pequenas traves para o futebol, o arco e flecha e, dentre os mais fortes e maduros, varas para a rede de voleibol.

O relato apresenta é uma prática pedagógica que se insere criticamente no contexto da Educação Física cultural, especialmente em regiões amazônicas, onde a escassez de recursos exige criatividade e valorização dos saberes locais. A utilização

do bambu para a confecção de implementos esportivos, como dardos, traves para futebol, arco e flecha, e varas para redes de voleibol, representa uma pedagogia que integra a cultura local aos conteúdos de Educação Física, promovendo protagonismo dos alunos e o fortalecimento de vínculos com seu território.

Pesquisas recentes apontam que a escolarização brasileira muitas vezes ainda se pauta por modelos pedagógicos homogêneos, desvinculados da diversidade cultural presente nas comunidades, o que pode gerar conformidade ou resistência dos sujeitos afetados. Nesse contexto, a interculturalidade crítica e a Educação Física cultural, segundo Neira e Nunes (2008; 2009), constituem abordagens que desafiam a hegemonia dos saberes eurocêntricos, valorizando as práticas corporais locais como ferramentas de resistência, identidade e aprendizagem significativa.

Além disso, o protagonismo dos alunos na construção dos materiais remete à pedagogia crítica, que reconhece o estudante como participante ativo na produção do conhecimento, conforme proposto por Freire (1996). Esta prática dialoga com a ideia de que a Educação Física deve ir além do ensino técnico para incluir dimensões socioculturais, facilitando a construção de subjetividades críticas e valorizando o conhecimento tradicional.

Assim, o uso do bambu e a construção coletiva dos instrumentos refletem um processo educativo que articula corpo, cultura e território, configurando uma prática culturalmente situada e emancipatória, que contribui para a formação integral dos alunos e para a afirmação da identidade amazônica no espaço escolar.

Para as aulas das turmas de 2º ano eram capturados galhos, folhas secas, fibras, cipós. A ideia era construir jogos e brinquedos adaptados para pessoas com deficiência. Nesta aula, construímos um tapete sensorial com sua base numa esteira de palha e diversos tipos de texturas do bioma amazônico, para possibilitar que as pessoas pudessem ser estimuladas sensorialmente com um recurso próprio amazônico e que fosse de fácil acesso.

No 3º ano, apresentamos os esportes de aventura na natureza. Essa temática traz consigo uma reflexão valiosa quanto à preservação do meio ambiente, conectando os alunos com a natureza, dando a eles um novo olhar quanto à ancestralidade e a tradição do cuidar da floresta. Pode-se perceber que, nessa aula, a aproximação da dita civilização, da globalização gerou os grandes problemas que os cercam, como desmatamento, poluição dos rios, monetização da terra e do bioma

amazônico. Os alunos puderam refletir sobre seu papel quanto cidadão, na construção de uma sociedade consciente. Atualmente carrego essas experiências com esses alunos para promover uma reflexão quanto ao nosso dever para a natureza, pois, por ela nos oferecer matéria prima, nós devemos preservá-la para que ela não seja destruída, mas sim reconstruída todos os dias.

O uso de materiais naturais da Amazônia para construir jogos e brinquedos adaptados em contextos educativos pode ser fundamentado teoricamente a partir da crítica anticolonial e da valorização dos saberes ancestrais, como proposto por Bispo dos Santos (2023) enfatiza a importância das práticas culturais autônomas e contra coloniais, que valorizam o conhecimento ancestral e os processos vivos de resistência contra a mercantilização e destruição dos territórios e culturas indígenas e quilombolas, ressaltando que o conhecimento deve ser orgânico e comunitário, não reduzido à lógica do capital. Essa perspectiva dialoga com Ailton Krenak (2022), que alerta para a necessidade de reconectar a humanidade com a natureza, reconhecendo a importância da floresta como fonte de vida e de saberes ancestrais, promovendo uma ética do cuidado em contraponto à exploração desenfreada.

A compreensão dos processos culturais e sociais por meio do conceito de *habitus*, que explica como as práticas educativas e culturais são internalizadas e reproduzidas, mas também como podem ser transformadas a partir das condições concretas do meio em que estão inseridas (Bourdieu, 1989). O uso dos recursos amazônicos numa esteira de palha, por exemplo, simboliza uma articulação entre o *habitus* local e escolar, promovendo uma educação inclusiva e sensível ao contexto cultural e ambiental da região.

Tais práticas pedagógicas na Educação Física cultural incorporaram os saberes locais e os valores na convivência com a natureza, contribuindo para a formação crítica dos estudantes e professores.

Ainda, em minhas experiências em 2019, conheci as comunidades rurais do município de Boa Vista do Ramos, que ficavam localizadas em 5 regiões distintas, nomeadas como: Ramos de Baixo, Ramos de Cima, Massauari, Lago Preto do Ramos e Rio Urubu. Essas regiões são organizadas com suas comunidades rurais e totalizam 42 escolas assistidas pela Secretaria Municipal de Educação de Boa Vista do Ramos, destas apenas nas comunidades do Ramos de Baixo temos acesso via terrestre.

Entre os anos de 2019 e 2020, com a pandemia COVID-19, que assolava todos pelo mundo, chegou até a cidade de Boa Vista do Ramos nos forçando a readaptação para as aulas remotas. No entanto, enquanto professora de Ensino Médio, em uma escola da cidade apresentávamos as aulas via internet, em meu outro espaço de trabalho a realidade era paralela nas escolas municipais, pois nas comunidades e nas escolas não havia conectividade de internet, exceto nas escolas que ofereciam o ensino mediado por tecnologia no turno noturno do Estado do Amazonas, que são polos para cada região. E, para que os alunos pudessem ter acesso à educação, eles deveriam se deslocar via fluvial em pequenas embarcações chamadas canoas ou bajaranas, num caminho rio a rio, navegando pelos igarapés e igapós até chegar na escola polo.

O período da pandemia da COVID-19 evidenciou as profundas desigualdades estruturais na educação amazônica, especialmente no que tange à conectividade e acesso às aulas remotas. Pesquisas destacam que a imposição do ensino remoto emergencial no Amazonas expôs a falta de infraestrutura tecnológica nas comunidades ribeirinhas, onde o acesso à internet é precário ou inexistente, obrigando os estudantes a se deslocarem por longos trajetos fluviais para frequentar polos educacionais com conectividade (Negrão *et al.*, 2022). Além disso, Oliveira *et al.*, (2022) ressaltam a sobrecarga enfrentada pelos professores, que precisaram reinventar práticas pedagógicas em contextos adversos, lidando com a ausência de recursos e a vulnerabilidade econômica das famílias. Segundo o relatório da Unesco (2020), a falta de acesso às tecnologias digitais agravou a exclusão escolar na região, aumentando os riscos de evasão, sobretudo no Ensino Médio e Superior. Esses estudos evidenciam que a pandemia não apenas impôs a necessidade de adaptação rápida, mas escancarou o abismo entre o ideal da educação digital e a realidade cultural e socioeconômica das comunidades amazônicas, destacando a urgente necessidade de políticas públicas que promovam inclusão digital e valorizem as especificidades regionais para garantir o direito à educação em situações de crise.

Enfrentávamos esses problemas na rede municipal sozinhos, pois não era competência das coordenadorias estaduais de ensino disponibilizar as aulas para as escolas municipais por meio da sala de mídias e, ainda enfrentávamos dificuldades que as pessoas não podiam sair de suas casas, mesmo que as comunidades fossem pequenas, nesse período, elas ficaram ainda mais isoladas.

Então, pensando em uma estratégia para que as crianças pudessem ter acesso ao ensino de forma remota, me lembrei de quando eu era criança, ouvíamos em rádio pequenas histórias infantis, narradas pelo locutor e imaginávamos estar naquelas histórias, era um mundo mágico, totalmente nosso, e nesse pensar e lembrar surgiu a ideia de realizar a aula através da rádio, numa experiência desafiadora e inovadora, em que readaptamos o plano de ensino municipal para o ensino remoto utilizando a rádio e apostilas como recurso para as aulas, desde a Educação Infantil ao 9º ano do Ensino Fundamental.

O uso do rádio como recurso pedagógico no ensino remoto em comunidades amazônicas, como descrito neste fio narrativo, é uma estratégia inovadora e significativa diante das limitações de infraestrutura tecnológica e da inacessibilidade à internet enfrentadas em muitas localidades isoladas. Pesquisas recentes indicam que o ensino remoto no contexto amazônico desvela desafios complexos relacionados à exclusão digital, à falta de suporte técnico e à provocação do isolamento educacional (Cunha *et al.*, 2022). No entanto, o emprego do rádio, instrumento tradicional e culturalmente presente na vida dessas comunidades, vem se configurando como uma alternativa eficaz para garantir o direito à educação, promovendo a inclusão educacional e a continuidade dos estudos, conforme analisado por Alvorado (2023) em relatos do Amazonas, e reforçado pelo projeto “Nas ondas do rádio” implementado em Parintins (Cunha *et al.*, 2022).

Além disso, o rádio enquanto mídia educativa conecta-se à tradição oral e às experiências culturais locais, resgatando formas ancestrais de transmissão do conhecimento e fortalecendo a identidade cultural dos estudantes. A utilização das apostilas, aliadas à comunicação radiofônica, amplia a diversidade de recursos pedagógicos e possibilita um aprendizado mais auto-dirigido e acessível, alinhado às teorias contemporâneas que defendem a educação contextualizada e comunitária, valorizando os territórios, saberes e práticas locais. Essas práticas inovadoras de ensino remoto representam um contraponto crítico às abordagens tecnocêntricas que desconsideram as especificidades territoriais da Amazônia, propondo modelos que dialogam com a cultura, o contexto social e as condições materiais das populações ribeirinhas (Ferraz, 2023).

Apontamos assim a importância de estratégias pedagógicas culturalmente sensíveis e inclusivas, que considerem a realidade amazônica, promovendo a

democratização do ensino por meio de mídias adequadas ao contexto local, como o rádio.

Os desafios neste período foram inúmeros, destacamos eles na Educação Infantil, onde fui responsável de organizar as aulas pela rádio e as apostilas. Com intuito de trabalharmos com as competências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), solicitamos que os professores nas comunidades utilizassem de recursos naturais que encontrassem na natureza. Assim, foram criados jogos, brinquedos, recursos pedagógicos pelos professores e alunos, pois de fato não tínhamos como levar até eles recursos concretos. No entanto, esses recursos foram um despertar para a criatividade de professores e alunos que criaram seus próprios materiais didáticos com insumos naturais.

O uso de recursos naturais pelos professores nas comunidades, conforme narrado, pode ser fundamentado teoricamente pelo conceito de *habitus* que aponta para um conjunto de disposições incorporadas, fruto da história e das condições sociais vivenciadas, que orientam as práticas cotidianas (Bourdieu, 1989). Nesse contexto, a carência de recursos materiais não impede a construção de práticas pedagógicas criativas e significativas, pelo contrário, ela potencializa a capacidade adaptativa e inventiva dos professores, que mobilizam seu capital cultural e simbólico para responder às demandas locais (Nina *et al.*, 2009).

Além disso, a identidade docente, segundo estudos contemporâneos, é um processo dinâmico em que a formação profissional se dá na interação entre o professor, o contexto cultural da comunidade e as políticas educacionais (Medeiros, 2009). A BNCC (2018) ressalta a importância da valorização das culturas locais no desenvolvimento das competências, incentivando justamente práticas pedagógicas contextuais e interdisciplinares, que dialoguem com a realidade cultural dos estudantes. Portanto, o relato revela uma ação pedagógica que evidencia um *habitus* docente em constante transformação, atento às especificidades culturais e capaz de transformar limitações em oportunidades para a aprendizagem e valorização cultural.

Após o período pandêmico, no ano de 2021 lhes apresento o projeto sociocultural da escola estadual Gercicilia Babosa Sampaio, intitulado Festa Tribal que há mais de 10 anos ganhou forma e desconstruiu preconceitos. Trata-se de um projeto cultural que tem por objetivo apresentar a cultura das etnias brasileiras, retratadas através de seminário aberto ao público e apresentação de danças e rituais.

Esse projeto é realizado pelos alunos junto à comunidade escolar e envolve toda a cidade (pois, se tornou uma das atrações do município), ultrapassando os muros da escola e contando com o apoio de governantes e empresários.

O projeto tem dois momentos. No primeiro dia, a escola se torna uma área de *stands* que são divididos por turno, alunos e professores mobilizam-se para mostra das culturas. A escolha das etnias é por meio de sorteio realizado pelos professores. Nos *stands*, os alunos apresentam a cultura e a tradição da etnia, como sua história, contos, lendas, comidas típicas, artesanato, pinturas, jogos e brincadeiras. O público pode vivenciar cada experiência e reconhecer a importância da preservação dos povos originários.

No segundo dia, professores e alunos responsáveis pelas danças e rituais se organizam no centro de convenções do município para uma batalha de coreografias e artes cênicas, um teatro a céu aberto que impressiona todos que estão assistindo. Os alunos se caracterizam de penas, plumas, palhas, pinturas corporais e levam para a encenação um ambiente típico e regional da etnia.

Toda essa culminância é previamente elaborada pelos professores, alunos e comunidade escolar, para que ocorra um evento grandioso, os professores se organizam em equipes, e uma comissão geral que fará toda a logística no evento, enquanto cada turno se organiza para suas apresentações, realizando bingos, vendas, torneios e assim conseguir recursos para mostrar a conclusão de seus trabalhos na arena.

Figura 12- Alunos representando a etnia Bororo



Fonte: Fabiano Valente, (2022).

Além do trabalho braçal, existe o trabalho de pesquisa e compreensão da essência de cada povo ali representado, pois as apresentações são julgadas por jurados convidados, profissionais da arte, da música, dança e da antropologia, este evento ocorre todos os anos no primeiro final de semana do mês de setembro.

Nesse ano específico, fui a professora responsável de organizar o cenário junto com os alunos do turno vespertino. Construimos casas com bambu e palha, arco e flecha, cestos de palha e cipó, tipiti, abanos de palha, esteira de palha, cocas de pena e lanças com intuito de se aproximar do cotidiano caboclo. Esse trabalho contou com ajuda dos pais e familiares dos alunos, pois alguns deles se disponibilizaram para construir os materiais e ensinaram os alunos.

Essa troca de saberes foi de importância essencial no sentido de aproximar a tradição cabocla e percorrer pela história ancestral das famílias. Me lembro de dias que antecederam a apresentação, ainda na construção dos materiais, que conversamos com a avó de um aluno que morava em uma comunidade próxima. Ela nos auxiliou na preparação dos materiais tecidos de palha e no barracão que produzíamos.

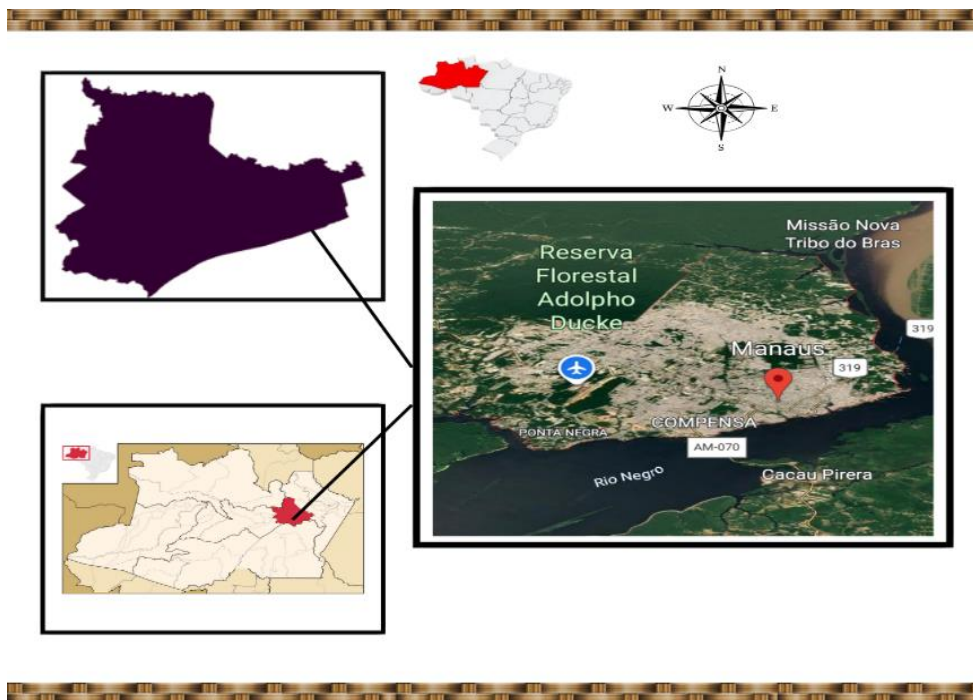
Além do material, eram reproduzidas histórias, culturas e tradições. As histórias narradas por aquela senhora, nos levavam a um mundo de grandes farturas de peixe, animais de caça, frutos. E ela contava sobre a dificuldade que atualmente se tem em encontrar alimento na natureza; e enfatiza: “hoje tudo é comprado”. “Quando cheguei à cidade, percebi que era preciso pagar para fazer a casa, pagar pelo terreno, pagar por tudo” Santos Bispo (2023, p.10). Com essa senhora aprendi a tecer palha para construir cestos e utensílios que, posteriormente, utilizaríamos no projeto e ressignificaríamos para as aulas de Educação Física.

Rememorar os anos de 2021 para 2022 é um grande desafio, pois me trazem lembranças difíceis que me levam para um novo momento da minha vida e profissão. No decorrer desse período, encaro de frente um dos piores inimigos do ser humano, um câncer em nível 3 diagnosticado em minha mãe. E, com isso, dou uma pausa na minha profissão e me dedico essencialmente a ela. Passamos por momentos delicados, dos quais eu não poderia deixar de dissertar nessa (auto)biografia, pois foi aí que me encontrei em um novo momento de força, renascimento e resiliência.

3.5 Atracando a canoa no porto da capital

Chegamos em Manaus a capital do estado do Amazonas, é uma das maiores e mais importantes cidades da região Norte do Brasil. Segundo dados recentes do IBGE (2025), Manaus possui uma população estimada de 2.303.732 habitantes, o que a coloca como a sétima capital mais populosa do país. A cidade se destaca por uma taxa de crescimento populacional de 1,05% entre 2024 e 2025, a maior entre as grandes capitais brasileiras com mais de um milhão de habitantes. Figura 13 destaca o município de Manaus em suas dimensões geográficas.

Figura 13- Mapa geográfico de Manaus.



Fonte: Elaborado pela autora.

Manaus é referência econômica e cultural na Amazônia, conhecida por sua indústria, especialmente a Zona Franca, e pela rica diversidade cultural ligada à floresta amazônica e aos diversos povos tradicionais que vivem na região. Em entre os anos de 2022 e 2023, enfrentamos desafios juntas eu e minha mãe, e por nosso município ser carente de recurso para o tratamento, decidimos vir para a capital do estado. E, aqui, refizemos nossa vida e construímos uma base concreta capaz de nos dar sustento para vencer este novo desafio.

Ressalto neste trecho dois aspectos centrais: a relevância socioeconômica e cultural de Manaus no contexto da Amazônia, bem como a experiência pessoal de enfrentamento de uma doença grave em meio a desafios estruturais regionais.

Manaus, enquanto capital do Amazonas, é reconhecida como polo econômico e cultural da Amazônia, principalmente devido à Zona Franca de Manaus, instituída para fomentar a indústria e o desenvolvimento local, conforme estudos de Figueiredo (2025). Essa zona franca dinamiza a economia regional, mas suas vantagens econômicas não se traduzem igualmente em condições adequadas de saúde pública para toda a população, refletindo a persistente disparidade entre crescimento econômico e acesso a serviços básicos (Gonçalves *et al.*, 2019).

No campo da saúde pública, particularmente no tratamento de doenças graves como o câncer, pesquisas apontam que a infraestrutura deficitária em municípios do interior do Amazonas força famílias a migrarem para Manaus, o que implica desafios sociais, emocionais e financeiros significativos (Oliveira e Lima, 2022). Esse movimento migratório interno evidencia tanto a desigualdade no acesso à saúde quanto a centralidade da capital como polo de atendimento especializado, acumulando responsabilidades que impactam diretamente a dinâmica familiar e comunitária.

A reconstrução da vida relatada pode ser compreendida à luz da teoria da resiliência social, que se refere à capacidade das pessoas e comunidades de se adaptarem, superarem adversidades e construir novos projetos de vida. A base concreta construída em Manaus representa esse processo resiliente, articulando recursos pessoais, sociais e estruturais para enfrentar crises e promover o bem-estar.

Portanto, ressaltamos as tensões e contradições entre desenvolvimento econômico, acesso desigual à saúde e capacidade de resiliência das famílias amazônicas, situando o caso narrado em um contexto sociopolítico regional que desafia pesquisadores a pensar estratégias integradas para a promoção da justiça social e da qualidade de vida no Amazonas.

É neste sentido de reinventar a vida que após seis meses de luta entre quimioterapias, radioterapias, consultas, idas e vindas de hospital, a necessidade em meios as turbulências da vida eu me desafiei a caminhar por outros lugares, e decidi participar de um processo seletivo na Universidade do Estado do Amazonas – UEA em meados de junho de 2023 para atuar como professora, recordo-me que haviam

etapas que eu nunca havia tido uma experiência, como está em frente de uma banca de Professores Doutores para uma avaliação de aula didática, o objetivo era apresentar uma aula sobre esporte na natureza, então a partir dos meus conhecimentos, apresentei os materiais confeccionados por mim, de insumos amazônicos.

O relato apresentado nesta (auto)biografia, envolve a superação de desafios pessoais e a reinvenção profissional no contexto da Educação Física no Amazonas, onde pesquisas recentes que destacam as especificidades da formação docente e o valor da cultura amazônica no processo educacional.

Estudos realizados na região enfatizam a importância de reconhecer os saberes locais e o uso de recursos naturais como insumos pedagógicos (Bruno *et al.*, 2024). Essa valorização da cultura regional é vista não apenas como resistência cultural, mas também como elemento fundamental para a construção de uma identidade docente que dialoga diretamente com as realidades e desafios locais. A utilização de materiais amazônicos na aula de esporte na natureza, como mencionado na narrativa, encontra mais um momento de respaldo na pesquisa de Da Silva (2024), que destacam a relevância de práticas pedagógicas que integram o conhecimento científico e os saberes tradicionais para promover uma educação contextualizada e significativa.

Esta experiência, me proporcionou vivenciar outros campos da educação, a educação superior, ao sair daquela avaliação, conheci o Professor Vanderlan Mota do curso de Educação Física, que me fez um convite para participar do grupo de pesquisa Implementos de Recreação e Lazer Amazônico da UEA, uma experiência significativa que despertou novamente em mim a vontade de me dedicar a construir através dos meus conhecimentos de tessituras, implementos para a Educação Física escolar, neste grupo foi onde recebi o estímulo para me dedicar a pesquisa e mostrar ao público as possibilidades que a natureza tem a nos oferecer.

Nesse grupo de pesquisa, aprimorei meus materiais, conheci e aprendi sobre o uso de outros materiais e insumos amazônicos que podemos utilizar e ensinar os alunos e professores na sua construção. Tais implementos assumem seu lugar de material pedagógico na Educação Física, promovendo a construção e a apropriação da nossa identidade cultural, a partir de técnicas ancestrais da confecção de utensílios e que ressignificamos para as aulas de Educação Física e suas dimensões.

A experiência narrada na participação do grupo de pesquisa “Implementos de Recreação e Lazer Amazônico” pode ser compreendida criticamente à luz do conceito de *habitus* Bourdieu (1989), que aponta para a incorporação de disposições duráveis e sistemas de percepção moldados pelas condições sociais e culturais nas quais os indivíduos estão inseridos.

A apropriação e ressignificação dos saberes ancestrais e dos insumos naturais amazônicos, materializados na confecção de implementos para Educação Física, exemplificam o processo de manifestação daquele *habitus* adaptado ao contexto amazônico. Tal prática pedagógica vai além da mera técnica, tornando-se uma expressão da identidade cultural e da memória coletiva, consolidando capital cultural específico da região.

Amplia essa compreensão Krenak (2022) afirmar que a resistência dos povos indígenas e tradicionais é um ato político-cultural que mantém vivos os saberes ancestrais, desafiando processos coloniais e neoliberais de homogeneização cultural. A construção e uso dos implementos amazônicos na Educação Física escolar são, portanto, atos de insurgência cultural e afirmação da identidade regional. Neste viés Bispo dos Santos (2023) reforça a importância da integração dos saberes tradicionais aos currículos escolares para a valorização da diversidade cultural e a promoção da interculturalidade, propiciando uma pedagogia de respeito e reconhecimento das múltiplas identidades corporais e culturais presentes na Amazônia. A experimentação corporal com esses implementos não é apenas movimentação, mas a vivificação de histórias e genealogias culturais que atravessam o tempo.

Quando a contribuição desta prática no campo escolar, Daolio (2007) destaca a dimensão sociocultural do corpo na Educação Física, ressaltando que as práticas corporais são meios fundamentais de comunicação, resistência e construção identitária. A ressignificação dos utensílios ancestrais para o contexto educacional representa uma pedagogia do corpo que integra memória, cultura e aprendizado, impulsionando o reconhecimento da singularidade amazônica no campo educativo.

Assim, o grupo de pesquisa funciona como um espaço generativo que articula *habitus*, resistência cultural e inovação pedagógica, promovendo uma Educação Física plural, crítica e comprometida com a valorização das raízes amazônicas, consolidando uma formação docente que transcende os limites convencionais do ensino. Além da parte de experimentação corporal, esses materiais carregam uma

história e ancestralidade de um povo no contexto amazônico, que resistem através dos tempos.

Figura 14- Produção de implementos pedagógicos.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Participar de um grupo de pesquisa dedicado à criação de implementos para a Educação Física a partir de insumos amazônicos foi fundamental para o aprimoramento dos meus conhecimentos e para a constituição da formação docente. Esse ambiente colaborativo proporcionou não apenas o acesso a saberes técnicos e científicos, mas também o intercâmbio de experiências e práticas locais, valorizando as riquezas culturais e naturais da Amazônia.

O compartilhamento de conhecimento entre membros do grupo estimulou minha criatividade e me permitiu desenvolver materiais pedagógicos contextualizados, que dialogam diretamente com a realidade dos estudantes amazônicos. Além disso, essa troca constante reafirmou a importância da pesquisa coletiva na construção do saber docente, fortalecendo a minha capacidade de inovar e atender às demandas das comunidades onde atuo. Assim, o grupo de pesquisa não foi apenas um espaço de aprendizagem, mas também um catalisador para a minha identidade profissional enquanto educadora comprometida com a valorização do patrimônio cultural amazônico.

Neste mundo de possibilidades, o grupo de pesquisa me aproximou novamente do campo acadêmico, meu desejo em realizar o curso de mestrado em Educação se torna uma meta, e em março de 2024, levo meus conhecimentos empíricos a Universidade Federal do Amazonas, com a proposta de mostrar as possibilidades dos

materiais feito com insumos amazônicos para as aulas de Educação Física, e tudo que antes era material concreto, tornou-se objeto de pesquisa, tornou-se ciência.

E, nesta jornada acadêmica, o bioma amazônico se multiplica e carrega sabedoria ancestral, cultura e tradição em forma de objetos pedagógicos e a partir deles história de vida, narrativas que confluem como as águas na formação da identidade docente.

De fato, narramos um momento transformador em que o conhecimento empírico se torna objeto de pesquisa e ciência, encapsulando uma experiência que se vincula ao *habitus* descrito por Bourdieu (1996). No caso apresentado, a vivência no grupo de pesquisa e o diálogo com o bioma amazônico configuram um processo de legitimação do capital cultural específico, ao transformar saberes ancestrais e materiais concretos em conhecimento acadêmico e pedagógico.

Esse movimento de ressignificação dos insumos amazônicos em objetos pedagógicos pode ser interpretado como uma operação simbólica que reforça a identidade cultural e docente num campo acadêmico historicamente marcado pela hegemonia de saberes dominantes (Bourdieu, 2005). A apropriação desses saberes locais e a construção científica promovem a reprodução e, ao mesmo tempo, a transformação das condições de existência social e profissional no contexto amazônico, ampliando o capital cultural e simbólico do eu pesquisadora.

Além disso, a fluidez e confluência das narrativas pessoais com os objetos pedagógicos refletem o que Bourdieu (1989) denomina "campo", um espaço social onde disputas por reconhecimento e poder ocorrem. A inserção neste campo acadêmico a inserção no mestrado, representa não apenas uma conquista individual, mas a articulação de forças culturais e simbólicas que valorizam saberes tradicionalmente marginalizados.

Autores amazônidas, como Krenak (2022) e Bispo dos Santos (2023) nos reforçam a importância dessa valorização dos saberes ancestrais e da natureza enquanto elementos constitutivos da identidade cultural e pedagógica, apontando para uma educação que reconhece a pluralidade cultural e ambiental da região. Daolio (2007) também endossa essa perspectiva ao destacar que a Educação Física cultural ultrapassa o mero corpo em movimento, sendo um veículo de memória, cultura e resistência. Dessa forma, a trajetória descrita se insere nas dinâmicas complexas do *habitus* e do campo, demonstrando que a ciência e a academia podem ser espaços

de reafirmação cultural e de inovação pedagógica, especialmente quando historicamente voltadas à valorização do patrimônio regional e à construção de identidades docentes contextualizadas e autênticas.

Com tantas transformações na vida, é necessário ter pessoas ao seu lado que firmemente são amparo, e, ainda, no ano de 2024, a vida me presenteou com uma pessoa que se tornou importante na minha vida. Minha querida esposa que, entre duelos com a vida familiar e acadêmica, foi minha reconexão com meu eu, meu apoio emocional e acadêmico. Sua história de vida, vinda também do interior do Amazonas e trajetória acadêmica em Psicologia no município de Manaus, resulta em nossos diálogos sobre a vida em movimento que nos trazem reflexões que engrandecem esta pesquisa e humaniza meu olhar quanto à construção da minha identidade pessoal e profissional. Considerando minhas limitações e possibilidades da autorreflexão, minha família faz parte desse processo.

Ao analisar das referências sociais de amparo presentes nesse tópico destaco a importância das relações interpessoais e familiares na construção da identidade pessoal e profissional, especialmente no contexto acadêmico e da formação docente. A presença da minha família como suporte emocional e acadêmico evidencia a relevância do capital social afetivo para a resiliência e o desenvolvimento intelectual, conforme abordado por autores que discutem as redes de apoio na trajetória acadêmica e profissional.

Bourdieu (1989) ressalta o papel do capital social, as relações duradouras e confiáveis que um indivíduo mantém, como um recurso indispensável para a construção do *habitus* e para o sucesso nas práticas sociais e acadêmicas. No caso citado, a esposa atua como um elo fundamental dessa rede, oferecendo suporte para enfrentar os desafios do convívio entre a vida familiar e a vida acadêmica, o que é consistente com as pesquisas de Silva e Ximenes (2022), que destacam o papel do suporte emocional familiar na saúde mental e na persistência dos estudantes e profissionais em contextos de alta demanda.

Além disso, a humanização da pesquisa e a ampliação do olhar reflexivo trazem à tona a importância da intersubjetividade na construção do conhecimento, um aspecto discutido por Freire (1996) na valorização do diálogo e da troca como base para o processo educativo e formativo. Ao incorporar as reflexões provenientes do diálogo com a esposa, o pesquisador amplia sua capacidade crítica e sensibilidade

social, essenciais para a formação de uma identidade docente comprometida com aspectos humanos e contextualizados.

Nesse ponto de autorreflexão e ao diálogo familiar fortalecem a base para um percurso acadêmico e profissional mais robusto e humanizado, reafirmando a centralidade das relações afetivas e sociais no processo de construção identitária em educação e profissão.

Caminhando para ano de 2025, retorno ao trabalho no município de Manaus em uma escola de Ensino Fundamental na Zona Leste. Uma escola de periferia que, para muitas pessoas, é um desafio, mas para mim uma oportunidade e, ainda que seja em uma escola da capital do estado os desafios são assemelham-se com os quais vivenciei na profissão, e agora realidades e problemáticas sociais mais presentes, onde a marginalização se encontra com a esperança de um mundo melhor para cada indivíduo, e a escassez de materiais para as aulas de Educação Física se apresenta.

Mas, desta vez, utilizo os materiais de insumos amazônicos para realizar as aulas, esses materiais que me trouxeram oportunidades que eu não imaginaria. Um material rico de aprendizagem, capaz de promover inclusão, respeito pela natureza, compreendendo o papel do ser humano na sociedade e o resgate das práticas tradicionais caboclas.

O contexto descrito reflete desafios contemporâneos enfrentados por educadores em periferias urbanas, especialmente na Amazônia, onde problemáticas sociais se entrelaçam com possibilidades de transformação pedagógica a partir da valorização cultural e ambiental. Pesquisas recentes destacam que escolas da periferia, como as da Zona Leste de Manaus, convivem com desigualdades econômicas, exclusão social e déficit de recursos pedagógicos, exigindo práticas educativas que ofereçam inclusão e promovam a identidade cultural local (De Jesus *et al.*, 2025).

A utilização de implementos produzidos a partir de insumos amazônicos destaca-se como estratégia pedagógica inovadora que articula educação ambiental, inclusão social e valorização das culturas locais, conforme estudos que reforçam a eficácia de práticas contextualizadas na Educação Física (Leite *et al.*, 2024). Tais materiais tornam-se ferramentas para resgatar e manter vivas as tradições caboclas,

promovendo, ao mesmo tempo, o respeito à natureza e uma consciência crítica sobre o papel do ser humano na sociedade amazônica.

Além disso, autores contemporâneos apontam que o uso de saberes tradicionais em contextos escolares urbanos periféricos contribui para a construção de identidades resilientes e culturalmente significativas, favorecendo a inclusão e combatendo a marginalização pedagógica (Santos Bispo, 2023). Assim, a experiência de retorno ao trabalho em uma escola pública da periferia de Manaus usando materiais amazônicos reforça a urgência de práticas educacionais interculturais e ambientalmente responsáveis que dialoguem com as realidades locais para promover uma educação transformadora e socialmente justa.

Figura 15– Aula de Educação no ensino Fundamental, utilizando o material confeccionado.



Fonte: Acervo da autora (2024).

Em um novo cenário que encontro divergências, enquanto no interior do Amazonas, em Boa Vista do Ramos, os insumos para a construção dos materiais são encontrados diretamente na natureza, na capital, eles são comercializados. Isso levanta uma discussão quanto ao acesso aos produtos da natureza que, por assim dizer, nos pertence, mas que o ser humano tem comercializado em prol do capitalismo.

É importante destacar que o desenvolvimento de implementos didáticos para a Educação Física com materiais da floresta não é apenas uma questão de “cobrir o sol com a peneira” em decorrência da ausência de (execução de) políticas públicas. É muito mais do que uma perspectiva neoliberal de “reduzir custos” via a

“inventividade docente”. A confecção desses materiais é o caminho de uma vida imersa em saberes da floresta que vão dando sentido e significado para a vida em conexão com a Terra. Ou seja, não é tomar a floresta como recurso para extração (inconsequente), mas, se relacionar com ela em um equilíbrio entre receber e dar (Krenak, 2022).

Essa reflexão nos leva em duas realidades distintas que podem encontrar-se na busca de solucionar uma problemática presente nas escolas, que é a falta de materiais pedagógicos para as aulas de Educação Física e compreender a importância do trabalho com a natureza. Aqui, fomos além, trazendo os saberes da floresta para a universidade, assim, ancestralizando os aprendizados (Krenak, 2022).

Nas aulas de Educação Física é necessário, para além de um planejamento, implementos que possam colaborar no desenvolvimento das aulas. Nesse sentido, utilizamos diversos materiais como bolas, arcos, cones, cordas, tabuleiros, redes e brinquedos como o bilboquê, vai-e-vem, perna de pau. Ou seja, em qual for a circunstância, o professor de Educação Física deve estar preparado para suas aulas, para que possam torná-las mais dinâmicas e lúdicas. Sendo assim utilizando do que foi aprendido ainda na infância em tecer fibras de vegetais, resgatadas da natureza amazônica, trago o inventário de materiais possíveis para as aulas de Educação Física.

4. DA CONFEÇÃO DOS MATERIAIS PEDAGÓGICOS AO RECURSO EDUCACIONAL: ATELIÊ DAS RAÍZES AMAZÔNICAS.

4.1 Do ateliê a práxis docente

Neste ateliê, iremos apresentar os implementos construídos de forma artesanal e utilizado nas aulas de Educação Física, muito mais que um simples objeto, os materiais confeccionados e apresentados nesta pesquisa são carregados de história e significados, um universo simbólico que revela cultura e tradição, ainda, é transformado em uma ferramenta poderosa de desenvolvimento e pertencimento de saberes, uma riqueza que revela um sentimento e traz novas possibilidades de ensinar e aprender.

Mota *et al.*, (2020) corroboram com a importância do uso de materiais artesanais confeccionados a partir de insumos amazônicos como ferramentas pedagógicas na Educação Física escolar, destacando como jogos, brinquedos e brincadeiras adaptados ao contexto regional, construídos artesanalmente, promovem a inclusão, valorização cultural e inovação na prática educativa, evidenciando seu papel como mediadores simbólicos e instrumentos de aprendizagem que fortalecem a identidade cultural das comunidades amazônicas

Além disso, KUÍ *et al.*, (2022) exploram a relação entre o artesanato indígena e o processo de ensino-aprendizagem, ressaltando os valores ancestrais e o respeito à biodiversidade amazônica presentes nesses materiais, que vão além de objetos simples e se configuram em elementos carregados de significado e história. Tais implementos tornam-se, assim, parte integrante do currículo cultural, permitindo o resgate das tradições locais e o fortalecimento da consciência ambiental e identitária dos estudantes e professores.

Esses estudos ressaltam que a construção coletiva e o uso de materiais pedagógicos artesanais representam um movimento de resistência cultural e de democratização da Educação Física, ampliando as possibilidades didáticas e fomentando um ensino contextualizado, lúdico e inclusivo, que dialoga diretamente com as especificidades socioambientais da Amazônia, conforme evidenciado nesta narrativa.

Este embasamento fortalece a compreensão do ateliê como espaço de construção e compartilhamento de saberes significativos no processo formativo

docente e na prática educativa amazonense. A partir da troca de saberes, chegamos aos implementos confeccionados para as aulas de Educação Física, que surge do movimento da vida e experiência, na relação com a natureza e a ancestralidade amazônica e a contribuição da científica. São eles: bilboquê, argolas, boliche, bolas, dados, pé de pau, carrinho de rolimã e vai-e-vem.

Esses brinquedos são confeccionados com cipó titica, fios de tucum, caroço de tucumã e madeiras, e a partir das memórias à criação de brinquedos pedagógicos, neste cenário atual um material rico de significado através da cultura amazônica.

Bilboquê

O bilboquê é um brinquedo tradicional bastante simples, mas que oferece muitos benefícios. Ele consiste basicamente em duas partes, copo e bola, unidas por uma corda

Figura 16- Bilboquê



Fonte: Acervo da autora (2024).

Descrição do Brinquedo

Parte 1: O "copo" ou a "cabeça" é feito de cipó titica, possui um formato de copo, sino ou cone com uma abertura na parte superior. Algumas versões podem ter mais de um "copo" de diferentes tamanhos.

Parte 2: A "bola" ou a "biloca" é feita da reutilização do caroço de tucum, que é presa por um cordão do chamado olho do tucum a um ponto na base do "copo" ou a um cabo preso ao "copo", feito de madeira.

Como se joga o Bilboquê

O objetivo do jogo é, segurando o "copo" com uma das mãos, arremessar a "bola" para cima com um movimento suave e tentar encaixá-la na abertura do "copo". Parece simples, mas requer prática e coordenação.

Existem algumas variações na forma de jogar

Encaixe simples: A forma mais comum é tentar encaixar a bola na abertura principal do copo.

Encaixe na ponta: Algumas versões do bilboquê possuem uma ponta saliente no topo do copo. O desafio é encaixar o furo da bola nessa ponta.

Sequências: Jogadores mais experientes podem tentar realizar sequências de encaixes, alternando entre a abertura do copo e a ponta, ou utilizando diferentes partes do brinquedo em versões mais complexas.

Benefícios do Bilboquê

Desenvolvimento da coordenação motora: o jogo exige coordenação entre os olhos e as mãos, sendo excelente para aprimorar essa habilidade. É preciso sincronizar o movimento do braço ao lançar a bola com a visão para tentar encaixá-la.

Melhora do equilíbrio e da consciência corporal: Para realizar os movimentos necessários, o jogador precisa manter o equilíbrio e ter uma boa noção do seu corpo no espaço.

Aumento da concentração e do foco: O bilboquê requer atenção para controlar o lançamento da bola e o movimento do copo, ajudando a desenvolver a capacidade de concentração.

Estímulo à paciência e à persistência: No início, pode ser frustrante não conseguir encaixar a bola. A prática constante ensina a ter paciência e a persistir até alcançar o objetivo.

Desenvolvimento do raciocínio espacial: O jogador precisa calcular a trajetória da bola e a posição do copo para realizar o encaixe com sucesso.

Atividade lúdica e divertida: O bilboquê é um brinquedo que proporciona entretenimento e pode ser jogado individualmente ou em competições amigáveis.

Melhora dos reflexos: A necessidade de reagir rapidamente para tentar encaixar a bola contribui para aprimorar os reflexos.

Pode ser praticado em diversos lugares: Por ser um brinquedo portátil, o bilboquê pode ser levado e jogado em diferentes ambientes.

Em resumo, o bilboquê é um brinquedo tradicional com uma mecânica simples, mas que proporciona importantes benefícios para o desenvolvimento de diversas habilidades motoras e cognitivas, além de ser uma atividade divertida para pessoas de todas as idades.

Vai-e-vem

O brinquedo tradicional "vai-e-vem", também conhecido como "volta", é um clássico que fez muito sucesso, especialmente, nos anos 80. É um brinquedo simples, geralmente feito com duas metades de garrafa PET unidas, com cordas passando pelos gargalos e argolas nas pontas das cordas para que duas pessoas possam segurá-lo.

Figura 17– Vai e Vem



Fonte: Acervo da autora (2024).

Descrição do brinquedo

Na recriação do brinquedo foi utilizado: cipó titica, cordas de tucum e madeira. Por meio de tessituras, fazemos um objeto em forma oval, com um espaço interno para passar dois fios com cerca de 1 metro de comprimento cada e com argolas em cada extremidade dos fios.

Como se joga

Para brincar, duas pessoas seguram as argolas e se posicionam frente a frente. Um dos jogadores impulsiona o brinquedo, abrindo e fechando os braços para que ele vá em direção ao outro jogador. O outro jogador, então, repete o movimento para enviar o brinquedo de volta. O objetivo é manter o "vai e vem" em movimento contínuo entre os dois jogadores.

Benefícios

É um brinquedo divertido que ajuda a desenvolver a coordenação motora e a atenção, além da socialização e a aproximação com a natureza por meio da confecção utilizando os insumos da floresta.

Boliche

O boliche, que é um jogo tradicionalmente associado a pistas e pinos de madeira, ganha uma nova e criativa roupagem no ambiente escolar, transformando-se em uma atividade lúdica e pedagógica de grande valor. Realizado com materiais simples e acessíveis, o boliche escolar vai muito além da simples diversão, promovendo o desenvolvimento de diversas habilidades nas crianças.

Figura 18– Pinos de boliche



Fonte: Acervo da autora (2024).

Descrição do brinquedo

Neste brinquedo, utilizamos um suporte de madeira que é a base dos pinos, cipó titica e um pino de plástico para moldar a estrutura.

Para confeccionar a bola, utilizamos de meias e revestimos com cipó para ganhar peso.

Dinâmica e Regras Adaptadas

A pista de boliche pode ser demarcada com giz, fita crepe ou cordas no pátio, na quadra de esportes ou até mesmo no corredor da escola. As regras são flexíveis e adaptadas à faixa etária dos participantes.

Formação de Equipes: Os alunos podem jogar individualmente ou ser divididos em equipes, promovendo a socialização, o trabalho em grupo e o espírito esportivo.

Distância do Arremesso: Uma linha de arremesso é definida a uma distância segura e desafiadora para as crianças.

Pontuação: A contagem de pontos é um dos aspectos mais ricos da brincadeira. Em sua forma mais simples, cada pino derrubado vale um ponto. No entanto, os professores frequentemente, utilizam a atividade para trabalhar conceitos matemáticos.

Objetivos Pedagógicos

A brincadeira de boliche na escola é uma ferramenta pedagógica completa, que visa o desenvolvimento integral da criança.

Coordenação Motora: O ato de segurar, mirar e arremessar a bola desenvolve a coordenação motora ampla, a força e a precisão dos movimentos.

Noção Espacial: A criança aprende a calcular distâncias e a posicionar-se em relação aos alvos.

Raciocínio Lógico: É preciso pensar na melhor forma de arremessar a bola para derrubar o maior número de pinos possível.

Habilidades Sociais: A atividade ensina a respeitar a vez do colega, a lidar com a vitória e a derrota, e a colaborar em equipe.

Consciência Ambiental: O uso de materiais recicláveis como as garrafas PET desperta a consciência para a sustentabilidade. Ou, indo além e buscando uma integração com os insumos da natureza.

Em suma, o boliche escolar é um exemplo de como uma atividade simples pode ser carregada de significado e oportunidades de aprendizado. Com criatividade e

intencionalidade pedagógica, a brincadeira se torna um momento de alegria, interação e desenvolvimento de habilidades essenciais para a formação dos alunos.

Dados

Criamos um dado para diversos jogos e brincadeiras, cada uma com seus próprios objetivos e benefícios.

Figura 19 - Dado



Fonte: Acervo da autora (2024).

Descrição do brinquedo

Ele foi confeccionado com cabos de vassoura, pregos para formar o cubo, cipó títica, pode usar EVA para marcar os números das faces.

O dado traz inúmeras possibilidades nas aulas de Educação Física, é um recurso educacional também utilizado nas aulas por exemplo de matemática.

Jogo da Trilha com Dados.

Como jogar: Desenha-se uma trilha com casas numeradas ou com desafios/instruções em algumas casas. Cada jogador utiliza um marcador e, na sua vez, lança um dado. O número que sair no dado indica quantas casas o jogador deve avançar. O primeiro a chegar ao final da trilha vence. Variações podem incluir regras especiais para cair em certas casas (avançar, voltar, perder a vez etc.).

Benefícios

Contagem: Pratica a contagem e a correspondência entre o número do dado e o número de casas a avançar.

Noção de ordem: Ensina a seguir uma sequência predeterminada (a trilha).

Socialização: Promove a interação entre os jogadores, o respeito às regras e a espera da sua vez.

Introdução à probabilidade: As crianças começam a entender que alguns números têm mais chance de sair no dado do que outros (em um dado de seis lados, todos têm a mesma probabilidade).

Par ou Ímpar com Dados

Como jogar: Dois jogadores. Antes de lançar o dado, cada jogador escolhe se será "par" ou "ímpar". Um jogador lança o dado, e o número resultante é verificado. Se o número for par, o jogador que escolheu "par" ganha um ponto (ou marca de outra forma). Se for ímpar, o jogador que escolheu "ímpar" ganha. Joga-se por um número determinado de rodadas, e quem tiver mais pontos no final vence.

Benefícios

Reconhecimento de números pares e ímpares: Reforça o aprendizado sobre a distinção entre esses tipos de números.

Conceito de probabilidade: Introduz a ideia de que há uma chance igual de sair um número par ou ímpar em um dado padrão.

Desenvolvimento do raciocínio matemático: A maioria das brincadeiras com dados envolve contagem, adição, reconhecimento de números e conceitos de probabilidade.

Melhora da coordenação motora fina: Ao manipular os dados e marcadores, as crianças aprimoram a destreza manual.

Estímulo ao pensamento estratégico: Muitos jogos exigem que os jogadores planejem seus movimentos e antecipem as ações dos outros.

Aprendizado através da diversão: As brincadeiras tornam o aprendizado mais envolvente e motivador, sendo promotor da interação social, como jogar juntos fortalecendo os laços sociais e ensina habilidades de convívio.

Ao escolher brincadeiras com dados, é importante considerar a idade e o nível de desenvolvimento dos participantes para garantir que a atividade seja desafiadora, mas, também, acessível e divertida.

Além dos brinquedos, outros materiais são possíveis de serem produzidos. A partir dos materiais confeccionados para as aulas de Educação Física na escola, que aqui chamamos de implementos, percebemos que é possível confeccionar materiais

com insumos oriundos do bioma amazônico, prepará-los e ressignificá-los para a prática docente, além da significância da bagagem cultural que o envolve e produz.

Cone

Os cones, itens simples e versáteis, são ferramentas valiosas para promover o desenvolvimento infantil de forma lúdica e divertida. Seja no pátio da escola, no parque ou até mesmo em casa, as atividades com cones oferecem uma gama de oportunidades para que as crianças aprimorem habilidades motoras, cognitivas e socioemocionais.

Figura 20– Cones.



Fonte: Acervo da autora (2024).

Atividades com Cones:

As possibilidades de brincadeiras com cones são inúmeras e podem ser adaptadas para diferentes faixas etárias. Abaixo, listamos alguns exemplos:

Para o Desenvolvimento da Coordenação Motora Grossa e Agilidade:

Circuito de Zig-Zag: Disponha os cones em uma linha reta ou curva, com espaço suficiente para a criança correr entre eles em formato de zig-zag. Isso aprimora a agilidade, o equilíbrio e a capacidade de mudar de direção.

Corrida com Obstáculos: Além do zig-zag, os cones podem ser usados como obstáculos para pular, passar por baixo ou contornar. Essa atividade desenvolve a coordenação, a noção espacial e a força.

Pega-Cone: Duas crianças ou mais se posicionam em lados opostos de um cone. Um mediador dá comandos como "mão na cabeça", "mão no joelho" e, em um

momento surpresa, grita "cone!". A criança que pegar o cone primeiro vence. Essa brincadeira estimula a atenção, a agilidade e o tempo de reação.

Estafetas: Divida as crianças em equipes e crie corridas de revezamento onde elas precisam contornar um cone distante e voltar para entregar algo ao próximo colega. Isso promove o trabalho em equipe, a velocidade e a coordenação.

Para o Desenvolvimento da Coordenação Motora Fina e Equilíbrio:

Empilhando Cones: Peça para a criança empilhar os cones, um sobre o outro, formando uma torre. Para os menores, pode-se começar com cones maiores e mais estáveis. Essa atividade desenvolve a coordenação olho-mão e a precisão dos movimentos.

Transporte de Objetos: A criança pode ser desafiada a transportar uma bola ou outro objeto em cima de um cone, equilibrando-o com as mãos enquanto se desloca. Isso aprimora o equilíbrio e a concentração.

Jogo da Argola: Utilize os cones como alvos para o clássico jogo da argola. A criança precisa arremessar as argolas tentando encaixá-las nos cones, o que trabalha a mira e a coordenação motora fina.

Para o Estímulo Cognitivo e a Criatividade:

Caça ao Tesouro Colorido: Utilize cones de cores diferentes e peça para a criança encontrar objetos da mesma cor do cone e colocá-los ao lado. Essa atividade ensina as cores, a associação e a classificação.

Construção de Cenários: Os cones podem se transformar em castelos, montanhas ou árvores na imaginação das crianças. Incentive a criação de histórias e cenários utilizando os cones como parte do ambiente.

Contribuições para o Desenvolvimento Infantil:

As atividades com cones vão muito além da diversão, oferecendo contribuições significativas para o desenvolvimento integral da criança:

Desenvolvimento Motor: Aprimoram a coordenação motora grossa (correr, pular, desviar) e fina (pegar, empilhar), o equilíbrio, a agilidade e a noção espacial.

Desenvolvimento Cognitivo: Estimulam o raciocínio lógico, a resolução de problemas (como descobrir a melhor forma de passar por um obstáculo), a atenção, a concentração e a memória. Atividades com cores e sequências também auxiliam no aprendizado de conceitos básicos.

Desenvolvimento Socioemocional: Muitas brincadeiras com cones são realizadas em grupo, o que promove a interação social, o trabalho em equipe, o respeito às regras e a capacidade de lidar com vitórias e derrotas.

Estímulo à Criatividade e Imaginação: Os cones podem ser utilizados de forma simbólica, incentivando a criança a criar suas próprias brincadeiras e narrativas, o que é fundamental para o desenvolvimento da criatividade e da capacidade de abstração.

Em resumo, as atividades com cones são uma maneira acessível e eficaz de proporcionar às crianças momentos de alegria e, ao mesmo tempo, impulsionar seu desenvolvimento de forma completa e harmoniosa. Com um pouco de criatividade, é possível transformar simples cones em um universo de aprendizado e diversão.

Chapéu chinês

O "chapéu chinês", também conhecido como "cone chinês", "meio cone" ou "cone demarcatório", é um material extremamente versátil e popular nas aulas de Educação Física infantil. Sua leveza, segurança e cores vibrantes o tornam ideal para uma infinidade de atividades que desenvolvem habilidades motoras e cognitivas de forma lúdica.

Figura 21– Pratos de agilidade.



Fonte: Acervo da autora (2024).

Atividades com Chapéu Chinês na Educação Física

Circuitos Motores

Uma das aplicações mais comuns e eficazes do chapéu chinês é a criação de circuitos. Eles servem como marcadores para guiar as crianças através de diferentes estações e desafios.

Atividade: Crie um caminho com os cones. As crianças devem correr em ziguezague, contornar os cones sem derrubá-los.

Saltar sobre os cones: Dispor os cones a uma distância segura para que saltem com um ou dois pés.

Passar por baixo: Criar "túneis" usando bastões apoiados em dois cones para que as crianças rastejem ou engatinhem.

Contribuição:

Coordenação Motora Ampla: Desenvolve a capacidade de controlar os grandes músculos do corpo.

Agilidade e Velocidade: Melhora a rapidez para mudar de direção e executar movimentos.

Noção Espacial e Lateralidade: Ajuda a criança a perceber seu corpo no espaço e a diferenciar direita e esquerda.

Equilíbrio: Fundamental para a postura e para a execução de movimentos mais complexos.

Atividades de Reação e Velocidade

Atividade "Pega-Cone": Forme duplas. Cada dupla fica de frente uma para a outra com um chapéu chinês no chão entre elas. O professor dá comandos como "mão na cabeça!", "mão na barriga!", "mão no joelho!". Quando o professor gritar "Pega o cone!", a criança que pegar o objeto primeiro ganha um ponto.

Contribuição:

Atenção e Concentração: A criança precisa estar focada nos comandos do professor. Velocidade de Reação: Estimula a rapidez entre o estímulo auditivo (o comando) e a resposta motora (pegar o cone). Agilidade: Requer um movimento rápido e preciso.

Jogos Lúdicos e Cooperativos

Atividade "Construindo o Castelo": Espalhe vários cones pela quadra. Divida as crianças em duas equipes: os "construtores" e os "destruidores". Os construtores devem virar todos os cones com a boca para baixo (formando uma "torre"), enquanto os destruidores devem virá-los com a boca para cima. O professor marca um tempo (ex: 1 minuto) e, ao final, a equipe que tiver mais cones na sua posição é a vencedora.

Contribuição:

Trabalho em Equipe e Cooperação: As crianças precisam colaborar para atingir um objetivo comum.

Respeito às Regras: Aprendem a seguir as instruções do jogo.

Agilidade e Resistência: A atividade exige movimentação constante.

Atividades de Coordenação e Manipulação

Atividade "Garçom Maluco": Cada criança recebe um chapéu chinês para segurar. O desafio é transportar uma bolinha (de tênis ou de plástico) equilibrada no topo do cone, de um ponto a outro da quadra, sem deixá-la cair.

Contribuição:

Coordenação Óculo-Manual (Olho-Mão): Exige que a criança coordene o que vê com o movimento das mãos.

Equilíbrio Dinâmico: Manter o equilíbrio enquanto se move.

Atividade "Arremesso ao Alvo": Use os cones como alvos. As crianças podem arremessar argolas para tentar encaixá-las nos cones ou pequenas bolas para tentar derrubá-los.

Ao utilizar o chapéu chinês, o professor de Educação Física consegue, com um único material, criar um ambiente de aprendizado rico, dinâmico e extremamente divertido, garantindo o engajamento das crianças e contribuindo significativamente para seu desenvolvimento integral.

Escada de Agilidade

Muito utilizada em treinos funcionais e esportivos, ela pode ser adaptada de forma lúdica para crianças, transformando exercícios em brincadeiras que trazem inúmeros benefícios para o corpo e a mente.

Seja no quintal de casa, no pátio da escola ou em aulas de educação física, a escada de agilidade promove o desenvolvimento de habilidades essenciais de forma divertida e desafiadora.

Figura 22– Escada de agilidade



Fonte: Acervo da autora (2024).

Atividades Lúdicas com a Escada de Agilidade

Corrida Simples: A criança deve correr pela escada, colocando um pé em cada quadrado. O objetivo é não pisar nas tiras.

Pés Juntos (Coelhinho Saltitante): A criança deve saltar com os dois pés juntos em cada degrau da escada, do início ao fim.

Um Pé Só (Saci ou Flamingo): Percorrer toda a escada pulando com um pé só. Na volta, troca-se o pé de apoio.

Movimentos Laterais e Coordenados:

Entra e Sai (Caranguejo): De lado para a escada, a criança coloca primeiro um pé dentro do quadrado e depois o outro. Em seguida, tira o primeiro pé para fora do outro lado, seguido pelo segundo, avançando lateralmente.

Zigue-Zague: A criança avança colocando um pé dentro do quadrado e o outro pé fora, alternando os lados a cada degrau, em um movimento diagonal.

Passo de Tesoura: Um pé fica sempre dentro de um quadrado enquanto o outro pisa do lado de fora. A criança avança trocando os pés de forma rápida e alternada.

Exercícios Mais Desafiadores:

Dois Dentro, Um Fora: A criança coloca os dois pés dentro de um quadrado e depois dá um passo com um pé para fora, retornando os dois para o próximo quadrado.

Amarelinha: Use a escada como um tabuleiro de amarelinha. A criança salta com um pé em um quadrado e com os dois pés nos quadrados seguintes (um pé em cada).

Agachamento com Salto: A criança salta com os pés juntos para dentro do quadrado e, ao aterrissar, faz um pequeno agachamento antes de saltar para o próximo.

Dica: Utilize cones ou chapéus chineses no final da escada para adicionar uma tarefa extra, como pegar um objeto, dar uma volta no cone e retornar.

Principais Benefícios para as Crianças

As atividades com a escada de agilidade vão muito além de um simples exercício físico, contribuindo de forma integral para o desenvolvimento infantil.

Benefícios Físicos:

Melhora da Agilidade e Velocidade: A principal vantagem é o aprimoramento da capacidade de mover o corpo e mudar de direção de forma rápida e eficiente.

Desenvolvimento da Coordenação Motora: Os exercícios exigem que a criança coordene os movimentos de braços, pernas e olhos simultaneamente, refinando a motricidade ampla.

Aumento do Equilíbrio e Consciência Corporal: A necessidade de precisão nos movimentos ajuda a criança a desenvolver um melhor equilíbrio e a ter maior percepção do seu corpo no espaço (propriocepção).

Fortalecimento Muscular: Os saltos e movimentos rápidos fortalecem os músculos das pernas, glúteos e abdômen.

Aumento da Resistência Cardiovascular: A execução dos exercícios de forma contínua ajuda a melhorar o fôlego e a saúde do coração.

Ao concluir a apresentação dos brinquedos e implementos confeccionados com insumos amazônicos para as aulas de Educação Física, é possível afirmar que esses materiais transcendem sua função lúdica, configurando-se como potentes instrumentos pedagógicos que promovem a valorização cultural e a sustentabilidade ambiental. Pesquisas recentes realizadas em contextos amazônicos ressaltam que tais implementos com insumo da floresta carregam não apenas usos práticos, mas também significados simbólicos profundos, conectando os estudantes à ancestralidade e à história regional (Mota., 2020).

A prática de construir e utilizar brinquedos artesanais posiciona-se no cerne de uma pedagogia crítica e culturalmente sensível, que estimula a autonomia, criatividade e o pertencimento de Professores e alunos, por meio do contato direto com os saberes locais e com a natureza. Essa abordagem propicia o fortalecimento da identidade cultural na escola, promove a inclusão social e desenvolve uma consciência ecológica fundamentada no respeito ao bioma amazônico.

Além disso, o valor educativo desses materiais está associado ao processo coletivo de produção e ressignificação das práticas tradicionais na contemporaneidade, o que favorece uma Educação Física democrática, crítica e transformadora (Mota, 2020). Portanto, os brinquedos e implementos amazônicos revelam-se essenciais não apenas para o desenvolvimento motor, mas também para a construção de saberes culturais, sociais e ambientais, reafirmando o papel da Educação Física como um espaço significativo para a formação integral e consciente dos sujeitos.

4.2 A floresta o nosso armazém.

A construção dos materiais pedagógicos surge como uma necessidade de sanar a problemática de falta de materiais para as aulas de Educação Física, *a priori* como um recurso educacional. Um recurso educacional pode ser definido como qualquer recurso capaz de ser utilizado como catalizador do processo de aprendizagem (Sartori; Roesler, 2005). No entanto, essa ideia foi além, pois ofertamos a reflexão sobre a vida e a natureza, a construção do ser humano na sociedade e a promoção da preservação da cultura e tradição dos povos do Amazonas.

Nesta construção, os materiais nascem no meio da floresta amazônica onde primeiramente, realizamos a retirada desses insumos, atualmente, realizamos por meio de trilha em lugares já mapeados na BR- 172. Ao chegarmos nestes locais, detectamos os cipós que são parasitas das árvores. Sem sua retirada, as árvores hospedeiras perdem proteínas e conseqüentemente morrem. Então, realizamos a recolha desse cipó ainda bruto e enrolamos como uma roda.

Após a extração, o cipó é deixado de molho em água natural, para que, após um a dois dias, suas fibras sejam retiradas sem quebrar. Com esse processo de limpeza, retiramos as fibras e começamos a produzir os materiais por meio de tessituras. O cipó deve estar úmido e, para isso, utilizamos um borrifador de água sempre que necessário para que não se quebre o cipó.

Os fios de tucum são retirados da palha da palmeira de tucum. Conhecido como olho do tucum, são as palhas do meio da palmeira as mais novas. Também é conhecido como fio da lealdade por ser um fio resistente e difícil de se romper. Esse fio era utilizado pelos ribeirinhos para fabricar cordas, rede de pesca e até para amarrar animais.

Ao remover a palha do tucum, retiramos os espinhos e, com o auxílio de uma faca, fazemos um corte na distância de 20 cm do início da palha e retiramos a tala (uma parte rígida que fica no meio). E assim, no movimento de raspagem, retiramos a embira, que é uma fibra transparente da palmeira. Após esse processo, as fibras vão para o sol para que ela possa secar. Feito esse processo, as fibras são trançadas para que forme as cordas. Estas cordas servirão para amarrar os materiais e assim confeccioná-los de forma totalmente biodegradável.

As madeiras, são doações de madeiras locais que, por algum motivo, não serão utilizadas. Assim, damos formas aos jogos, suporte de brinquedos e

implementos. São selecionados, cortados e lixados de acordo com a necessidade de cada material. Além dos materiais do bioma amazônico, utilizamos o auxílio de ferramentas como: furadeira, serra, facas, borrifadores, parafusos e cola.

Apresento a floresta amazônica como o principal armazém de coleta da matéria prima, utilizada na confecção dos materiais pedagógicos, é por meio dela que extraímos vida da floresta para as aulas de Educação Física, e contribuimos em um movimento de cumplicidade e conexão com a terra.

Amazônia, onde antes era apenas uma floresta densa, se tornou berço de pesquisa, fundamentada nas raízes da constituição da formação humana e docente, que eu professora regresso nas memórias de infância e perpassa pela vida à contribuição social do criar implementos para suprir a necessidade de material para Educação Física e para a vida.

Figura 23– Percurso realizado para colheita de insumos da floresta amazônica



Fonte: Acervo da autora (2024).

Figura 24– Fibras de Cipó titica, preparados para tessituras



Fonte: Acervo da autora (2024).

Figura 25– Material sendo confeccionado com insumos da floresta amazônica (chapéu chinês).



Fonte: Acervo da autora (2024).

4.3 Os legados do recurso educacional

É impressionante o valor cultural que carrega subjetividades e significados para a vida por meio dos materiais pedagógicos feito de insumo amazônicos, pois surge a partir da cultura dos povos do Amazonas. Assim, há um resgate das tradições carregadas pelos nossos antepassados. Nesse movimento de rememorar a história de vida e docência, trouxemos uma rica contribuição para o campo educacional especialmente para a Educação Física, a partir das vivências e experiências nos solos ribeirinhos.

Em um mundo cada vez mais consciente da necessidade de práticas que envolvam a preservação e o cuidado com a natureza e de uma conexão mais profunda com o meio ambiente, repensar em criar os materiais que nos cercam é fundamental no contexto amazônico. Não basta todos começarem a retirar os insumos da floresta. Pois não é apenas o uso do insumo que vai garantir essa relação com a natureza. É mais do que isso. É olhar para o insumo e ver o que os povos originários veem (vida doada). Não é olhar como os povos ocidentais capitalistas que veem apenas um recurso a ser extraído. Ou seja, não é extração para fazer coisas (mercadorias). Trata-se de receber e doar, numa relação de equilíbrio com a natureza. De um novo (antigo) modo de se relacionar com a natureza.

A tradicional imagem de quadras repletas de cones de plástico, bolas sintéticas e equipamentos industrializados começa a ser questionada por uma abordagem mais

natural e benéfica para o desenvolvimento das pessoas: a utilização de implementos confeccionados com materiais de insumos amazônicos.

A transição para equipamentos de Educação Física feito de insumos vai muito além de uma simples troca de materiais. Trata-se de uma mudança de paradigma que abraça o cuidado com a natureza, promove a saúde e enriquece a experiência de aprendizado com a natureza.

A construção de materiais orgânicos para serem utilizados na aula de Educação Física, ou em qualquer outra disciplina, pode trazer diversos benefícios, pois possibilita o desenvolvimento da capacidade de construir, criar e recriar, promovendo também o sentimento de valorização do que é construído (Figueirêdo e Costa, 2024).

Os equipamentos convencionais de Educação Física, em sua maioria fabricados com plásticos e outros polímeros sintéticos, carregam uma pesada bagagem ambiental e sanitária. A produção desses materiais depende de recursos não renováveis, como o petróleo, e seus processos de fabricação frequentemente liberam gases de efeito estufa e outros poluentes (Mota, 2020).

Ao final de sua vida útil, muitos desses itens se transformam em resíduos de longa permanência no meio ambiente, contribuindo para a poluição do solo e das águas e outras vidas. Além do impacto ambiental, a segurança das crianças também é uma preocupação. Muitos plásticos contêm aditivos químicos, como ftalatos e bisfenol A (BPA), que podem ser liberados com o uso e a exposição ao sol. Estudo de Zini, *et al.*, (2009) associam a exposição a essas substâncias a uma série de problemas de saúde, incluindo desregulação hormonal e outras complicações no desenvolvimento infantil.

Ao optar por implementos feitos de insumos amazônicos como madeira, bambu, cordas de fibras naturais, pedras e sementes, abre-se um leque de vantagens que impactam positivamente o desenvolvimento integral das pessoas que a utilizam. Pois diferentemente da textura lisa e uniforme do plástico, os materiais orgânicos oferecem uma rica variedade de texturas, pesos, cheiros e formas. O contato com a rugosidade dos cipós, no momento da tessitura auxilia no desenvolvimento sensorial e a propriocepção (a consciência do próprio corpo no espaço), o encontro com a ancestralidade e saberes com a natureza e a vida. Essa diversidade de estímulos

fomenta a criatividade e a imaginação, uma vez que um simples cipó pode se transformar em uma ponte de equilíbrio, um obstáculo a ser saltado ou um brinquedo.

Utilizar materiais provenientes da natureza nas aulas de Educação Física estabelece uma conexão direta e tangível com o meio ambiente. As crianças aprendem a valorizar os recursos naturais e a compreender a importância da vida com o meio ambiente. Essa vivência pode inspirar um senso de responsabilidade e cuidado com o planeta desde cedo.

Os implementos, quando devidamente preparados e selecionados, são mais seguros para o manuseio de professores e alunos. A ausência de produtos químicos tóxicos elimina os riscos associados à exposição a substâncias nocivas. Além disso, a estética e a sensação tátil dos materiais naturais tendem a criar um ambiente de aprendizado mais calmo e acolhedor. A criação e a utilização de implementos orgânicos podem se tornar um projeto colaborativo em si. Alunos e professores podem trabalhar juntos na coleta de materiais e na confecção dos equipamentos, promovendo o trabalho em equipe, a comunicação e a resolução de problemas. A versatilidade dos materiais orgânicos permite a criação de uma vasta gama de equipamentos para as mais diversas atividades físicas.

A adoção de implementos de Educação Física com materiais da floresta amazônica é um convite para reconhecer os saberes tradicionais amazônicos em forma de como ensinamos e aprendemos o movimento. É uma oportunidade de alinhar saberes culturais e tradicionais com os princípios de ressignificar os insumos da floresta, possível de promover saúde e bem-estar e de uma educação que valoriza a integralidade do ser humano e sua conexão com o mundo natural. Ao trocar o plástico pelo material natural madeira, não estamos apenas mudando os objetos, mas transformando a própria essência da experiência educativa, tornando-a mais rica, significativa e harmoniosa.

O impacto que esta pesquisa traz é certamente duradoura e atravessará o tempo e gerações, abrindo, possivelmente, outros caminhos para um povo esquecido em sua história. E, certamente, professores, alunos, acadêmicos e a sociedade reconhecerá e conhecerá o chão das escolas e as possibilidades que a natureza nos proporciona. É nesse sentido que promover este trabalho é dar visibilidade às comunidades ribeirinhas valorizando a arte, a cultura, a experiência e a vivência como

parte da formação docente, que a partir da relação, vida e docência, criou-se os recursos educacionais com insumos amazônicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: RIOS VOADORES A INFINITUDE DAS ÁGUAS

Nos rios voadores¹⁴ apresentamos a história de si, entremeada pela história profissional, considerando o percurso histórico e social da pesquisadora que caracteriza o exercício na docência, revelando possibilidades para atuação docente com a construção da sustentabilidade cultural e ecológica através dos *habitus* na produção dos materiais pedagógicos, da floresta à docência.

De fato, a construção da identidade docente é um processo complexo e multifacetado, que se tece na confluência das experiências pessoais, da bagagem cultural acumulada e da internalização de práticas e disposições que moldam por meio do *habitus* cultural, existindo uma forte interação entre a história de vida e a docência.

Por isso, a narrativa de vida e a docência por meio da (auto)biografia emergem não como elementos separados, mas como fios entrelaçados que, juntos, formam a base sobre a qual o ser professora se constitui e se reinventa continuamente, sobretudo na trajetória da professora-pesquisadora que sou, com as vivências, valores e saberes que construí historicamente e socialmente no contexto de trabalho e na vida diária, funcionando como um alicerce que informa e dá sentido à práxis pedagógica no processo de ação, reflexão e possibilidades de transformação social.

Neste sentido, a narrativa de vida atuou como o ponto de partida e o fio condutor desse processo de autoformação. Esta (auto)biografia da professora pesquisadora carrega consigo suas experiências como estudante e pós-graduanda, suas relações familiares, sociais e profissionais. Seus percursos formativos, constituíram um repertório simbólico que influenciou diretamente suas escolhas, sua postura em sala de aula e sua relação com o conhecimento e com os alunos. Ao recordar, refletir e ressignificar suas próprias histórias, a professora-pesquisadora não apenas compreendeu melhor a si mesmo, mas também se tornou mais consciente das forças que moldam sua identidade profissional, principalmente, em defesa da sustentabilidade da cultura e da ecologia no contexto amazônico.

Os resultados apresentados, não se resumem ao conhecimento formalmente adquirido, mas abrange um vasto espectro de saberes, crenças, costumes e visões de mundo que o indivíduo internaliza ao longo de sua existência humana, sobretudo

14 Massas de vapor d'água transportadas na atmosfera, impulsionadas por ventos alísios, que se originam no Oceano Atlântico

descrevem as experiências vividas e compartilhadas no percurso de vida e docência da professora/pesquisadora, visto o impressionante valor dos materiais pedagógicos produzidos de insumos amazônicos para a Educação Física nos múltiplos vínculos estabelecidos no contexto escolar. Esses materiais surgem a partir da cultura dos povos amazônidas, dos saberes da floresta, no resgate das tradições carregadas pelos nossos antepassados, num movimento de rememorar a história de vida e da docência tecidas nas relações sociais vividas no campo educacional, na própria comunidade da qual fiz parte, na produção da profissão docente em Educação Física.

. Essa bagagem cultural é o filtro através do qual a professora-pesquisadora interpreta o currículo, seleciona conteúdos, define suas metodologias e se relaciona com a diversidade cultural presente na escola, enfatizando uma identidade docente como resultado de um processo biográfico e relacional, porque socializa os materiais pedagógicos produzidos a partir da floresta amazônica.

A riqueza e a diversidade da bagagem cultural da professora podem tanto ampliar as possibilidades pedagógicas, promovendo uma educação mais inclusiva e significativa, quanto, em contrapartida, reproduzir vieses e limitações se não for criticamente analisada, integrando a identidade pessoal e profissional, e vice-versa, nas quais a ação educativa permite criar significados.

É na intersecção dessas experiências de vida e dessa bagagem cultural que se forja o *habitus* Bourdieu (1989), o qual compreendemos que, no desenvolver desta pesquisa, o *habitus* se apresenta, constantemente, como o resultado da incorporação das estruturas sociais do campo da educação, o que é constantemente moldado e reconfigurado pela trajetória da professora, de narrar as experiências vividas, permitindo qual o jeito de esperar vir a ser professora, enquanto sua identidade docente no contexto amazônico.

Assim, o modo de falar, de gesticular, de organizar o espaço da sala de aula e de interagir com os estudantes, não está enquadrado no tecnicismo pedagógico, mas no aprendizado de técnicas humanizadas e contextualizadas pelas manifestações de um *habitus* que reflete a história de vida e a cultura da professora, tal qual o *habitus* assume o papel na construção dos materiais oriundos do bioma amazônico, os quais os professores devem criar uma identidade coletiva docente com base na mediação intercultural numa sustentabilidade plena que exige envolvimento, conhecimento e respeito ao contexto real do exercício docente na e com a Amazônia.

Em suma, a contribuição da narrativa de vida e da docência como bagagem cultural e a reflexão sobre o *habitus* para a construção da identidade docente é fundamental e indissociável, a qual devemos levar em consideração para pesquisas futuras e debates para criar políticas públicas a partir da formação integral do professor, em que a formação da sua identidade não é uma essência fixa, mas um processo dinâmico e relacional, que percorre pelos espaços sociais permitindo como é que possamos enquanto professores(as) darmos sentido à nossa prática no contexto amazônico.

Para tanto, a partir dessas considerações torna-se possível adentrar aos campos de discursão acadêmica, sociais e políticas, elevando a vivência e experiência da professora como abertura para as vozes dos professores da região amazônica, num ato de democracia e criação de lugares de fala a partir de suas experiências e vivências para criar sua identidade que reverbera em sua práxis pedagógica.

Essa identidade que é o resultado de uma negociação constante entre o passado (narrativa de vida e bagagem cultural) e o presente (a prática docente e as interações no campo educacional), mediada pela incorporação de disposições (o *habitus*). Assim, reconhecer a importância dessa tessitura complexa é essencial para a valorização do professor como um sujeito integral, cuja prática é inseparável de sua história e de sua humanidade, e para a promoção de processos formativos que levem em conta a singularidade de cada percurso na nobre tarefa de educar.

A experiência vivida e compartilhada no percurso da vida e docência foi profícua, visto o impressionante valor dos materiais pedagógicos feitos de insumos amazônicos das faunas e floras. O seu valor não é de mercadoria, é um valor de vida compartilhada em que todos podem acessar seus benefícios. Esses materiais surgem a partir da cultura dos povos amazônicas, no resgate das tradições carregadas pelos nossos antepassados. Num movimento de, rememorar a história de vida e da docência, trouxemos uma contribuição para o campo educacional, especialmente, para a Educação Física a partir das vivências e experiências fruto dos saberes da floresta.

Criar implementos por meio de material amazônico, é resistir sua ancestralidade e colocar em destaque a herança cultural, em um ato de coragem que valoriza o meio ambiente enquanto entidade que muito nos dá, mas que também quer algo em troca. Sem demagogia ou distinção, daquilo que a natureza proporciona com

elementos essenciais para a vida e a prática profissional, devolvemos a ela em um rito de preservação e cumplicidade, em defesa da sustentabilidade cultural e ecológica nas aulas de Educação Física. E, assim, finalizo mostrando minha participação no evento técnico-científico do próprio PPGE/UFAM junto com os estudantes da escola que trabalho sobre o tema dos meus estudos e pesquisas, sobretudo desvelando minhas imanências utópicas, realidades e caminhos à identidade docente de ser professora no contexto amazônico.

Figura 26- Participação no XXIII Seminário Interdisciplinar de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação



Fonte: acervo da autora (2025)

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Danielle Golvim da Silva; COSTA, Francimara Souza da. Resiliência pedagógica: escolas ribeirinhas frente às variações de seca e cheia do Rio Amazonas. *Educação e Pesquisa*, v. 47, p. e230347, 2021.

ALARCÃO, Isabel (Coord.). **Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão**. Porto: Porto Editora, 2005.

ALMEIDA, Silas Barbosa Souza et al. A relação entre a falta de saneamento básico, o aumento das doenças infecciosas e dos gastos públicos: revisão sistemática de literatura. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 7, n. 2, p. e68014-e68014, 2024.

ALVIANO JÚNIOR, Wilson; NEIRA, Marcos Garcia; VARGAS, Cláudio Pellini. **Práticas curriculares da educação física e ação didática docente: um olhar dos estudos culturais**. Humanidades e Inovação, v. 9, n. 14, p. 111-121, 2022.

AMORIM, Ida de Fátima de Castro. O PROAMDE enquanto espaço formativo: **um estudo de caso**. 2021.

AMORIM, Rooney Pinheiro de. **Influência dos impactos por supressão vegetal na diversidade beta de mamíferos em áreas dos biomas Cerrado-Amazônia**. 2021.

ANTUNES, Marcelo Moreira; PINTO, Luiz Felipe Machado. **CULTURA, ESPORTE E IDENTIDADE: Aproximações e diálogos com a Educação Física**. Editora CRV, 2023.

BARBI, Karol Martoni. **Impactos do neoliberalismo na Educação Básica: a ideologização do lazer com ênfase na disciplina de Educação Física**. 2023.

BARRETO, J. P. L. (2021). **Complementaridade e transformação Yepamahsã**. Cadernos Selvagem. Publicação digital da Dantes Editora Biosfera.

BETTI, Mauro *et al.* Por uma didática da possibilidade: implicações da fenomenologia de Merleau-Ponty para a educação física. *Revista brasileira de ciências do esporte*, v. 28, n. 2, p. 39-53, 2007.

BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz Roberto. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. *Revista mackenzie de educação física e esporte*, v. 1, n. 1, 2002.

BOLÍVAR, Antonio; DOMINGOS, Jesús, y FERNÁNDEZ, Manuel. **La investigación biográfico-narrativa en educación**. Enfoque y metodología. Madrid: La Muralla, 2001.

BOURDIEU, P. (1983). **Gostos de classe e estilos de vida**. *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ática, 82-121.

_____. (1983). **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero.

- _____. (1992). **Three approaches to social capital**. Retrieved from.
- _____. (2002). Pierre Bourdieu Eduerj. Entrevista concedida a Maria Andréa de Loyola.
- _____. (2005). **Artigo: o campo econômico**. *Política & Sociedade*, 4(6), 15-58.
- _____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- _____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. 11. ed. Tradução Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 2011.
- _____, Sidicaro, R. D. (2003). Los herederos los estudiantes y la cultura.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.
- _____. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física. Brasília, MEC/SEF, 1998.
- _____. Censo Demográfico. Panorama do Censo 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/22827-censo-demografico-2022.html>. Acesso em 19 out.2024.
- BRANDÃO, Pedro Paulo Souza; BORGES, Carlos Nazareno Ferreira. Formação de professores de Educação Física na Amazônia: o currículo em questão. **Revista NUPEM**, v. 17, n. 41, 2025.
- BRIGIDA, Alexsander Luiz Braga Santa; RAMOS, Evandro de Moraes. **Banheiros do rio Negro e a escola ribeirinha: as aulas de educação física no contexto da hinterlândia amazônica**. Revista Teias, v. 21, n. 61, p. 201-217, 2020.
- BRUNO, Jailson Alexandre et al. **Análise de práticas pedagógicas no processo de ensino-aprendizagem de química em uma escola indígena de Tabatinga, Amazonas, Brasil**. 2024.
- CATANI, Denice Barbara, BUENO, Belmira e SOUSA, Cyntia. **O amor dos começos: por uma história das relações com a escola**. Cadernos de Pesquisa. Nº 111, p. 151 - 171, dez. 2000.
- CRUZ, Everton Cesar de Oliveira da. **Do eu-aluno/a para o eu-professor/a de educação física: trajetórias de escolarização e formação inicial**. 2021.
- DAOLIO, J. (1995). **Os significados do corpo na cultura e as implicações pra a educação física**. *Movimento*. Porto Alegre. vol. 2, n. 2 (jun. 1995), p. 24-28.
- _____. **Cultura, educação física e futebol**. Campinas, SP. Editora Unicamp, 1997.

_____. A educação física como prática cultural: tensões e riscos. **Pensar a prática**, v. 8, n. 2, p. 215-226, 2005.

_____. Educação Física e o conceito de cultura. Campinas: Autores Associados, 2004.

_____. O ser e o tempo da pesquisa sociocultural em educação física. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 29, n. 1, 2007.

CAVALCANTE FILHO, João. **Contribuições da história oral na Amazônia: vozes de professores em histórias de vida e narrativas na educação básica**. Manaus-Am, 2021.

DE JESUS, Dalci Mendes; GUIMARÃES, Luciene Benjamin Silva; DA SILVA, Jeromice Moreira. Currículo Inclusivo: Estratégias para Superar a Exclusão de Minorias Culturais no Ambiente Escolar. **HUMANIDADES E TECNOLOGIA (FINOM)**, v. 58, n. 1, p. 170-182, 2025.

DA SILVA, Livia Jeniffer Faria; TEIXEIRA, Ricardo Roberto Plaza. Investigações sobre a importância da integração de saberes tradicionais e científicos em sala de aula. In: **Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP**. 2024.

GHEDIN, Evandro; PIMENTA, Selma Garrido. **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. Cortez Editora, 2022.

LARAIA, Roque. **Cultura: um conceito antropológico**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 1986.

LEITE, Nanci Costa; MANSKE, George; DE OLIVEIRA, Paulo Rogério Melo. Educação e práticas escolares ribeirinhas: apontamentos da literatura sobre aspectos socioculturais, dificuldades e a valorização das comunidades ribeirinhas nas práticas educativas. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 17, n. 36, p. 39, 2024.

SOUZA, Elizeu Clementino. **O conhecimento de si: narrativas do itinerário escolar e formação de professores**. 2004. Tese de Doutorado. Universidade do Estado da Bahia (Brazil).

DOMINICÉ, Pierre. O que a vida lhes ensinou. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.) O método (auto)biográfico e a formação Lisboa: Ministério da Saúde, Depart. de Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988. p.131-153.

DOS SANTOS, Antônio Bispo; PEREIRA, Santídio. **A terra dá, a terra quer**. Ubu Editora, 2023.

DUBAR, C. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FARIAS, Uirá de Siqueira et al. Análise da produção do conhecimento sobre a educação física na educação infantil. **Movimento**, v. 25, p. e25058, 2019.

FIGUEIREDO, Alexandra Rodrigues et al. **A importância da zona franca de Manaus para o desenvolvimento socioeconômico da região norte do Brasil.** *Interference: a journal of audio culture*, v. 11, n. 2, p. 2439-2456, 2025.

FERREIRA, Mariana Barroso Bastos Santos. **A decisão do Jovem do Ensino Médio sobre a escolha pela profissão e as suas influências.** Trabalho final de conclusão de curso em Pedagogia. Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília, 2017.

FIGUEIREDO, Z. C. **Experiências profissionais, identidades e formação docente em educação física.** *Revista Portuguesa de Educação*, Lisboa, v. 23, n. 2, p. 153-171, 2010.

FORQUIN, Jean Claude. **Escola e Cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993.

FRANÇA, Deize Martins. **O empoderamento das mulheres ribeirinhas por meio ingresso da Universidade de Tefé.** 2024.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, de Marcílio. **Metamorfoses da sustentabilidade: visões fantásticas da Amazônia.** São Paulo: Editora Trevo, 2025.

GODOY, E. V; Santos, V. D. M. (2014). Um olhar sobre a cultura. *Educação em Revista*, 30, 15-41.

GONÇALVES, Rogério da Cruz et al. **Uma análise econômica do modelo de desenvolvimento regional Zona Franca de Manaus.** 2019.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Brasil - Amazonas: panorama 2019.**

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação.** São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Histórias de vida e formação: suas funcionalidades em pesquisa, formação e práticas sociais.** *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica*, v. 5, n. 13, p. 40-54, 2020.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral.** Companhia das Letras, 2022.

KUÏ, Rasu Inu Bake Huni; ARAUJO, Hanna Talita Gonçalves Pereira de. O ensino da arte na aldeia e na escola indígena: conhecimentos tradicionais e conhecimentos contemporâneos. **Cadernos CEDES**, v. 42, p. 41-50, 2022.

MARQUES, Ana Cristina Rodrigues; OLIVEIRA, Samuel Nunes; DA SILVA SANTIAGO, Joselita. Educação Física na Educação Infantil: **relato de experiência do Estágio Supervisionado**. Ensino Em Perspectivas, v. 4, n. 1, p. 1-12, 2023.

MARCON, Jaydione Luiz *et al.* **Biodiversidade Amazônica**. 2012.

MARQUES, Renato F. R; GUTIERREZ, Gustavo L.; ALMEIDA, Marco A. B. **O esporte contemporâneo e o modelo de concepção das formas de manifestações do esporte**. Conexões, Campinas, v. 6, n. 2, p. 42-61, 2008.

MEZZARI, Janair; GARBIN, Inelve M^a Favaretto; WENDHAUSEN, Adriana MP. Educação Física na Educação Infantil e suas diferentes abordagens: em busca de pistas bibliográficas. **Motrivivência**, n. 29, p. 29-54, 2007.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 20. ed. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

MOREIRA, Wagner Wey. **Educação física & esportes: perspectivas para o século XXI**. Papirus Editora, 2016.

MOREIRA, Fernando Jorge; SILVA, Maria de Lourdes Ramos da. Os processos de (re) construção da identidade docente em territórios vulneráveis: **um estudo de caso**. 2024.

MOREIRA, Wagner Wey. **Educação física & esportes: perspectivas para o século XXI**. Papirus Editora, 2016.

MOTA, V. S. **Educação Física Escolar: O uso múltiplo do material alternativo e sustentável da floresta amazônica**. Manaus, AM: Editora UEA, 2020. No prelo.

NEIRA, Marcos Garcia. **Educação física cultural**. Editora Blucher, 2018.

NÓVOA, António. **Modèles d'analyse en éducation comparée: le champ et la carte**. 1995.

OLINDA, E.M.B.; CAVALCANTE JÚNIOR, F. S. (Org.). **Artes do existir: trajetórias de vida e formação**. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. **Educação**, v. 34, n. 02, p. 147-156, 2011.

PRADO, Guilherme do Val Toledo.; FRAUENDORF, Renata Barroso Siqueira.; CHAUTZ, Grace Carolina Chaves Buldrin. Inventário de pesquisa: uma possibilidade de organização de dados da investigação. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 03, n. 08, p. 532-547, maio/ago. 2018.

PEREIRA, Cynara Cristina Domingues Alves et al. AS CONSEQUÊNCIAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR PÓS PANDEMIA. **Revista Políticas Públicas & Cidades**, v. 13, n. 2, p. e1131-e1131, 2024.

RECH, Rose Aparecida Colognese; BOFF, Eva Teresinha de Oliveira. A constituição da identidade docente e suas implicações nas práticas educativas de professores de uma universidade comunitária. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 102, n. 262, p. 642-667, 2021.

OLIVEIRA, Thiago Mendes *et al.* **Impactos da infraestrutura e materiais didáticos na qualidade das aulas de educação física: perspectivas de professores (as) e diretores (as) nas escolas municipais de Santa Luzia/MG**. 2025.

SARTORI, Ademilde; ROESLER, Jucimara. **Educação superior a distância: gestão da aprendizagem e da produção de materiais didáticos impressos e on-line**. Ed. UNISUL, 2005.

SANTOS, Jonildo Viana dos. **Identidade docente e formação de professores Macuxi: do imaginário negativo à afirmação identitária na contemporaneidade**. 2015.

SARTORI, Ademilde; ROESLER, Jucimara. **Educação superior a distância: gestão da aprendizagem e da produção de materiais didáticos impressos e on-line**. Tubarão: Unisul, 2005.

SILVA, Alexandra Maria Sousa; XIMENES, Verônica Moraes. Discussões sobre saúde mental e suporte social entre estudantes universitários: Discussões sobre Saúde Mental e Suporte Social. **Revista Ciências Humanas**, v. 15, n. 1, 2022.

SOUZA, Ana Cris Nunes de. **A identidade profissional docente do egresso do curso de Licenciatura Dupla em Ciências: Biologia e Química/ISB/UFAM Coari-AM**. 2016.

SCHÖN, D. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, A. (Org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Formação docente: conhecimento científico e saberes dos professores. **Ariús, Campina Grande**, v. 13, n. 2, p. 121-132, 2007.

SILVA, Hélen Fagundes da. **Os Nós (auto) formativos: dimensões da trajetória e narrativa docente no processo formativo de educadores populares**. 2024.

SILVA, Jordania Karine Mendes *et al.* Patologia da madeira de uma construção rural ocasionada pela ação dos agentes biológicos. **Caderno Pedagógico**, v. 21, n. 13, p. e11449-e11449, 2024.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional Petrópolis**: Vozes, 2002.

TARDIF, M.; LESSARD, C.; LAHAYE, L. **Os professores face ao saber: esboço de uma problemática do saber docente**. Teoria & Educação, Porto Alegre, n. 4, p.215-233, 1991. TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TYLOR, E. B. **Primitive culture: researches into the development of mythology, philosophy, religion, language, art and custom**. 2. ed. London: John Murray, 1873. v. 1.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS.História. Universidade Federal do Amazonas, 2022. Disponível em: <<https://proresp.ufam.edu.br/editais/>>. Acesso em: 19 jan. 2025.

_____.História. Universidade Federal do Amazonas, 2007. Disponível em: <<https://proresp.ufam.edu.br/editais/>>. Acesso em: 19 jan. 2025.

_____.História. Universidade Federal do Amazonas, 2006. Disponível em: <<https://proresp.ufam.edu.br/editais/>>. Acesso em: 19 jan. 2025.

VENÂNCIO, LUCIANA; NETO, Luiz Sanches. A relação com o saber em uma perspectiva (auto) biográfica na educação física escolar. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) biográfica**, v. 4, n. 11, p. 729-750, 2019.

ZILBERMAN, Regina. **A dialética da leitura entre a democratização e o cânone**. In: PEREIRA, Danglei de Castro (Org.). Nas linhas de Ariadne: literatura e ensino em debate. Campinas: Pontes, 2017.

ZINI, Josiane *et al.* Estudo de metais e de substâncias tóxicas em brinquedos. **Química nova**, v. 32, p. 833-838, 2009.